

# O Eterno Marido

Fiódor Dostoiévski

# 1 - Veltchanínov

Chegou o Verão, e Veltchanínov, contra as suas expectativas, ficou em Petersburgo. A sua viagem ao Sul da Rússia gorara-se, e o problema de que andava a tratar, um processo litigioso relativamente a uma herdade, tomava um péssimo rumo, não se lhe vislumbrando o fim. Ainda três meses antes parecia bastante simples, quase indiscutível; de repente, tudo mudou. "No geral, está tudo a piorar!"—repetia agora Veltchanínov com frequência e com azedume. Recorreu a um advogado hábil, caro e de renome, e não olhava a despesas; mas, por impaciência e desconfiança, ele próprio se meteu a tratar também do assunto: lia e escrevia papéis que o advogado rejeitava como inúteis, corria as instituições, pedia informações e, pelos vistos, era um estorvo; pelo menos, o advogado queixava-se disso e insistia com ele para que fosse até à casa de campo descansar. Veltchanínov, porém, não se atreveu a partir. A poeira, o sufoco, as enervantes noites brancas de Petersburgo—eis os prazeres que a capital lhe reservava. O seu apartamento, que alugara havia pouco, era para os lados do Teatro Bolchói, e também não o satisfazia; "nada está a correr bem!" A cada dia que passava, crescia nele a hipocondria; de resto, havia muito que era propenso à hipocondria.

Era um homem que já vivera muito e à grande, não muito jovem—uns trinta e oito ou trinta e nove anos—, e toda esta "velhice", como ele dizia, o atingiu "quase inesperadamente"; mas também compreendia que tinha envelhecido mais na qualidade dos seus anos, por assim dizer, do que na quantidade, e que, se ficou enfermiço, foi mais por dentro do que por fora. Na aparência, de facto, era ainda um homem garboso. Alto e forte, cabelo loiro e espesso, sem uma única branca na cabeça e na barba comprida castanho-clara, quase até meio do peito, parecia, à primeira vista, um tanto desajeitado e desleixado; mas quem o olhasse com mais atenção notava imediatamente nele o senhor de formação excelente e que tivera uma educação de alta sociedade. As maneiras de Veltchanínov eram, ainda agora, desenvoltas, decididas e, até, graciosas, apesar de todo o ar rabugento e desajeitado que adquirira. Mantinha ainda a sobranceria mais inabalável e mais descarada do homem da alta sociedade, e talvez nem ele próprio se desse conta de tal sobranceria, apesar de inteligente e mesmo

esperto, às vezes, quase culto e de talentos incontestáveis. As cores do seu rosto, aberto e rosado, distinguiam-se outrora por uma ternura feminina e atraíam a atenção das senhoras; mesmo hoje, havia quem dissesse, ao olhar para ele: "Um homenzarrão, e com esta tez de lírio e rosa!" Contudo, este "homenzarrão" sofria de uma cruel hipocondria. Os seus grandes olhos azul-claros também dantes, uns dez anos atrás, continham bastante força vitoriosa; eram tão claros, tão alegres e despreocupados que atraíam naturalmente quem conhecesse Veltchanínov. Agora, quase nos quarenta, a luz clara e a bondade quase se apagaram nestes olhos já cercados de rugas finas; pelo contrário, havia agora neles o cinismo da pessoa de moral duvidosa, da pessoa cansada, e também uma astúcia, quase sempre uma ironia, e um matiz novo que dantes não existia: um matiz de tristeza e dor—uma tristeza como que distraída, sem motivo, mas forte. Quando ficava sozinho, a tristeza vinha-lhe mais ao de cima. Coisa estranha: este homem, havia dois anos ainda espalhafatoso, alegre e distraído, contador de histórias engraçadas num jeito simpático, agora gostava, mais do que tudo, de ficar sozinho. Abandonou intencionalmente muitíssimos dos seus amigos e conhecidos, que poderia conservar apesar da grande reviravolta na sua situação financeira. Para falar verdade, o seu amor-próprio também contribuiu para isso: com a cisma e a vaidade dele era-lhe impossível aguentar conhecimentos antigos. Entretanto, ao retirar-se, essa vaidade foi também mudando, a pouco e pouco. Não diminuiu, pelo contrário, mas começou a transformar-se numa vaidade de género muito especial, que dantes não tinha: sofria às vezes por outras causas que não as anteriores—por causas inesperadas e antes de todo impensáveis, por causas de "ordem superior", "se é permitida a expressão, se realmente existem causas superiores e inferiores...", acrescentava ele próprio.

Sim, chegou a este ponto: atormentava-se agora por umas quaisquer causas superiores que antes nem imaginava. No seu fundo, na sua consciência, chamava superiores a todas as "causas" de que (para sua própria admiração) não conseguia rir-se—o que dantes nunca acontecia; rir-se no seu íntimo, claro; oh, em sociedade era outra coisa! Sabia perfeitamente que, se as circunstâncias o permitissem e apesar de todas as decisões misteriosas e reverentes da sua consciência, era capaz de abjurar logo no dia seguinte, em voz alta e na maior das calmas, todas essas "causas superiores" e de ser o primeiro a ridicularizá-

las, sem se confessar, evidentemente. Assim era, de facto, apesar de uma dose, bastante considerável até, de independência de pensamento em relação às "causas inferiores" que o vinham dominando até ao momento. Quantas vezes, ao levantar-se de manhã, não teve vergonha dos pensamentos e sentimentos que o tinham acometido durante a insónia nocturna! (É que, nos últimos tempos, sofria de insónias permanentes.) Havia muito que se reconhecia extremamente cismático em tudo, nas coisas importantes e nas insignificantes, pelo que decidiu confiar em si mesmo o menos possível. Havia, porém, factos que ressaltavam, que era impossível não reconhecer como realmente existentes. Às vezes, ultimamente, os seus pensamentos e sentimentos nocturnos alteravam-se por completo em comparação com os habituais e, na sua maioria, não tinham qualquer semelhança com os diurnos. Este facto até o espantou: chegou a pedir conselho a um médico famoso, seu amigo, de resto.

Começou a conversa, claro, num tom de brincadeira. Ouviu a resposta de que a alteração, e mesmo a duplicidade, dos pensamentos e sentimentos durante a insónia nocturna seria um facto geral e próprio das pessoas "que pensam e sentem muito"; e que, às vezes, as convicções de toda uma vida mudavam de repente sob a influência melancólica da noite e da insónia: eram tomadas, sem mais nem menos, decisões de carácter fatal; apesar disso, claro, tudo tem os seus limites—se o indivíduo acaba por sentir em demasia tal duplicidade, a ponto de as coisas chegarem ao sofrimento, isso já é sintoma de doença, pelo que se torna necessário tomar de imediato algumas medidas. O melhor será mudar radicalmente de modo de vida, de dieta ou, até, empreender uma viagem. É benéfico, sem dúvida, tomar um laxante.

Veltchanínov não quis ouvir mais; fora-lhe, contudo, incontestavelmente diagnosticada a doença.

"Portanto, tudo isto é apenas uma doença, todas estas coisas "superiores" são apenas doença e nada mais!"—exclamava de vez em quando, cáustico, de si para si. Não lhe apetecia nada concordar com isso.

Muito em breve começou, porém, a repetir-se de manhã o que dantes só acontecia à noite, mas mais bilioso do que nas horas nocturnas, com raiva em vez de arrependimento, com ironia em vez de enternecimento. Tratava-se, na essência, de acontecimentos da sua vida, havia muito passada, que lhe vinham à memória cada vez mais, e de um modo muito especial. Por exemplo, Veltchanínov vinha queixando-se de falhas de memória: esquecia

os rostos dos conhecidos, que se ofendiam por isso; um livro lido meio ano atrás varria-se-lhe da memória durante esse período. Ao mesmo tempo, apesar desta evidente e quotidiana perda da memória (o que o preocupava muito), tudo o que lhe parecia pertencer a um passado longínquo, tudo aquilo de que perdera a memória durante dez ou quinze anos lhe ressurgia repentinamente, e com uma exactidão tão espantosa de impressões e pormenores que parecia estar a vivê-lo de novo. Coisas de que se lembrava agora tinham estado esquecidas a um ponto tal que o simples facto de as recordar agora lhe parecia milagre. Mas havia mais, além da simples recordação (com efeito, quem, de entre aqueles que tiveram uma vida cheia, não terá lembranças de certo género?): o mais importante era que as recordações lhe voltavam agora envolvidas num ponto de vista inteiramente novo, inesperado, dantes impensável, e como se alguém o tivesse preparado expressamente. Por que razão algumas recordações lhe pareciam agora verdadeiros crimes? E não se tratava apenas de ditames do seu intelecto: se assim fosse, não teria acreditado na sua mente sombria, solitária e doentia; mas era alguma coisa que chegava às maldições, às lágrimas, se não exteriores, de certeza interiores.

Ainda dois anos atrás não teria acreditado se lhe dissessem que um dia havia de chorar! De início, aliás, ocorriam-lhe à memória coisas cáusticas, e não sentimentais; alguns falhanços em sociedade, algumas humilhações; lembrava-se, por exemplo, de ter sido "caluniado por um intriguista" e de, em consequência disso, deixarem de o receber em determinada casa; lembrava-se de ter sido insultado clara e publicamente, por acaso havia pouco tempo, e não ter desafiado o ofensor para duelo; de o terem alfinetado com um epigrama, por sinal muito espirituoso, na presença de umas mulheres muito bonitas, e de não ter achado resposta adequada. Lembrou-se até de duas ou três das suas dívidas nunca pagas, na verdade muito insignificantes, mas dívidas de honra, e do dinheiro que devia a umas pessoas com quem cortara relações e de quem falava mal. Atormentava-o também (mas só nos momentos piores) a recordação de duas fortunas desbaratadas estupidamente, ambas consideráveis. Breve começou, porém, a lembrar-se das coisas "superiores".

Veio-lhe à memória repentinamente, por exemplo, "sem mais nem menos", a figura esquecida—totalmente esquecida—de um velho funcionário de cabelo branco, bondoso e cómico, que ele outrora insultara, pública e impunemente, apenas por fanfarronice: só para que se não

perdesse um trocadilho engraçado e feliz que lhe viria a dar fama e seria depois repetido por todos. De tal modo se esquecera deste facto que nem o nome do velhote fixara, embora as circunstâncias do episódio se lhe apresentassem de imediato e com uma nitidez inconcebível.

Recordava vivamente que, na altura, o velho tomara a defesa da filha, que vivia com ele e não havia meio de arranjar casamento, e acerca da qual começavam já a correr rumores pela cidade. O velho começara por responder e se zangar, mas de repente desfez-se em choro diante de toda a gente, o que até produziu alguma impressão. Acabariam por embebedá-lo com champanhe e gozar muito com ele. E agora que Veltchanínov se lembrava "sem mais nem menos" do velho a chorar e a tapar a cara com as mãos como uma criança, pareceu-lhe de súbito que era impossível ter-se esquecido disso. Coisa estranha: na altura parecia-lhe tudo muito engraçado, mas agora não achava graça nenhuma, principalmente a pormenores como o de ele tapar a cara com as mãos. Depois recordou que, por pura brincadeira, tinha caluniado a bonita mulher de um mestre-escola, chegando a calúnia aos ouvidos do marido.

Veltchanínov saiu entretanto dessa cidadezinha, desconhecendo por isso os resultados da sua calúnia. Agora, porém, imaginava esses resultados, e só Deus sabe até que ponto o levaria a imaginação se, de repente, não lhe surgisse uma recordação muito mais próxima que tinha a ver com uma rapariga de origem simples, popular (1) de condição, de quem nem sequer gostara, a ponto de se envergonhar das suas relações com ela, mas de quem tivera um filho, abandonando depois mãe e filho sem ao menos se despedir quando partira de Petersburgo (também é verdade que não tivera tempo). Mais tarde haveria de procurar essa rapariga durante um ano inteiro, sem êxito. Aliás, devia ter quase uma centena de recordações deste género, e dava a ideia de que cada uma delas puxava dezenas de outras. A pouco e pouco, também o seu amor-próprio se começava a degradar.

Já tínhamos dito que o seu amor-próprio degenerara numa coisa especial. E tínhamos razão. Por momentos (embora raros), chegava a desligar-se tanto da realidade que nem sequer o envergonhava o facto de não ter carruagem própria e ter de se arrastar a pé pelas instituições, e de se desleixar um pouco com a roupa que vestia. E se algum dos seus antigos conhecidos o medisse na rua com um olhar irónico ou, simplesmente, fingisse não o reconhecer, teria a altivez suficiente, palavra de honra, para nem sequer franzir a cara. Não a franzir a sério, e não só pelas aparências. É

claro que isso lhe acontecia raramente, tratava-se apenas de alguns minutos de irritação em que se desligava da realidade; mesmo assim, era evidente que o seu amor-próprio começava a pouco e pouco a afastar-se dos motivos anteriores e a concentrar-se em torno de uma questão que lhe passava constantemente pela cabeça.

*(1) "Popular" (na tradução aqui adoptada) corresponde a "não nobre" ou "plebeu". Na muito estratificada hierarquia da sociedade russa do século XIX-inícios do século XX, era, logo a seguir aos camponeses (mujiques), a classe mais baixa. Os funcionários, mesmo os de escalão mais baixo, já tinham um dos muitos graus honoríficos em que se dividia a sociedade russa. (NT)*

"Vejam só—começava às vezes a pensar, satiricamente (a propósito, sempre que pensava em si começava de modo satírico)—,vejam só que há alguém lá em cima que se preocupa em corrigir a minha moral e me manda estas malditas recordações e estas "lágrimas de arrependimento". Que seja, mas é tudo inútil! Como tiros de cartuchos sem carga! Será que eu não sei, e com certeza, com uma certeza absoluta, que, apesar de todos estes arrependimentos lacrimogéneos e de todas estas autocon-denações, não existe em mim a mais pequena migalha de independência, apesar de todos os meus estúpidos quarenta anos! Porque, se amanhã cair na mesma tentação, se, por exemplo, as circunstâncias voltassem a coincidir de maneira a que me fosse vantajoso espalhar o boato de que a mulher do mestre-escola aceitou presentes meus, com certeza não teria escrúpulos em espalhar o boato, e o resultado seria ainda pior, mais nojento do que da primeira vez, precisamente porque seria a segunda vez e não a primeira. Se me voltasse a insultar outra vez, digamos, aquele príncipezeco, filho único da mamã, a quem há uns tempos dei cabo de uma perna com um tiro, pois voltaria a desafiá-lo para duelo e arranjar-lhe-ia uma perna de pau. Nesse caso não seriam cartuchos sem carga, não; aliás, que utilidade têm eles? E para que me serve lembrar isto tudo, se não sei desembaraçar-me a mim próprio de forma razoável?"

Embora não fosse repetir-se o caso da mulher do mestre-escola, embora não viesse a arranjar pernas de pau para mais ninguém, só a ideia de que isso deveria inevitavelmente repetir-se, caso as circunstâncias também se repetissem, mortificava-o... às vezes. Com franqueza, não é obrigatório

estarmos sempre a atormentar-nos com recordações. Também podemos, nos intervalos, descansar e distrair-nos.

Era isso mesmo o que fazia Veltchanínov: estava sempre pronto a distrair-se nos intervalos. Mesmo assim, a sua vida em Petersburgo tornava-se cada vez mais desagradável. Já se aproximava o mês de Julho. Às vezes cintilava-lhe na cabeça a vontade de largar tudo, incluindo o próprio litígio em tribunal, e partir para qualquer lado sem olhar para trás, assim de chofre, espontaneamente, nem que fosse para a Crimeia, por exemplo. Mas nem uma hora passava e já repudiava a ideia e se ria dela: "Estes pensamentos repugnantes, uma vez que começaram, não deixarão de me perseguir também no Sul, e se eu tiver um pouco de decência, pelo menos, não tenho o direito de fugir deles, o que de resto também seria inútil.

"Fugir para quê?—continuava a filosofar.—Aqui está tudo tão poeirento, o ar tão abafado, esta casa está tão emporcalhada; nestas instituições por onde vagueio, por entre toda esta gente de negócios, há tanta azáfama dos ratos, as pessoas andam tão preocupadas e acotovelam-se tanto; em todas estas pessoas que ficaram na cidade, em todas estas caras que passam diante dos nossos olhos de manhã à noite está escrito de modo tão ingénuo e aberto todo o egoísmo, todo o descaramento simplório, toda a cobardia das suas almas mesquinhas, todos os seus corações de galinhas, que, francamente e para falar a sério, isto é um paraíso para o hipocondríaco. Tudo às claras, aberto, ninguém acha sequer necessário encobrir-se, como entre as senhoras por essas casas de campo ou essas termas no estrangeiro—portanto, graças à mera franqueza e simplicidade, tudo é muito mais digno de respeito... Não vou para lado nenhum! Nem que rebente aqui, não vou!..."

## 2 - O senhor com fita de luto no chapéu

Dia 3 de Julho. O sufoco e o calor eram insuportáveis. O dia começou com grande agitação para Veltchanínov: toda a manhã se viu obrigado a andar de um lado para outro, a pé ou de coche, além da necessidade imprescindível que tinha de ir ainda de tarde à casa de campo de um senhor, homem de negócios e conselheiro de Estado, algures para as bandas do Rio Tchiórnaia, tentando apanhá-lo em casa de imprevisto. Passava das cinco quando Veltchanínov entrou finalmente num restaurante (muito duvidoso, embora francês) da Avenida Néovski, perto da Ponte Politséiski; sentou-se no seu canto habitual e mandou que lhe trouxessem o seu almoço de todos os dias.

Era uma refeição de um rublo, com vinho à parte, o que, dada a sua situação precária, ele considerava um sacrifício sensato. Admirando-se como era possível comer semelhante porcaria, costumava devorar tudo, mesmo assim, até à última migalha, como se não tivesse comido durante três dias. "Isto é doentio" - murmurava de si para si quando atentava no seu apetite. Desta vez, contudo, sentou-se à mesa num estado de ânimo péssimo, atirou o chapéu com irritação sem reparar para onde, apoiou-se nos cotovelos e ficou pensativo. Se o senhor que estava a almoçar perto dele se mexesse de um modo que ele considerasse incomodativo, ou se o moço que o servia não o compreendesse à primeira, então, por mais educado e imperturbavelmente altivo que soubesse ser quando era preciso, seria capaz de se portar como um Junker (2) barulhento e armar talvez um escândalo.

Servida a sopa, pegou na colher mas, de repente, mesmo antes de a encher, atirou-a para a mesa e quase deu um pulo. Uma ideia inesperada se acendera nele: naquele instante—só Deus sabia por que processo mental—consciencializou plenamente a causa da sua angústia, daquela angústia especial que dias seguidos o vinha atormentando sem parar e que só Deus sabia como se lhe pegara e que só Deus sabia por que não queria largá-lo. Pois bem, naquele instante percebeu tudo, ficou a conhecer tudo como a palma da sua mão.

— É aquele chapéu!—murmurou numa espécie de inspiração.—Pura e simplesmente, aquele maldito chapéu redondo, com aquela maldita fita de luto, é a causa de tudo!

Começou a pensar e, quanto mais se aprofundava nas suas reflexões, tanto mais sombrio ficava e tanto mais surpreendente se lhe afigurava o caso.

"Mas... que raio de caso pode ser?—protestava, sem confiar em si mesmo.

Haverá nisto alguma coisa que se assemelhe a um caso?"

Era o seguinte: cerca de duas semanas atrás (não se lembrava bem, mas parecia-lhe que duas semanas atrás) encontrou pela primeira vez na rua, algures no cruzamento entre as ruas Podiátcheskaia e Mechánskaia, um senhor com fita de luto no chapéu. Era um homem como outro qualquer, nada havendo nele de muito especial, que lhe passou ao lado muito depressa mas mesmo assim o olhou com uma fixidez exagerada e, não sabia porquê, lhe atraiu de imediato a atenção, e de que modo! Pelo menos, a sua fisionomia pareceu familiar a Veltchanínov. Pelos vistos, já tinha deparado com aquele rosto em qualquer lado. "São milhares as fisionomias que encontramos ao longo da vida, não nos podemos lembrar de todas!"

Ao fim de caminhar mais uns vinte passos parecia já se ter esquecido do encontro, apesar daquela primeira impressão. Mas a impressão persistiu durante todo o dia e, o mais original, na forma de uma raiva sem motivo.

*(2) Junker (al.)—na Rússia czarista, educando da escola militar. (NT)*

Agora, duas semanas passadas, lembrava-se de tudo nitidamente e lembrava-se também de que não percebera donde provinha aquela raiva: a tal ponto o não percebera que nunca ligou nem fundamentou o seu mau humor daquela tarde inteira com o encontro matinal. Porém, o senhor se fez lembrado, logo no dia seguinte, esbarrando com Veltchanínov na Avenida Névski e voltando a olhar para ele de modo estranho. Veltchanínov cuspiu, mas logo de seguida espantou-se consigo por ter cuspidido. O certo é que também existem fisionomias que provocam logo à primeira vista uma repugnância sem motivo nem sentido. "Sim, devo tê-lo, de facto, encontrado nalgum lado"—murmurou Veltchanínov pensativamente, meia hora já depois do encontro. E, mais uma vez, passou toda a tarde de muito mau humor e, à noite, teve até um sonho mau. Mesmo assim, nunca lhe passou pela cabeça que toda a causa da sua nova e especial angústia fosse apenas aquele senhor enlutado, embora, naquela tarde, se tivesse lembrado dele por mais de uma vez.

Chegou a irritar-se, de passagem, com o facto de "essa porcaria" se atrever a invadir-lhe tantas vezes a memória; por outro lado, seria para ele humilhante, pelos vistos, atribuir-lhe toda a sua emoção, se acaso tal ideia lhe tivesse passado pela cabeça. Dois dias depois voltaram a encontrar-se entre a multidão aquando do desembarque de um vapor do Neva. Nesta terceira vez, Veltchanínov estava pronto a jurar que o homem do chapéu de luto o reconhecera e fizera uma tentativa de arrancar na sua direcção, levado e apertado pela multidão; até, ao que parecia, se atrevera a estender-lhe a mão; talvez até tivesse soltado um grito e o chamasse pelo nome. Isto, aliás, Veltchanínov não o ouvira distintamente, mas... "quem será, afinal, este canalha e por que não vem ter comigo, se realmente me conhece e tem tanta vontade disso?"—pensou com irritação, tomando um coche e dirigindo-se para o Mosteiro Smólni. Uma meia hora depois já discutia e levantava a voz na conversa com o seu advogado; e, ao fim da tarde e à noite caiu outra vez numa das mais fantásticas e abomináveis angústias. "Não será derramamento de bÍlis?"—perguntava a si mesmo, hipocondríaco que era, olhando-se ao espelho.

Portanto, aquele fora o terceiro encontro. Depois, durante cinco dias seguidos, "ninguém" lhe apareceu e, do "canalha", nem sombra. Entretanto, uma vez por outra, lembrava-se do homem da fita de luto. Veltchanínov, com um certo espanto, apanhava-se a si mesmo a pensar nele: "Estou com saudades dele ou quê?..."

Humm!... Também deve ter muito que fazer em Petersburgo. Estará enlutado por quem? Às tantas, o indivíduo reconheceu-me, mas eu não o reconheci a ele. Por que usa esta gente fita de luto? Não liga bem com eles... Quer-me parecer que, se o observar de perto, sou capaz de o reconhecer..."

Então, foi como se alguma coisa começasse a remexer na sua memória, como uma palavra conhecida que esquecemos de repente e tentamos recordar com todas as forças: está-nos na ponta da língua, e sabemos isso; sabemos exactamente o que significa, mas andamos às voltas e não há meio de a recordarmos, por mais que tentemos!

"Aconteceu... Aconteceu há muito... em qualquer parte... Foi... foi... diabos o levem, foi ou não foi?...—gritou de repente, com raiva.—E valerá a pena a gente emporcalhar-se e humilhar-se por causa de um canalha destes?!..."

Irritou-se terrivelmente; mas, ao fim da tarde, ao lembrar-se de que se zangara "terrivelmente", sentiu grande desgosto: foi como se alguém, em certo sentido, o tivesse apanhado em flagrante. Sentiu-se embaraçado e surpreendido: "Deve haver motivos para me enraivecer desta maneira... sem mais nem menos... apenas por causa de uma recordação..." Não acabou de formular a ideia.

No dia seguinte irritou-se ainda mais, mas, dessa vez, achou, e com razão, que havia motivo para tal; foi um "atrevimento nunca visto": aconteceu o quarto encontro. O homem de luto surgiu de novo, como brotando da terra. Veltchanínov acabava de apanhar na rua o conselheiro de Estado que tão indispensável lhe era, o tal que ele procurava apanhar nem que fosse na casa de campo, de imprevisto, já que este funcionário, que Veltchanínov conhecia mal mas de quem necessitava para resolver os seus problemas, continuava a escapar-se-lhe como dantes e, tudo o indicava, se escondia, sem vontade nenhuma de encontrar-se com Veltchanínov; contente por ter esbarrado finalmente com ele, Veltchanínov pôs-se a andar ao seu lado, apressando-se, espreitando-lhe para os olhos e esforçando-se ao máximo por desviar a conversa com a velha raposa para o tema que lhe convinha e sobre o qual esta talvez deixasse escapar a palavrinha havia muito procurada e ansiada; mas a velha raposa também não dava ponto sem nó, respondia com piadas, esquivava-se. Foi então que, neste exacto instante de tanto afobamento, o olhar de Veltchanínov distinguiu, de repente, no outro passeio da rua, o senhor da fita de luto no chapéu. O homem estava parado e olhava fixamente para ambos; seguia-os, era óbvio, e parecia mesmo estar a rir-se.

"Cos diabos!—enfureceu-se Veltchanínov depois de se ter despedido do funcionário e atribuindo todo o fracasso da conversa com ele ao aparecimento inesperado do "descarado".—Cos diabos, ele anda a espiar-me ou quê? É evidente que me espia! Alguém o terá contratado e... e... e, juro por Deus, estava a rir-se de mim! Juro por Deus que o espanco... É pena eu não ter bengala. Compro uma! Não deixo as coisas assim! Quem será? Quero saber quem ele é!"

Por fim—três dias certos após o último encontro (o quarto)—, vamos encontrar o Veltchanínov, tal como já foi descrito, no seu restaurante, já completa e seriamente emocionado, e mesmo um pouco embaraçado. Ele próprio tinha de o reconhecer, apesar de todo o seu orgulho, porque era um facto ter finalmente descoberto, depois de confrontadas todas as

circunstâncias, que a causa de toda a sua aflição, de toda a sua angústia especial e de todas as suas emoções das duas últimas semanas mais não era do que esse mesmo cavaleiro de luto, "apesar de toda a sua insignificância".

"Verdade que posso ser hipocondríaco—pensava Veltchanínov—e que, por isso, estou pronto a fazer de um argueiro um cavaleiro; mas, será algum alívio para mim que tudo isso talvez tenha sido apenas fantasia? Porque, se cada velhaco da laia deste for capaz de transtornar completamente uma pessoa, então é... é..."

De facto, neste presente (o quinto) encontro, que tinha emocionado desta maneira Veltchanínov, o cavaleiro apresentara-se quase como um argueiro: o dito senhor, tal como antes, esgueirou-se passando-lhe ao lado, mas desta vez já sem examinar Veltchanínov e sem exhibir que o tinha reconhecido, como fazia antes: pelo contrário, baixou os olhos, parecendo querer muito não ser visto. Veltchanínov voltou-se e gritou-lhe a plenos pulmões:—Eh, o senhor, fita de luto! Agora quer esconder-se? Alto! Quem é o senhor?

A pergunta e toda a gritaria eram completamente despropositadas. Mas Veltchanínov só o percebeu depois de ter gritado. Ao ouvir o grito, o senhor voltou-se, parou por um instante, atrapalhou-se, sorriu, quis dizer alguma coisa e, de repente, virou as costas e deitou a correr a sete pés. Veltchanínov olhava-lhe para as costas, espantado.

"Mas se—pensou—,mas se, na verdade, não é ele quem me incomoda mas, pelo contrário, sou eu quem o incomoda a ele, e a confusão consiste nisso?"

A seguir ao almoço apressou-se a ir à casa de campo do funcionário. Não o apanhou. Disseram-lhe que "saiu de manhã e não voltou ainda, e era pouco provável que hoje voltasse antes das duas ou três da madrugada, porque foi a uns anos e estava na cidade em casa do aniversariante". Foi um "desgosto" tal que, no primeiro acesso de fúria, Veltchanínov decidiu ir a casa do aniversariante, chegando mesmo a dirigir-se para lá; mas, percebendo pelo caminho que isso já era um exagero, a meio caminho largou o cocheiro e arrastou-se a pé para casa, junto do Teatro Bolchói. Sentia necessidade de andar a pé. Para acalmar os nervos, era preciso dormir bem à noite, custasse o que custasse, vencer a insónia e, para adormecer, tinha pelo menos de se cansar. Chegou a casa por volta das dez e meia—a distância era bastante grande—e, na verdade, bastante cansado.

O apartamento, que alugara em Março e com tanto azedume criticava e exprobrava, justificando-se a si mesmo com o facto de "ser passageiro", de ter sido obrigado contra vontade a "atrasar-se" em Petersburgo por causa desse "maldito litígio", era, contudo, um apartamento longe de ser imprestável e vergonhoso, como Veltchanínov o caracterizava. A entrada, de facto, era um pouco escura e "imunda", visto situar-se logo no interior do arco; mas o apartamento em si, no primeiro andar, consistia em duas assoalhadas grandes, bem iluminadas, com tecto alto; estavam separadas entre si pelo vestíbulo escuro e, deste modo, dando uma para o pátio e outra para a rua. À sala com janelas que davam para o pátio estava anexado um pequeno gabinete destinado a quarto de dormir; porém, Veltchanínov pôs lá os livros e a papelada, espalhados em desordem; dormia numa das divisões grandes, a que tinha janelas para a rua.

Faziam-lhe a cama em cima do divã. Os móveis eram razoáveis, embora usados, e havia mesmo alguns objectos caros, vestígios de um bem-estar passado: bibelots de porcelana e de bronze, tapetes grandes de Bucara, autênticos; sobreviveram até dois quadros nada maus; mas estava tudo numa desordem que saltava à vista, nada no devido lugar e, até, coberto de pó desde que a sua criada Pelagueia fora visitar a família a Nóvgorod e o deixara sozinho. Este estranho facto de ter criadagem do sexo feminino, e apenas uma criada, quase fazia corar Veltchanínov, ele, homem solteiro e da alta sociedade, com o desejo de continuar a manter-se fidalgo, embora estivesse muito contente com esta Pelagueia. A rapariga começara a trabalhar para ele logo na Primavera em que Veltchanínov se instalara nesta casa, sendo que antes ela trabalhara em casa de uma família amiga dele até ter partido para o estrangeiro. Pôs imediatamente tudo em ordem. Ora, com a partida de Pelagueia, Veltchanínov não ousava arranjar outra criada e também não valia a pena contratar um laçao por um espaço de tempo tão curto; além disso, não gostava de laçaios. Assim, todas as manhãs vinha arrumar a casa uma cunhada do guarda-portão, Mavra, a quem Veltchanínov, ao sair, deixava a chave e que não fazia absolutamente nada, limitando-se a cobrar o seu dinheiro e, ao que parecia, a roubar. Veltchanínov, porém, já não se importava com nada e até estava contente por ficar sozinho em casa. Sim, mas só até certo ponto: os seus nervos recusavam-se decididamente, por vezes, nos momentos biliosos, a aguentar tamanha "porcaria" e, quando voltava para casa, entrava quase sempre com repugnância.

Ora, desta vez, nem se deu ao trabalho de se despir: atirou-se para cima da cama e decidiu com irritação não pensar em nada e adormecer imediatamente, custasse o que custasse. E, coisa estranha: adormeceu de repente, mal a cabeça tocou na almofada; nunca, durante o último mês, lhe acontecera tal coisa.

Dormiu umas três horas, mas com um sono inquieto, com sonhos estranhos, como sonham as pessoas com febre alta. Tratava-se de um crime que ele tinha supostamente cometido e escondido, e de que o acusavam sem parar as pessoas que entravam em casa, vindas não se sabia donde. Acumulara-se ali uma terrível multidão e, mesmo assim, as pessoas não paravam de entrar, pelo que a porta escancarada já não se fechava. Todo o interesse acabou, porém, por se concentrar num homem estranho, outrora muito familiar a Veltchanínov, já falecido, mas que, por qualquer razão, também entrara. O mais torturante era Veltchanínov não saber que pessoa era aquela, ter esquecido o nome dele e não conseguir lembrá-lo.

Apenas sabia que, noutros tempos, gostara muito dele. Parecia que também todos os presentes esperavam daquele homem a palavra mais importante: a condenação ou a absolvição de Veltchanínov, e estavam todos impacientes. O homem, porém, continuava sentado à mesa e não se mexia, calado, não queria falar. O barulho não cessava, a irritação crescia e, de repente, Veltchanínov atirou-se, furioso, ao homem e bateu-lhe por ele se recusar a falar, sentindo nisso um estranho prazer. Desfaleceu-lhe o coração de horror e sofrimento por tê-lo feito, mas era nesse desfalecimento que residia o prazer. Completamente desvairado, bateu-lhe mais uma vez, e outra e, numa espécie de embriaguez de fúria e medo, que atingia a loucura, mas também um prazer desmedido, já não contava as pancadas, batia sem parar. Queria destruir tudo, tudo isso. De repente aconteceu qualquer coisa: toda a gente gritou terrivelmente e se virou, expectante, para a porta, e nesse momento soaram três toques sonoros da campainha, com tanta força como se alguém a quisesse arrancar da porta. Veltchanínov acordou, caiu em si num instante, pulou da cama e precipitou-se para a porta: tinha a certeza absoluta de que o toque da campainha não era um sonho, que realmente alguém tocara. "Não seria natural que um toque de campainha tão forte, tão real e tão palpável fosse apenas um sonho meu!"

Contudo, para seu grande espanto, também o toque da campainha fora um sonho.

Abriu a porta, saiu para o átrio, espreitou para as escadas: ninguém. A campainha estava imóvel. Estranhando aquilo, mas também contente, voltou para o quarto. Quando acendia a vela, lembrou-se de que a porta nunca estivera fechada à chave ou com o ferrolho. Já antes se esquecia muitas vezes de fechar a porta para a noite quando voltava a casa, pois não dava grande importância a isso.

Pelagueia por várias vezes lhe fez esse reparo. Voltou ao vestíbulo para fechar a porta, abriu-a mais uma vez, espreitou para o átrio e fechou a porta ao ferrolho e, por uma qualquer preguiça, sem rodar a chave na porta. O relógio bateu as duas e meia: portanto, só tinha dormido três horas.

O sonho abalara-o a um ponto tal que já não lhe apeteceu voltar a deitar-se e cirandou meia hora pelo quarto, "o tempo necessário para fumar um charuto".

Cobrindo-se a trouxe-mouxe com uma roupa qualquer, foi à janela, levantou a cortina grossa de damasco, depois o estore branco. Na rua já clareara completamente. As noites claras da Petersburgo estival sempre lhe produziam uma irritação nervosa e, ultimamente, agravavam a sua insónia: por isso arranjara para o efeito, umas duas semanas atrás, estas cortinas de damasco grosso para as janelas que, quando corridas completamente, não deixavam passar a claridade.

Deixando passar a luz e esquecendo-se de apagar a vela, pôs-se a andar pelo quarto, com um sentimento penoso e doentio. Sentia ainda a impressão produzida pelo sonho. O sofrimento por ter sido capaz de agredir, de bater naquele homem ainda persistia.

"Mas, se esse homem não existe nem existiu, é apenas um sonho, por que estou aqui com lamúrias?"

Com sanha, e como se nisso se concentrassem todas as suas preocupações, deu-lhe para pensar que começava a adoecer a sério, a tornar-se um "homem doente".

Sempre lhe foi penoso admitir que estava a ficar mais velho e mais fraco, e nos momentos maus exagerava de propósito, por raiva, ambas as coisas, troçando consigo mesmo.

— Senilidade! Estou mesmo a ficar senil—murmurava, andando às voltas—,estou a perder a memória, vejo fantasmas, tenho sonhos, tocam as campainhas... Raios! Sei por experiência que esses sonhos sempre foram de febre... Tenho a certeza de que toda esta "história" com o homem de luto também pode ser um sonho. Ontem pensei, no real, uma coisa certa: sou eu

quem o incomoda, não ele a mim! Fiz todo um poema deste tipo, mas meti-me debaixo da mesa com medo. E, por que lhe chamo canalha? Até pode ser uma pessoa decente. A cara dele é desagradável, é verdade, mesmo que não haja nela nada de muito feio, veste-se como toda a gente. Só o olhar é um pouco... Estou outra vez a bater no mesmo! Outra vez ele!! Que diabo me interessa o olhar dele? Não poderei viver sem este... patife, ou quê?

Uma ideia, entre outras que pululavam na sua cabeça, o tornou dolorosamente vulnerável: de repente, como que ficou com a certeza de que esse homem enlutado tinha dele um conhecimento íntimo e que, agora, ao cruzar-se com ele o gozava porque sabia um qualquer segredo antigo da sua vida e porque o via naquele seu estado humilhante actual. Aproximou-se maquinalmente da janela para a abrir e aspirar o ar da madrugada e, de súbito, estremeceu: pareceu-lhe ver diante dos olhos uma coisa extraordinária e sem precedentes.

Ainda não tinha aberto as portadas e já recuava para trás do vão da janela, escondendo-se ali: viu no passeio oposto à casa, mesmo à sua frente, o homem com fita de luto no chapéu. Estava de cara voltada para as janelas, mas parecia não reparar em Veltchanínov e, coisa curiosa, examinava o prédio como se reflectisse. Parecia ponderar alguma coisa, se deveria decidir-se ou não; levantou a mão e, parecia, levou o dedo à testa. Por fim, decidiu-se: olhou rapidamente à volta e, em bicos de pés, sorrateiramente, apressou-se a atravessar a rua. Isso mesmo: atravessou o portão (que no Verão não era trancado às vezes até às três da manhã). "Está a vir para cá"—passou pela cabeça de Veltchanínov e, repentina, velozmente e também em bicos de pés, correu para o átrio e imobilizou-se ao lado da porta, calado, à espera, com a mão direita a tremer em cima do ferrolho da porta, escutando com todas as forças que começassem a restolhar os passos nas escadas.

O coração batia-lhe tanto que tinha medo de não ouvir o desconhecido a subir as escadas em bicos de pés. Não estava a compreender o que se passava, mas sentia tudo com uma plenitude decuplicada. Parecia-lhe que o sonho recente se confundia com a realidade. Veltchanínov era corajoso por natureza. Por vezes gostava mesmo de levar a sua intrepidez até uma espécie de fanfarronice, esperando pelo perigo—mesmo que ninguém estivesse a olhar para ele, bastando-lhe encantar-se consigo mesmo. Mas agora havia mais qualquer coisa. O hipocondríaco choramingas e desconfiado de há pouco metamorfoseara-se por completo, era agora uma

pessoa absolutamente outra. Um riso nervoso, indistinto estava a querer escapar-se-lhe do peito. Para lá da porta fechada adivinhava cada movimento do desconhecido.

"Ah-ah! Está a subir, já subiu, olha à volta; escuta se estará alguém no fundo das escadas; sustém a respiração, aproxima-se sorrateiramente... ah-ah!, pegou na maçaneta, puxa, está a tentar! Pensava que a porta não estava fechada!

Portanto, sabia que às vezes eu me esqueço de a fechar! Está outra vez a mexer a maçaneta; o que pensa ele? Que o ferrolho cai? Não quer largar! Terá pena de se ir embora com as mãos a abanar?"

Efectivamente, tudo devia estar a passar-se como ele imaginava: de facto, alguém estava do outro lado da porta e, levemente, sem barulho, experimentava a fechadura e puxava pela maçaneta; e... "obviamente, tinha uma intenção". Mas Veltchanínov já tinha pronta a solução do problema e, como em êxtase, esperava o momento, apontava para o alvo: teve uma vontade irresistível de correr o ferrolho, abrir de repente a porta de par em par e ficar cara a cara com o "monstro". "O que faz aqui, excelentíssimo senhor?"

E foi assim que aconteceu. No momento certo, correu de repente o ferrolho, empurrou a porta... e quase esbarrou com o homem de luto.

### 3 - Pável Pavlovitch Trussóíski

O homem pareceu petrificar-se. Os dois estavam frente a frente, à entrada da porta, e fitavam os olhos um no outro. Passaram-se assim alguns instantes e, de súbito... Veltchanínov reconheceu o visitante!

No mesmo instante, o visitante também se deve ter apercebido de que Veltchanínov o reconhecera: brilhou-lhe no olhar. Num instante, toda a sua cara como que se derreteu num sorriso dulcíssimo.

— Parece-me que tenho o prazer de falar com Aleksei Ivánovitch?— quase cantou numa voz que, dadas as circunstâncias, era das mais ternas e inconvenientes, raiando a comicidade.

— Não será Pável Pávlovitch Trussótski?—articulou finalmente Veltchanínov, com um ar perplexo.

— Conhecemo-nos cerca de nove anos atrás em T... e, se me permite lembrar-lho, éramos bons conhecidos.

— Sim... talvez... mas agora são três da madrugada, e o senhor passou dez minutos a experimentar se a minha porta estava fechada ou...

— Três horas!—exclamou o visitante, consultando o relógio e manifestando uma estranheza amarga.—Exactamente: três! Peço perdão, Aleksei Ivánovitch, devia ter compreendido ao entrar, até tenho vergonha. Um destes dias passo por aqui e esclareço as coisas, e agora...

— Oh, não! Se quer esclarecer alguma coisa, por favor, faça-o imediatamente! — caiu em si Veltchanínov.—Faça o favor, entre. O senhor, claro, veio para entrar e não para experimentar fechaduras à noite...

Estava emocionado e aturdido ao mesmo tempo, sentia que não era capaz de pôr as ideias em ordem. Sentia mesmo vergonha: é que não havia nada de mistério ou perigo, nada de fantasmagórico; estava apenas ali a figura ridícula de um Pável Pávlovitch qualquer. Contudo, não conseguia acreditar que fosse tudo tão simples; pressentia vagamente e com medo alguma coisa. Oferecendo ao visitante a poltrona, sentou-se com impaciência na sua cama, a um passo da poltrona, inclinou-se, apoiou as palmas das mãos nos joelhos e ficou à espera, irritado, que o outro falasse. Observava-o avidamente e recordava. Mas, coisa estranha: o outro calava-se, talvez não percebendo de todo que tinha a obrigação de começar a falar imediatamente; pelo contrário, olhava ele próprio para o dono da casa com um olhar expectante. Era possível que estivesse, simplesmente, intimidado,

sentindo nestes primeiros momentos o mesmo desconforto que um rato na ratoeira.

Mas Veltchanínov zangou-se.

— Então?—gritou.—Suponho que o senhor não é uma fantasia nem um sonho! Faz-me uma visita para brincar aos mortos, ou quê? Explique-se lá, caro senhor!

O visitante mexeu-se, sorriu e começou com cautela:—Se não me engano, o senhor está espantado, antes de mais, com o facto de eu ter vindo a esta hora e... nestas circunstâncias estranhas... Portanto, lembrando-me de como tudo se passou dantes e da maneira como nos despedimos na altura, estou até surpreendido... De resto, eu nem sequer queria entrar, e se entrei foi sem querer...

— Como é isso: sem querer? Vi o senhor pela janela, vi como atravessou a rua a correr em bicos de pés!

— Ah, viu! Então, se calhar, o senhor agora sabe mais do que eu sobre isso tudo!

Mas, parece que só estou a irritá-lo... Pronto, é assim: cheguei há três semanas, para tratar dos meus assuntos... É que eu sou Pável Pávlovitch Trussótski, o senhor mesmo me reconheceu. O assunto que me trouxe cá consiste em que estou a solicitar a minha transferência para outra província e para outro serviço, para um cargo muito mais elevado... de resto, também não é disso que se trata!... O principal, se quiser, é que ando a vaguear por aqui já lá vão três semanas e até parece que sou eu próprio quem anda a protelar o meu assunto, de propósito, isto é, a minha transferência, e, palavra de honra, mesmo que consiga alguma coisa, sou capaz de me esquecer que consegui e de não sair desta vossa Petersburgo neste meu estado de espírito. Vagueio por aí como se tivesse perdido de vista o meu objectivo e até como se estivesse contente por tê-lo perdido... neste meu estado de espírito...

— Que estado de espírito?—franziu a cara Veltchanínov. O visitante levantou os olhos para ele, pegou no chapéu e, já com uma dignidade firme, apontou para a fita de luto.

— Pois... neste estado de espírito!

Veltchanínov olhava, como que embotado do espírito, ora para a fita de luto, ora para a cara do visitante. Subitamente subiu-lhe o sangue à cara e ficou extremamente agitado.

— Não me diga que foi Natália Vassílievna!

— Ela mesma! Neste Março... A tísica... e quase de repente, em dois ou três meses! E eu fiquei... assim, como me vê!

Ao dizê-lo, o visitante abriu os braços com sentimento, segurando na mão esquerda o seu chapéu com fita de luto e baixando profundamente a cabeça durante, pelo menos, dez segundos.

A sua figura, a sua pose como que reanimaram de repente Veltchanínov; deslizou-lhe pelos lábios um sorriso irónico, mesmo provocador—para já, apenas por um instante; a notícia da morte dessa senhora (que conhecera havia tanto tempo e que havia tanto tempo esquecera) produzia nele, agora, uma impressão inesperadamente perturbadora.

— Será possível?—murmurava as primeiras palavras que lhe vinham à cabeça. -

Mas por que não o disse logo quando entrou?

— Agradeço a sua condolência, registo-a e aprecio-a, apesar de...

— Apesar de?

— Apesar de tantos anos de separação, manifesta agora tanta condolência para com a minha desgraça, e até para comigo, que me sinto agradecido, evidentemente. Era só isso que queria dizer. Não é que eu duvide dos meus amigos, não; mesmo aqui, mesmo agora, encontro amigos dos mais sinceros (por exemplo, Stepan Mikháilovitch Bagaútov), mas acontece que o conhecimento entre mim e o senhor, Aleksei Ivánovitch (ou talvez amizade, porque a evoco com gratidão), data de há nove anos e não voltámos a ver-nos nem houve cartas de parte a parte...

O visitante falava como quem canta pela partitura, embora não deixasse de ter os olhos no chão enquanto se explicava, o que, sem dúvida, não o impedia de ver também mais acima. Por seu lado, o dono de casa também já tivera tempo de se recompor.

Com uma estranha impressão, cada vez mais forte, escutava e observava Pável Pávlovitch, e quando, de repente, este fez uma pausa, os mais variados e inesperados pensamentos afluíram à sua cabeça.

— Mas por que não o reconheci antes?—exclamou, agitado.—Afinal, cruzámo-nos na rua umas cinco vezes, pelo menos!

— Sim, também me lembro. O senhor aparecia-me sempre no caminho: duas, ou mesmo três vezes...

— O que é isso de: o senhor aparecia-me sempre, e não o contrário?

Veltchanínov levantou-se e, de repente, riu-se alto, aberta e bruscamente. Pável Pávlovitch calou-se, olhou para ele com atenção, mas

logo continuou:—Quanto ao facto de não me ter reconhecido, deve-se, em primeiro lugar, a ter-me esquecido; em segundo lugar, tive varíola, que me deixou algumas marcas na cara.

— Varíola? Teve mesmo varíola? Mas como é que...

— Como é que apanhei essa porcaria? Que coisas nos não acontecem, Aleksei Ivánovitch! Apanhamos porcarias quando menos o esperamos!

— De qualquer modo, tudo isso continua a ser muito cómico. Vá, continue, continue... querido amigo!

— Quanto a mim, embora o tenha encontrado...

— Espere! Por que disse que "apanhou essa porcaria"? Eu queria exprimir-me de maneira muito mais educada. Está bem, continue!

Por qualquer razão, sentia-se cada vez mais divertido. Depois da impressão perturbadora, outra disposição o dominava. Andava para trás e para a frente pela sala, muito depressa.

— Quanto a mim, embora o tenha encontrado também, e até tivesse a intenção de o procurar quando estava de partida aqui para Petersburgo, repito que me encontro agora num tal estado de espírito... tão destroçado desde o mês de Março...

— Ah, pois, destroçado desde o mês de Março... Espere, o senhor não fuma?

— Sabe bem que eu, com a Natália Vassílievna...

— Pois, pois. Mas depois de Março?

— Talvez, um cigarrinho.

— Aqui tem um cigarrinho. Fume e... continue! Continue, é terrível como me...

E, depois de acender o charuto, Veltchanínov voltou a sentar-se na cama. Pável Pávlovitch disse, após uma pausa:—Mas olhe que estou a vê-lo muito enervado; estará bem de saúde?

— Para o diabo com a minha saúde!—enraiveceu-se de repente Veltchanínov. — Continue!

Por seu lado, o visitante, vendo a emoção do dono da casa, ficava cada vez mais contente e convencido.

— Continuar o quê?—recomeçou.—Em primeiro lugar, Aleksei Ivánovitch, imagine um homem mortificado, ou seja, não só mortificado mas, por assim dizer, radicalmente mortificado; um homem que, depois de vinte anos de matrimónio, está a mudar de vida vagueando pelas ruas poeirentas sem um objectivo determinado, como se andasse pela estepe,

quase esquecido de si e encontrando até nesse esquecimento alguma coisa que o arrebatava. Então, é natural que, mesmo no caso de eu encontrar às vezes um conhecido, ou mesmo um verdadeiro amigo, o contornasse propositadamente, ou seja, não quisesse aproximar-me dele neste momento de esquecimento de mim. Por outro lado, há também momentos em que me vem tudo à memória e de tal modo anseio encontrar ao menos alguma testemunha e co-participante desse passado recente mas irrecuperável, e de tal modo me bate o coração que, não só de dia mas também de noite, arrisco atirar-me aos braços do amigo, nem que seja preciso acordá-lo já depois das três da madrugada. Só me enganei na hora, não na amizade, porque neste instante me sinto recompensado. Quanto às horas, palavra, pensava que não era ainda meia-noite, por causa deste meu estado de espírito. Bebo a minha própria tristeza e como que me inebrio com ela. Ou antes, nem é a tristeza, mas precisamente este meu neo-espírito que me atinge...

— Mas que expressões utiliza, francamente!—observou sombriamente Veltchanínov, tornando a ficar outra vez muito sério.

— Sim, exprimo-me de forma estranha...

— Não estará... a brincar?

— A brincar!—exclamou Pável Pávlovitch numa perplexidade amarga. —Naquele instante em que anuncio...

— Ah, não fale disso, peço-lhe!

Veltchanínov levantou-se e voltou a andar pela sala.

Assim se passaram uns cinco minutos. O visitante também já queria levantar-se, mas Veltchanínov gritou-lhe: "Fique sentado!"; e o outro sentou-se obedientemente na poltrona.

— Mas como o senhor mudou, francamente!—voltou a falar Veltchanínov, parando de súbito em frente dele, como se a ideia o tivesse espantado.—Mudou muito!

Extraordinariamente! É outra pessoa!

— Não admira: nove anos.

— Não, não, não, não são os anos! A sua aparência não mudou muito, foi outra coisa!

— É talvez o mesmo: nove anos.

— Ou talvez... desde Março!

— Eh-eh!—riu com manha Pável Pávlovitch.—O senhor quer transmitir alguma ideia jocosa... Mas, permita-me a pergunta: em que consiste, concretamente, a tal mudança?

— Em quê? Dantes era um Pável Pávlovitch assim imponente e decente, um Pável Pávlovitch espertalhão, e agora é um Pável Pávlovitch mesmo *vaurien* (2)!

Atingira um grau de irritação em que, por mais moderada que a pessoa seja, começa por vezes a falar de mais.

(2) *Em francês, no original: velhaco, patife. (NT)*

— Vaurien! Acha? E já não sou um "espertalhão"? Não sou espertalhão?—dizia Pável Pávlovitch entre risinhos e com prazer.

— Qual "espertalhão", c'os diabos! Agora penso que é mesmo esperto.

"Estou a ser descarado, mas este canalha ainda o é mais! E... qual será o objectivo dele?"—não deixava de pensar Veltchanínov.

— Ah, meu querido, meu inapreciável Aleksei Ivánovitch!—emocionou-se em extremo, e repentinamente, o visitante, mexendo-se na poltrona.—Que nos importa? Não estamos em sociedade, na brilhante alta sociedade! Somos dois ex-amigos, antiquíssimos e sincérrimos, e encontrámo-nos, por assim dizer, em perfeita cordialidade, e evocamos agora mutuamente aquela relação valiosa em que a falecida constituía um elo preciosíssimo da nossa amizade!

E parecia tão arrebatado pelo entusiasmo dos seus próprios sentimentos que voltou a inclinar a cabeça, como antes, mas tapando desta vez a cara com o chapéu. Veltchanínov seguia-lhe os gestos com repugnância e inquietação.

"E se ele for simplesmente um bobo?—passou-lhe pela cabeça.—Não, n-não, nem parece bêbedo!... aliás, talvez esteja, tem a cara vermelha. Esteja ou não, vai dar ao mesmo. Onde pretende ele chegar? O que querará este canalha?"

— Lembra-se, lembra-se?—gritava Pável Pávlovitch, afastando devagarinho o chapéu da cara, parecendo cada vez mais arrebatado pelas recordações.—Lembra-se dos nossos passeios para fora de portas, dos nossos saraus e serões com danças e brincadeiras inocentes em casa de sua excelência o altamente hospitaleiro Semion Semiónovitch? E as nossas leituras a três, pela noite fora?

E o momento em que nos conhecemos, quando o senhor chegou a minha casa de manhã, pedindo uma informação de que precisava, começando até aos gritos e, nisso, entrou Natália Vassílievna? Dez minutos

depois já o senhor era um sincérrimo amigo da nossa casa e assim se manteve durante um ano exacto: tal e qual como na Provinciana, a peça do senhor Turguénev...

Veltchanínov andava devagar, olhava para o chão, ouvia impaciente e repugnado, mas com muita atenção.

— Nunca me iria passar pela cabeça a Provinciana—interrompeu, um pouco embaraçado—,e o senhor também nunca me falou assim com essa voz chilreante e... nesse estilo tão pouco próprio de si. Para que é isto tudo?

— É verdade que, antes, eu estava quase sempre calado, ou seja, era mais taciturno—apressou-se a dizer Pável Pávlovitch.—O senhor bem sabe que, dantes, eu gostava mais de ouvir a falecida a falar. Lembra-se de como ela falava, com que espírito... Quanto à Provinciana e ao "Stupéndiev" (3), também nisso o senhor tem razão, porque nós próprios, mais tarde, eu e a inapreciável falecida, recordando em momentos de calma a sua pessoa (já o senhor tinha partido), comparávamos o nosso primeiro encontro consigo a esta peça... porque, de facto, havia semelhanças. Quanto ao "Stupéndiev"...

— Qual "Stupéndiev", qual quê!—gritou Veltchanínov e, completamente confuso por ouvir este nome, já que ele lhe trouxera à memória uma lembrança enervante, bateu mesmo com o pé no chão.

— "Stupéndiev" é uma personagem, um papel teatral do "marido" na peça Provinciana—piou com voz melíflua Pável Pávlovitch—,coisa que, aliás, pertence a outra categoria das nossas queridas e maravilhosas recordações, posteriores à sua partida, quando Stepan Mikháilovitch Bagaútov se dignou oferecer-nos a sua amizade, tal e qual como o senhor, mas no caso dele já por cinco anos exactos.

— Bagaútov? Quem? Que Bagaútov?—estacou, como petrificado, Veltchanínov.

— Bagaútov, Stepan Mikháilovitch, que nos ofereceu a sua amizade um ano depois do senhor e... da mesma maneira que o senhor.

— Ah, meu Deus, já sei do que se trata!—exclamou Veltchanínov, tendo finalmente percebido.—Bagaútov! Ele ocupava lá um cargo, na cidade...

*(3) Na Provinciana (1851) de Ivan Turguénev, a jovem esposa do funcionário idoso Stupéndiev seduz um conde que visita a casa deles. (NT)*

— Sim! Ocupava! Adstrito ao governador! Era de Petersburgo, um jovem elegantíssimo da mais alta sociedade!—soltava gritinhos Pável Pávlovitch, extremamente entusiasmado.

— Sim, sim, sim! Como é que eu?... É que ele também...

— Ele também, ele também!—secundava com o mesmo entusiasmo Pável Pávlovitch, agarrando-se à palavra descuidada do dono da casa.—Ele também! Foi na altura em que representámos a Provinciana, no teatro caseiro de sua excelência, o altamente hospitaleiro Semion Semiónovitch: Stepan Mikháilovitch no papel de "conde", eu no de "marido", e a falecida no de "provinciana"... Só que me tiraram o papel de "marido" por insistência da falecida, pelo que não cheguei a fazer de "marido", supostamente por falta de talento...

— Mas que raio de Stupéndiev é o senhor? O senhor é, antes de mais, Pável Pávlovitch Trussótski, não é Stupéndiev!—proferiu Veltchanínov sem cerimónias, grosseiramente e quase a tremer de irritação.—Só que, espere lá, esse Bagaútov está em Petersburgo, eu próprio o vi, foi nesta Primavera! Por que não vai visitá-lo também?

— Tenho lá ido todos os dias, nas três últimas semanas. Não me recebe! Está doente, não recebe! Imagine que me informei, de fontes fidedigníssimas, e está mesmo doente, com gravidade! Seis anos de amizade! Ah, Aleksei Ivánovitch, digo-lhe e repito-lhe que, neste meu estado de espírito, às vezes até tenho ganas de que a terra me engula, literalmente; mas há outros momentos em que me apetece abraçar alguém, precisamente alguém daqueles que, outrora, foram, por assim dizer, testemunhas oculares e co-participantes, e unicamente para desfazer-me em lágrimas, e para mais nada, só pelas lágrimas!...

— Pois bem, mas por hoje acho que, para si, já chega, não é?—disse bruscamente Veltchanínov.

— Chega, chega e sobra!—levantou-se o homem de imediato.—São quatro horas e, o mais grave, é que o incomodei de modo tão egoísta...

— Oiça: eu próprio passarei por sua casa, sem falta, e então espero que... Diga-me frontalmente, com franqueza: não está bêbedo hoje?

— Bêbedo? Nem por sombras...

— Não estive a beber antes de vir, ou ainda antes?

— Sabe uma coisa, Aleksei Ivánovitch? O senhor está mesmo com febre.

— Amanhã mesmo, de manhã, antes da uma, vou visitá-lo...

— Já reparei há muito que o senhor anda quase em delírio— interrompeu-o Pável Pávlovitch, insistindo no tema com prazer.—Sinto-me tão envergonhado, palavra de honra, por ter, com estas minhas maneiras desajeitadas... mas eu saio, já! E o senhor deite-se, durma...

— Mas por que não me diz onde mora?— lembrou-se Veltchanínov, gritando-lhe para as costas.

— Não lhe disse? No hotel de Pokrov...

— Em qual hotel de Pokrov?

— Junto à igreja de Pokrov, na ruela... esquecime do nome da ruela, e também do número, mas é mesmo ao lado da igreja...

— Eu encontro!

— Será bem-vindo! Saía já para as escadas.

— Espere!—voltou a gritar Veltchanínov.—Não vai fugir de mim, pois não?

— Como é isso, "fugir"?—esbugalhou os olhos Pável Pávlovitch, voltando-se para trás no terceiro degrau e sorrindo.

Em vez de resposta, Veltchanínov bateu com a porta, fechou-a cuidadosamente à chave e correu o ferrolho. Ao voltar ao quarto, cuspiu como se se tivesse sujado com alguma coisa.

Ficou especado no meio do quarto alguns cinco minutos, depois atirou-se para cima da cama sem se despir. Adormeceu num instante. A vela, esquecida, ardeu até ao fim em cima da mesa.

## 4 - Mulher, marido e amante

Dormiu profundamente e acordou às nove e meia em ponto. Soergueu-se no leito, sentou-se e começou logo a pensar na morte "dessa mulher".

A perturbação que teve ao receber a notícia inesperada deixou-o abalado, até mesmo com uma sensação de dor, mas na véspera, enquanto esteve na presença de Pável Pávlovitch, as ideias estranhas a essa morte como que abafaram por algum tempo essa dor. Agora, ao acordar, tudo o que acontecera nove anos atrás o atingiu de repente com uma extraordinária nitidez.

Gostava dessa mulher, a falecida Natália Vassílievna, esposa "desse Trussótski", e era amante dela nessa altura, quando, por causa de um assunto seu (também se tratava de um litígio a propósito de uma herança), ficara a viver na cidade de T... durante um ano, embora o processo em si não lhe exigisse uma presença tão prolongada ali. O motivo da sua estada era esse caso amoroso. O amor e a relação entre os dois dominavam-no com tanta força que se tornou quase escravo de Natália Vassílievna e capaz de cometer algo de monstruoso e absurdo se o mínimo capricho dessa mulher assim o exigisse. Nunca na vida lhe aconteceu nada de semelhante, nem antes nem depois. No fim desse ano, quando estava iminente uma separação, Veltchanínov ficou tão desesperado com a perspectiva da hora fatal da despedida—desesperado, sim, embora a separação fosse supostamente muito curta—que sugeriu a Natália Vassílievna raptá-la, roubá-la ao marido, e que ela deixasse tudo e fugisse com ele para o estrangeiro e para sempre. Só a troça e a resistência firme da senhora (apesar de, a princípio, ter aprovado o projecto, mas pelos vistos apenas por aborrecimento ou para se divertir) puderam fazê-lo desistir e partir sozinho. E depois? Depois, não se tinham passado ainda dois meses da separação, começou a fazer a si próprio, em Petersburgo, a pergunta que ficou para todo o sempre sem resposta: amava de facto essa mulher, ou tudo não passava de um "enfeitiçamento"? Não foi por leviandade ou por influência de uma nova paixão que tal pergunta nasceu nele: naqueles primeiros dois meses em Petersburgo andava ele numa espécie de frenesi, sendo pouco provável que pusesse os olhos noutra mulher, apesar de ter voltado, mal chegou, a frequentar a sua antiga sociedade de amigos e conhecidos e tivesse tido oportunidade de ver centenas de mulheres. Entretanto, sabia

perfeitamente que lhe bastava aparecer de novo em T... para cair imediatamente sob o encanto opressivo dessa mulher, apesar de todas as suas dúvidas recentes. Mesmo ao fim de cinco anos continuava com a mesma convicção. Só depois se compenetrou com indignação desse facto e começou mesmo a recordar "essa mulher" com ódio.

Envergonhava-se daquele seu ano em T... Nem sequer chegava a compreender como fora possível que ele, Veltchanínov, caísse numa paixão tão "estúpida"! Todas as recordações dessa paixão se transformaram num opróbrio para ele: corava até às lágrimas, sofria com os remorsos. É verdade que, com o correr dos anos, conseguiu acalmar-se um pouco, tentou esquecer tudo... e foi quase bem sucedido.

E, contudo, de repente, nove anos passados, com a notícia da morte de Natália Vassílievna tudo ressuscitava tão inesperada, tão estranhamente.

Agora, sentado na cama, com turvos pensamentos a vaguearem-lhe desordenados pela cabeça, sentia e percebia apenas uma coisa: apesar de toda a perturbação que à noite lhe causara a notícia, encarava essa morte com muita calma. "Será que nem sequer lamento a sua morte?"—perguntava a si mesmo. Na verdade, já não sentia ódio por ela e podia julgá-la de modo mais imparcial e justo. Na sua opinião, formada, aliás, havia muito, no decurso dos nove anos de separação, Natália Vassílievna fazia parte de uma categoria de senhoras provincianas normais inseridas na "boa" sociedade de província e, "quem sabe, podia muito bem ser essa a verdade, e eu apenas criei dela uma imagem fantástica?" Sempre suspeitou, porém, que pudesse haver qualquer erro nesta opinião, e agora não deixava também de sentir isso. Os factos, por sua vez, desmentiam-no: esse Bagaútov, que também se envolvera com ela durante vários anos, parecia também ter sucumbido "ao feitiço". De facto, Bagaútov era um jovem da melhor sociedade petersburguense e, como era um "homem dos mais vazios" (assim o caracterizava Veltchanínov), apenas poderia fazer carreira em Petersburgo. Contudo, desprezou Petersburgo, ou seja, a sua principal vantagem, e perdeu cinco anos em T...—unicamente por essa mulher!

Era possível que tivesse voltado finalmente a Petersburgo porque fora também deitado fora "como um sapato velho e gasto". Devia, pois, haver algo de invulgar nessa mulher: um dom de sedução, escravização e domínio!

E nem sequer parecia ter os meios para seduzir e escravizar: "não se podia dizer que era muito bonita, e talvez fosse, pelo contrário, nada

bonita". Veltchanínov conheceu-a quando ela já tinha vinte e oito anos. O seu rosto pouco bonito tinha às vezes a capacidade de animar-se de um modo muito agradável, mas os seus olhos não eram bondosos: havia demasiada firmeza no seu olhar. Era muito magra. Apesar de uma formação bastante fraca, o seu intelecto era incontestavelmente perspicaz, mas quase sempre unilateral. Tinha as maneiras de uma senhora da alta sociedade provinciana e, ao mesmo tempo, diga-se, muita delicadeza; um gosto elegante, com preponderância no saber vestir-se. Era de carácter resoluto e dominador; com ela, em caso algum poderia haver consenso parcial: "ou tudo, ou nada". Nos casos complicados, tinha uma firmeza e uma resistência surpreendentes. Possuía o dom da magnanimidade e, paralelamente, era de uma injustiça desmedida. Era impossível discutir com essa senhora: o "dois vezes dois quatro" nunca tinha qualquer significado para ela. Nunca e em caso algum se considerava injusta ou culpada. As traições permanentes e incontáveis ao marido nunca lhe oprimiam minimamente a consciência. O próprio Veltchanínov a comparava a uma "mãe de Deus dos Khlisti" (4) que acredita piamente que é de facto mãe de Deus—Natália Vassílievna também tinha uma fé absoluta em cada um dos seus próprios procedimentos. Era fiel ao amante—só enquanto não se aborrecia com ele. Gostava de atormentar o amante, mas também gostava de o recompensar.

Era um tipo de mulher apaixonada, cruel e sensual. Odiava a depravação, censurava-a com um incrível encarniçamento... e ela própria era uma depravada.

Nenhum facto era capaz de a levar a consciencializar a sua depravação. "Pelos vistos, acredita sinceramente na sua virtude"—pensava Veltchanínov ainda em T... (Observemos, a propósito: ele próprio era participante dessa depravação.) "É uma daquelas mulheres—pensava Veltchanínov—que parecem ter nascido para ser infiéis. Tais mulheres nunca perdem a inocência em solteiras: a sua lei da natureza exige que se casem para tal. O marido é o seu primeiro amante, mas só depois do casamento. Ninguém sabe casar-se com mais facilidade e esperteza do que elas. Quando a seguir surge um amante, a culpa é sempre do marido. E tudo acontece com toda a sinceridade: estas mulheres sentem-se sempre com razão e, claro, absolutamente inocentes."

Veltchanínov estava convencido de que existia, de facto, este tipo de mulheres e, também, de que existia o tipo correspondente de maridos, cujo

único destino seria precisamente o de corresponder a este tipo feminino. Na sua opinião, a essência de tais maridos consiste em serem, por assim dizer, "eternos maridos" ou, melhor, serem na vida apenas maridos e mais nada. "Um homem assim nasce e desenvolve-se unicamente para se casar e para, depois do casamento, se tornar imediatamente num apêndice da sua mulher, mesmo no caso de ter um carácter individual incontestável. A principal característica deste marido é um enfeite bem conhecido. Não pode deixar de ser cornudo, do mesmo modo que o sol não pode deixar de brilhar; mas não só nunca sabe disso, como também, de acordo com as leis da própria natureza, é incapaz de sabê-lo." Veltchanínov tinha a fé profunda de que existiam realmente tais tipos, feminino e masculino, e que Pável Pávlovitch Trussótski da cidade de T... era um representante típico do masculino. O Pável Pávlovitch de ontem, obviamente, não era o Pável Pávlovitch que Veltchanínov conhecera em T... Achou-o incrivelmente mudado, embora sabendo que ele não podia deixar de mudar e que tal mudança era absolutamente natural; o senhor Trussótski só podia ser tudo o que foi antes em vida da mulher; presentemente era apenas um fragmento do conjunto, deixado de repente em liberdade, ou seja, uma curiosidade que não podia comparar-se com nada.

*(4) Seita religiosa da Rússia (a partir do século XVII). Acreditam na possibilidade de um contacto directo com o "espírito santo" e na encarnação de Deus e da Virgem em crentes justos ("Cristos", "mães de Deus"). Praticam rituais que os levam ao êxtase religioso. (NT)*

Quanto ao Pável Pávlovitch dos tempos de T..., Veltchanínov lembrou-se do seguinte: "É claro que o Pável Pávlovitch de T... era apenas o marido" e mais nada. Se, por exemplo, era também funcionário, tal devia-se ao facto de o serviço se tornar para ele, por assim dizer, uma das suas obrigações matrimoniais; servia para que a mulher tivesse uma posição na sociedade de T..., embora ele, por si, fosse um funcionário muito zeloso. Tinha naquela altura trinta e cinco anos, alguma fortuna, não tão pequena como isso. No serviço, não revelava capacidades especiais, mas também não era um inepto. Conhecia tudo o que era gente "bem" na província e tinha fama de ter bons conhecimentos. Em T..., Natália Vassílievna gozava de um respeito absoluto; de resto, não dava grande importância ao facto, tomando-o por

coisa natural. Em sua casa, sabia receber sempre magnificamente; Pável Pávlovitch estava tão bem treinado por ela que mostrava as mais nobres das maneiras mesmo quando os convidados eram altas personalidades da província. Se calhar (pensava Veltchanínov), tinha algum intelecto; mas, como Natália Vassílievna não gostava que o esposo falasse muito, era quase impossível reparar no intelecto dele. Provavelmente tinha bastantes qualidades inatas, tantas quantas os defeitos. As suas qualidades, porém, estavam como que escondidas sob uma capa, tal como as suas más intenções estavam definitivamente abafadas.

Veltchanínov lembrava-se, por exemplo, de que o senhor Trussótski tinha às vezes a tentação de gozar um pouco com o próximo, só que tal coisa lhe era rigorosamente proibida.

Gostava às vezes de contar alguma história, mas também isso era feito sob vigilância: era-lhe permitido contar apenas aquilo que fosse o mais insignificante e mais curto possível. Tinha a inclinação de passar algum do seu tempo num círculo de amigos fora de casa, e até de beber um copo com um ou outro companheiro, mas esta última parte tinha-lhe sido inapelavelmente erradicada. Ao mesmo tempo, aponte-se um curioso pormenor: aparentemente, ninguém poderia dizer que naquela casa era a galinha quem cantava: Natália Vassílievna parecia uma mulher muito obediente e, para ela própria, talvez isso fosse mesmo uma certeza.

Era possível que Pável Pávlovitch amasse loucamente Natália Vassílievna, mas ninguém podia reparar nisso, era até impossível, pelos vistos, e isso também por força de uma ordem familiar da própria Natália Vassílievna. Por várias vezes, durante a sua estada em T..., Veltchanínov fez a si mesmo a pergunta: este marido suspeitaria ou não do seu caso com a mulher? Por várias vezes fez também esta pergunta, muito a sério, a Natália Vassílievna e sempre ouviu como resposta, dada com um certo desgosto, que o marido não sabia de nada e que não podia vir a sabê-lo, e que "tudo o que acontecia nada tinha a ver com ele". Mais uma particularidade de Natália Vassílievna: nunca se ria de Pável Pávlovitch e não achava nada de ridículo nele, nem nada de mau, e defendê-lo-ia se alguém se atrevesse a faltar-lhe ao respeito. Como não tinha filhos, devia tornar-se, natural e preferencialmente, uma senhora de sociedade; mas também precisava da sua casa. Os prazeres da sociedade não a dominavam por completo e gostava muito da lida da casa e dos trabalhos manuais. Pável Pávlovitch, naquela noite, lembrou-se da leitura em família em T..., e era verdade: lia

Veltchanínov, mas lia também Pável Pávlovitch. Para grande admiração de Veltchanínov, ele sabia ler muito bem em voz alta; durante a leitura, Natália Vassílievna bordava alguma coisa e escutava sempre com calma. Lia-se romances de Dickens, alguma coisa das revistas russas, e mesmo, às vezes, alguma coisa "séria". Natália Vassílievna apreciava muito a cultura de Veltchanínov, mas em silêncio, como assunto definido e resolvido de uma vez por todas de que não valia a pena falar-se mais; contudo, no geral, era indiferente a tudo o que fosse científico e livresco, assim como às coisas que, embora úteis, não o eram de todo para ela; quanto a Pável Pávlovitch, referia-se-lhe às vezes com certo ardor.

O romance de T... rompeu-se repentinamente, depois de, no tocante a Veltchanínov, ter atingido o auge e quase a loucura. Veltchanínov foi pura e simplesmente expulso, embora a coisa fosse feita de tal maneira que ele partiu sem se dar conta de que já tinha sido deitado fora como "um sapato velho e gasto". Apareceu em T..., mês e meio antes da sua partida, um jovem alferes de artilharia, acabado de sair da escola militar, que começou a frequentar os Trussótski; em vez de três, passaram a ser quatro. Natália Vassílievna recebia o rapaz com benevolência, mas tratava-o como a um garoto. Veltchanínov não se apercebeu de nada, absolutamente, nem na altura estava para isso porque lhe foi dito, de chofre, que se deviam despedir por uns tempos. Uma das centenas de razões apresentadas por Natália Vassílievna para a sua partida obrigatória e urgente era a suspeita dela de que estivesse grávida, pelo que o melhor seria Veltchanínov desaparecer imediatamente, por três ou quatro meses, pelo menos, para que ao cabo de nove meses fosse mais difícil ao marido desconfiar de alguma coisa, no caso de se levantarem calúnias. O argumento era um tanto forçado.

Depois de lhe ter feito a tempestuosa proposta de fugirem para Paris ou para a América, Veltchanínov acabou por partir sozinho para Petersburgo, "só por um instantinho, sem dúvida", ou seja, não mais de três meses, pois de outro modo nunca teria partido, apesar de todas as razões e argumentos. Passados dois meses recebia em Petersburgo uma carta de Natália Vassílievna com o pedido de nunca mais aparecer, porque já amava outra pessoa. Quanto à gravidez, informava-o de que fora falso alarme. Esta última informação era desnecessária, pois já tudo se tornara claro para ele: lembrou-se do oficialzeco. E assim acabou para sempre este caso. Mais tarde ouviria falar de que Bagaútov tinha ido parar à cidade e por lá ficara

cinco anos. Veltchanínov explicava a duração desmedida dessa relação pelo facto de Natália Vassílievna, pelos vistos, ter envelhecido e assentado mais.

Deixou-se ficar sentado na cama quase uma hora, depois caiu em si, tocou a campainha para que Mavra lhe trouxesse café, bebeu-o de um trago, vestiu-se e, às onze em ponto, encaminhou-se para a igreja de Pokrov, à procura do hotel.

Quanto à visita ao hotel, já levava uma ideia formada desde essa manhã. A propósito: tinha mesmo uma certa vergonha pela maneira como tratara na véspera Pável Pávlovitch, pelo que era preciso resolver o mal-entendido.

Explicava a si mesmo toda aquela fantasmagoria da fechadura por uma casualidade, pelo estado de embriaguez de Pável Pávlovitch e, talvez, por qualquer outra coisa, mas, no fundo, não sabia com exactidão por que ia agora reatar os laços com o antigo marido da sua amante, quando já estava tudo acabado entre eles de modo tão natural e espontâneo. Sentia-se atraído, havia alguma coisa especial no ar, e era isso que o atraía...

## 5 - Lisa

A Pável Pávlovitch nem passava pela cabeça "fugir", e só Deus sabe por que razão Veltchanínov lhe fizera essa pergunta na véspera, devia estar mesmo perturbado.

Numa venda junto à igreja logo lhe indicaram o hotel, a dois passos dali, numa ruela. No hotel disseram-lhe que o senhor Trussótski acabara de se mudar para a casa dos fundos, ali mesmo, para os quartos mobilados de Maria Sissóevna. Ao subir para o primeiro andar da casa dos fundos pela escada de pedra estreita, encharcada e imunda, ouviu, de súbito, que alguém chorava. Parecia um choro de criança de sete ou oito anos, penoso, donde irrompiam soluços abafados; o choro era acompanhado pelo bater de pés e por gritos furiosos, mas também como que abafados, num falsete rouco de homem adulto. O adulto, pelos vistos, tentava acalmar a criança, para que ninguém ouvisse o berreiro, mas fazia mais barulho do que ela. Os ralhos adultos eram implacáveis, e a criança como que implorava perdão. Metendo por um pequeno corredor, com duas portas de cada lado, Veltchanínov cruzou-se com uma mulherça muito gorda e alta, no preparo desgrehado de quem anda por casa de qualquer maneira, e perguntou-lhe por Pável Pávlovitch. A mulher apontou o dedo para a porta donde saía o choro. Na cara opada e rubicunda da quarentona esboçava-se uma certa indignação.

— Não sei qual é o gozo dele!—proferiu em voz de baixo, passando para as escadas. Veltchanínov já ia bater à porta, mas mudou de ideias, abrindo-a sem bater. No quatinho, recheado com um tosco mas abundante mobiliário de madeira pintada, estava ao centro Pável Pávlovitch, sem sobrecasaca nem colete, com a cara vermelha de irritação, mandando calar uma miudinha dos seus oito anos com gritos, gestos e talvez pancadas (como pareceu a Veltchanínov). A roupa da garota, embora à moda das fidalguinhas, era pobre: um vestido curto de lã preta. Parecia acometida de verdadeira histeria, soluçava, estendia as mãos para Pável Pávlovitch, como se quisesse envolvê-lo com os braços, implorar-lhe, suplicar-lhe alguma coisa. Num instante, tudo se alterou: mal viu o visitante, a menina soltou um grito e atirou-se para o quarto contíguo, minúsculo; quanto a Pável Pávlovitch, por momentos embaraçado, logo se derreteu num sorriso, tal como na véspera, quando Veltchanínov abrira subitamente a porta que dava para as escadas onde ele parara.

— Aleksei Ivánovitch!—gritou num espanto extremo.—Não estava à sua espera, não esperava de modo nenhum que... mas venha, sente-se! Aqui, no divã, na poltrona, aqui, e eu...—Apressou-se a enfiar a sobrecasaca, esquecendo-se de vestir o colete.

— Não faça cerimónias, deixe-se estar à vontade—e Veltchanínov sentou-se numa cadeira.

— Não, não... tenho de fazer cerimónias. Pronto, agora já tenho um aspecto mais decente. Mas por que se senta aí no canto? Sente-se aqui, na poltrona, ao pé da mesa, é melhor... Não o esperava, não o esperava!

Sentou-se também numa cadeira, na borda, não ao lado da visita "inesperada" mas virando a cadeira de modo a ficar de frente para Veltchanínov.

— Por que não me esperava? Se eu ontem lhe disse expressamente que vinha, e a estas horas?

— Pensava que não vinha. E, quando acordei e me pus a matutar sobre aquilo tudo de ontem, fiquei desesperado, pensei que já nunca mais o via.

Veltchanínov, entretanto, olhava a toda a volta. O quarto estava em desordem, a cama por fazer, a roupa espalhada, em cima da mesa tinham ficado os copos sujos com restos de café, migalhas de pão e uma garrafa de champanhe meio vazia, sem rolha e com um copo ao lado.

Olhou de soslaio na direcção do quarto contíguo, mas de lá só vinha silêncio: a miúda, queda, escondera-se.

— Então agora bebe disso?—apontou Veltchanínov para a garrafa.

— São restos...—envergonhou-se Pável Pávlovitch.

— Meu Deus, como o senhor mudou!

— Maus hábitos... e assim de repente. Palavra, é desde aquele dia, não estou a mentir! Não consigo resistir. Não se preocupe, Aleksei Ivánovitch, de momento não estou bêbedo e não vou dizer disparates, como ontem em sua casa. Mas estou a falar verdade: é desde aquele dia! Se há meio ano ainda alguém me dissesse que eu me havia de relaxar desta maneira, se alguém me mostrasse a minha própria cara no espelho, não acreditaria!

— Então, afinal, ontem estava bêbedo?

— Estava—confessou Pável Pávlovitch a meia voz, baixando os olhos envergonhados—,e veja: ainda que bêbedo, estava já após-bêbedo. Explico-lho para que saiba que quando estou após-bêbedo sou pior do que quando estou bêbedo: já tenho pouca embriaguez, mas ainda persistem uma crueldade e uma insensatez quaisquer, e também sinto mais a desgraça.

Talvez seja precisamente para sentir a desgraça que bebo. Aí, sou capaz das asneiras mais estúpidas e procuro ofender os outros. Suponho que ontem me apresentei bastante esquisito, não?

— Será que não se lembra?

— Lembrar, lembro...

— Oiça, Pável Pávlovitch, pensei no assunto e acho que isso explica tudo—disse apaziguadoramente Veltchanínov.—Além disso, eu próprio estava um pouco irritadiço e... impaciente de mais, o que estou pronto a confessar. Às vezes não me sinto bem, e a sua visita inesperada, àquela hora da noite...

— Sim, à noite, àquela hora da noite!—Pável Pávlovitch pôs-se a abanar a cabeça, como que com espanto e censura.—O que me levou a fazê-lo? Nunca na vida teria entrado se o senhor não abrisse, teria dado meia volta e ido embora.

Passei por sua casa, Aleksei Ivánovitch, há cerca de uma semana e não o encontrei, e depois disso talvez não voltasse a procurá-lo. Seja como for, também 46

tenho o meu orgulho, Aleksei Ivánovitch, embora tenha consciência... do estado em que me encontro. Temo-nos visto também na rua, mas, de cada vez, eu pensava: e se não me reconhece, se me vira as costas? Nove anos não são brincadeira... E não me atrevia a aproximar-me. Ora, ontem já me arrastava desde o Bairro Peterbúrgskaia e esquecime das horas. Tudo por causa disso (apontou para a garrafa) e do sentimento. Estupidez, muita estupidez! E se o senhor não fosse como é (porque depois daquilo tudo ainda me vem visitar, porque se lembra do passado), eu podia perder as esperanças de reatar conhecimento consigo.

Veltchanínov ouvia com atenção. O homem, ao que parecia, falava com sinceridade e mesmo com uma certa dignidade. Veltchanínov, porém, desde que entrara que já não acreditava em nada.

— Diga-me, Pável Pávlovitch, com que então não está sozinho aqui? De quem é a criança que vi há pouco?

Pável Pávlovitch até ergueu as sobrancelhas de espantado, mas olhou para Veltchanínov de maneira clara e agradável.

— De quem é? Mas é a Lisa!—disse, sorrindo com simpatia.

— Que Lisa?—murmurou Veltchanínov, e como que estremeceu alguma coisa dentro dele. A impressão era demasiado repentina. Havia

pouco, quando entrara e vira Lisa, embora se surpreendesse, não teve qualquer pressentimento nem lhe passou nada de especial pela cabeça.

— A nossa Lisa, a nossa filha Lisa!—sorriu Pável Pávlovitch.

— Filha? Quer dizer que... o senhor e Natália... a falecida Natália Vassílievna tiveram filhos?—perguntou Veltchanínov com desconfiança e timidez, em voz muito baixinha.

— Claro! Mas, meu Deus, realmente como podia o senhor saber disso? Que esquecido eu sou! É que só depois da sua partida Deus nos fez essa graça!

Pável Pávlovitch até teve um sobressalto na cadeira, da emoção, nada desagradável, diga-se.

— Nunca ouvi falar disso—disse Veltchanínov e... empalideceu.

— Realmente, como podia o senhor saber?—repetiu Pável Pávlovitch numa voz lânguida e enternecida.—Já tínhamos perdido a esperança, eu e a falecida, e o senhor, aliás, deve lembrar-se disso; de repente Deus abençoou-nos, e como eu fiquei naquela altura! Só Ele sabe!

Parece-me que foi um ano depois da sua partida! Ou talvez não, talvez não fosse um ano depois, longe disso, espere lá: se a memória não me traiçoa, o senhor partiu em Outubro ou Novembro, não foi?

— Saí de T... em princípios de Setembro, no dia 12 de Setembro, lembro-me bem...

— Em Setembro? Humm... como é que fiz confusão?—espantou-se muito Pável Pávlovitch.—Se assim foi, então... O senhor partiu em Setembro, dia 12, e a Lisa nasceu em Maio, dia 8... portanto, Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março, Abril... oito meses e tal, sim! E se soubesse como a falecida...

— Mostre-ma, então... chame-a...—balbuciou Veltchanínov com a voz entrecortada.

— Claro!—apressou-se Pável Pávlovitch, interrompendo o que queria dizer, como se fosse coisa de somenos importância.—Apresento-lha agora mesmo!—e precipitou-se para o quarto de Lisa.

Talvez tenham passado três ou quatro minutos. Do quartinho vinham uns cochichos rápidos, os sons fracos da voz de Lisa. "Está a pedir-lhe que não a obrigue a sair do quarto"—pensava Veltchanínov. Por fim, apareceram.

— Aqui está ela, sempre confusa—disse Pável Pávlovitch—,é envergonhada, orgulhosa, sai à mãe em tudo!

Lisa entrou já sem lágrimas, de olhos no chão, pela mão do pai. Era uma rapariguinha alta, franzina e muito bonita. Ergueu rapidamente os seus grandes olhos azuis para o visitante, olhou-o com curiosidade, mas sombriamente, e logo voltou a baixar os olhos. Havia no seu olhar aquela seriedade infantil com que as crianças, a sós com um desconhecido, se afastam para um canto e, de lá, lhe mandam miradas sérias e desconfiadas. Havia porém, no olhar dela, mais qualquer coisa, pouco infantil—assim pareceu a Veltchanínov. O pai chegou-a para mais perto de Veltchanínov.

— Este tiozinho conheceu dantes a mamã, era nosso amigo; não tenhas medo, dá-lhe a mãozinha.

A garota inclinou levemente a cabeça e estendeu timidamente a mão a Veltchanínov.

— A nossa Natália Vassílievna não queria ensiná-la a fazer reverências, mas que cumprimentasse à maneira inglesa: inclinar-se um pouco e estender a mão ao convidado—acrescentou Pável Pávlovitch esta explicação, fitando perscrutadoramente Veltchanínov.

Veltchanínov sabia que o outro o estudava, mas já não se preocupava em esconder a sua emoção: imóvel na sua cadeira, segurava a mão de Lisa e olhava-lhe fixamente para o rosto. Lisa, porém, devia estar muito preocupada com qualquer outra coisa porque, esquecendo a sua mão na de Veltchanínov, não tirava os olhos do pai. Assustada, ouvia tudo o que este dizia. Veltchanínov reconheceu de imediato aqueles grandes olhos azuis, mas, mais do que tudo, abalaram-no a brancura espantosa da tez dela, incrivelmente terna, e a cor do cabelo. Estes sinais eram para ele da maior importância. Os contornos do rosto e a linha dos lábios, pelo contrário, lembravam nitidamente Natália Vassílievna. Entretanto, havia muito que Pável Pávlovitch contava alguma coisa, com aparente ardor e sentimento, mas Veltchanínov não o ouvia. Apanhou apenas a última frase:—... então, Aleksei Ivánovitch, nem pode imaginar a alegria que nos deu esta dádiva do Senhor! Para mim, o nascimento da criança foi tudo. Por isso, mesmo que a minha serena felicidade desaparecesse, por vontade de Deus, ficar-me-ia sempre a Lisa, e isso, pelo menos, eu sabia-o com muita certeza!

— E Natália Vassílievna?—perguntou Veltchanínov.

— Natália Vassílievna?—Pável Pávlovitch contorceu a cara com um esgar.—Mas o senhor bem sabe como ela era, bem se lembra que ela não gostava de exprimir os seus sentimentos. Mas se visse como se despediu da filha no leito da morte!...

Pois bem, aí exprimiu tudo! Veja, acabei de dizer: "no leito da morte"; no entanto, um dia antes de morrer, emocionou-se tanto de repente, ficou tão zangada: dizia que queriam dar cabo dela com tantos medicamentos, que aquilo era uma simples febre, que os nossos dois médicos não percebiam nada e que, mal voltasse o Koch (lembra-se dele, o médico militar, um velhinho?), ela se levantaria da cama em duas semanas! E mais: cinco horas apenas antes de morrer lembrou-se de que era preciso ir sem falta visitar a tia à herdade dali a três semanas, no dia do seu aniversário, tia essa que é madrinha de Lisa...

Veltchanínov levantou-se repentinamente da cadeira, sem largar ainda a mãozinha de Lisa. Pareceu-lhe por um instante que no olhar ardente da miúda, fito no pai, havia uma certa censura.

— A menina não está doente?—perguntou com uma estranha solicitude.

— Parece que não, mas... está a ver em que circunstâncias ficámos—disse Pável Pávlovitch com uma preocupação amarga.—A criança já por si é esquisita, nervosa, depois da morte da mãe ficou duas semanas doente, com febres, histérica. Lembra-se de como ela chorava quando o senhor entrou? Estás a ouvir, Lisa? E porquê? Só porque saio e a deixo sozinha, e ela pensa que já não gosto dela como gostava quando a mãezinha era viva: é disso que ela me acusa. Veja só que fantasias se metem na cabeça de uma criança ainda tão pequena, que devia divertir-se ainda com os brinquedos. Claro, aqui não tem com quem brincar.

— Mas como... Será que estão aqui os dois sozinhos?

— Absolutamente sozinhos, a não ser quando vem a criada, uma vez por dia.

— Quer dizer que sai e a deixa assim, sozinha?

— Claro, como poderia ser de outra maneira? Ontem, quando saí, até a fechei à chave naquele quartinho, foi por isso que tivemos hoje aquelas lágrimas. Que mais posso fazer? Julgue por si: anteontem desceu as escadas sem mim, e um rapaz atirou-lhe com uma pedra à cabeça. Ou então vai para o pátio, desata a chorar e a perguntar a toda a gente para onde fui. Assim não está bem. Eu também tenho culpa: quero sair por uma hora e só volto no dia seguinte de manhã. Ontem também calhou assim. Ainda bem que, não estando eu aqui, a senhoria lhe abriu a porta, chamou um serralheiro para forçar a fechadura. É até uma vergonha. Francamente, sinto-me um facínora. E tudo por causa deste meu eclipse mental...

— Paizinho!—chamou a miúda, tímida e inquieta.

— Outra vez? Voltas ao mesmo? O que te disse há pouco?

— Não paizinho, não volto, não digo mais nada—apressou-se a dizer Lisa, cheia de medo, juntando as mãos.

— Não podem continuar assim, neste ambiente—intrometeu-se bruscamente Veltchanínov, com voz autoritária e impaciente.—O senhor... o senhor não é um homem abastado? Como pode viver aqui... nesta casa dos fundos, nesta situação?

— Casa dos fundos? Mas se nos vamos embora dentro de uma semana... e, mesmo abastados, já gastámos bastante dinheiro...

— Basta, basta—interrompeu-o Veltchanínov com uma impaciência cada vez maior, como quem diz: "Não digas mais nada, sei tudo o que vais dizer e com que intenção o dizes!"—Oíça, acaba de me dizer que fica cá mais uma semana ou duas; tenho uma sugestão a fazer-lhe. Há aqui uma casa, isto é, uma família amiga, onde me sinto como no meu lar e que já conheço vai para vinte anos.

Trata-se dos Pogoréltsev. Aleksandr Pávlovitch Pogoréltsev, conselheiro privado, que até o pode ajudar no seu assunto. Estão agora na casa de campo. Têm uma casa de campo riquíssima. Klávdia Petrovna Pogoréltseva é para mim como uma irmã, como uma mãe. Têm oito filhos. Deixe-me levar para lá a Lisa... imediatamente, não se perde mais tempo. Eles recebem-na com alegria durante estes dias, acarinhos-na como se fosse filha deles, como à sua própria filha!

Estava terrivelmente impaciente e não o escondia.

— Isso parece-me impossível—proferiu Pável Pávlovitch com um trejeito, que a Veltchanínov pareceu de manha, ao mesmo tempo que lhe perscrutava os olhos.

— Porquê? Impossível porquê?

— É que, deixar ir uma criança assim, de repente... mesmo com um amigo tão bom e tão sincero como o senhor (disso não tenho dúvidas), pois bem... mesmo assim, ir para uma casa que não conheço, ainda por cima da tal alta sociedade onde não sei como a vão receber...

— Mas se eu já lhe disse que não sou um estranho para eles—gritou Veltchanínov quase em fúria.—Klávdia Petrovna vai considerar isso como uma felicidade, basta eu dizer-lhe uma palavra. Recebe-a como à minha própria filha... Cos diabos, o senhor sabe muito bem que está agora a falar por falar... Mais conversa para quê?!

Bateu mesmo com o pé no chão.

— Quero eu dizer: não seria demasiado estranho? Além disso, também seria preciso que eu passasse por lá de vez em quando, porque: como se pode fazer isso sem o pai? Pois... numa casa tão importante...

— É uma casa muito simples, nada "importante"!—gritou Veltchanínov.—E digo-lhe que há lá muitas crianças. A miúda, lá, até ressuscita, e só por isso...

Quanto a si, apresento-o a eles amanhã mesmo, se quiser. Aliás, é obrigatório que vá lá, para agradecer. Vamos lá todos os dias, se quiser.

— Mesmo assim, não sei...

— Absurdo! Aliás, o senhor mesmo sabe que é absurdo! Oiça, vá para minha casa hoje, antes da noite, durma lá e amanhã, logo de manhã cedo, pomo-nos a caminho, para estarmos lá antes do meio-dia.

— Meu benfeitor! Pernoitar em sua casa e tudo...—concordou de repente Pável Pávlovitch, enternecido.—É uma verdadeira benesse... E onde fica a casa de campo deles?

— Em Lessnoe.

— E a roupa dela? É que, numa casa tão nobre, ainda por cima uma casa de campo, o senhor bem vê... Um coração de pai!

— O que tem a roupa dela? Está de luto, não pode ser outra. Esta é a mais decente! Mas seria bom ter roupa interior mais limpa e um lenço...—(O lenço e a roupa à vista estavam realmente muito sujos.)—É para já. Mudar de roupa sem falta—atarefou-se Pável Pávlovitch—,e o resto da roupa necessária ficará pronta num instante: tem-na a Maria Sissóevna, para lavar.

— Mandemos então buscar o coche—interrompeu-o Veltchanínov—,o mais depressa possível.

Surgiu porém um problema: Lisa, decididamente, recusava-se; ouvia-os com medo, e se Veltchanínov, enquanto tentava convencer Pável Pávlovitch, tivesse tempo de olhar para a cara dela, veria o desespero completo da menina.

— Não vou—disse ela baixinho, mas com firmeza.

— Está a ver, está a ver, sai à mãe!

— Não saio à mãe, não saio à mãe!—gritava Lisa, e torcia as mãozinhas com desespero, como se quisesse absolver-se perante o pai de ser parecida com a mãe.

— Paizinho, paizinho, se me abandonar...

De repente atirou-se a Veltchanínov, que se assustou.

— Se o senhor me levar, eu...

Mas não teve tempo de completar a frase porque Pável Pávlovitch a agarrou pelo braço, e quase pelos colarinhos do vestido, e a arrastou, já com uma raiva manifesta, para o quarto pequeno. Ali, de novo se puseram a cochichar, ouvia-se um choro abafado. Já Veltchanínov se preparava para entrar quando Pável Pávlovitch saiu do quartinho e, com um sorriso torto, disse que a miúda já vinha. Veltchanínov tentava não olhar para ele.

Apareceu também Maria Sissóevna, a mesma mulherança que encontrara quando passava no corredor, que começou a meter a roupa que tinha trazido num pequeno e bonito saco de Lisa.

— É o senhor quem vai levar a menina, não é, paizinho?—dirigiu-se a Veltchanínov.—Tem uma família, sim? Faz bem, paizinho, a criança é meiga, e assim livra-se desta Sodoma.

— Por favor, Maria Sissóevna...—sussurrava-lhe Pável Pávlovitch.

— Maria Sissóevna o quê? Já sei que sou Maria Sissóevna. Queres dizer que isto aqui não é uma Sodoma? Achas decente que uma criancinha já com o uso da razão veja esta pouca vergonha? Já chegou o coche, paizinho. E para Lessnoe, não é?

— É, é.

— Então, em boa hora se vão!

Lisa apareceu, pálida, de olhos baixos, e pegou no saco. Para Veltchanínov não olhou. Conteve-se e não se atirou aos braços do pai, como fizera havia pouco, nem quando se despediam. Também não queria olhar para ele. O pai beijou-a na cabeça e afagou-lha. Nisto, o lábio inferior e o queixo da menina começaram a tremer; mesmo assim, não ergueu os olhos para o pai. Pável Pávlovitch estava um pouco pálido, as mãos tremiam-lhe: Veltchanínov reparou nisso claramente, embora tentasse com todas as forças não olhar para ele. Só queria uma coisa: ir-se dali o mais depressa possível. "Afinal, que culpa tenho eu?—pensava.—Era natural que fosse assim." Desceram as escadas, Maria Sissóevna e Lisa beijaram-se, e só quando se sentou no coche Lisa levantou os olhos para o pai e, de repente, abanou as mãos e gritou: mais um instante e atirava-se para os braços do pai, mas os cavalos já tinham arrancado.

## 6 - Nova fantasia de homem ocioso

— Está a sentir-se mal?—assustou-se Veltchanínov.—Mando parar o coche, e que lhe tragam água...

Lisa levantou bruscamente os olhos, ardentes de censura.

— Para onde está a levar-me?—disse num tom áspero, com a voz entrecortada.

— Para uma casa maravilhosa, Lisa. Esta família vive agora numa linda casa de campo, há lá muitas crianças, vão gostar muito de si, são muito boas... Não se zangue comigo, Lisa, só quero o seu bem...

Se algum dos seus amigos pudesse vê-lo neste momento, decerto o acharia estranho.

— Como é que... como é que... que maus são todos!—disse Lisa, ofegando e com lágrimas oprimidas a cintilarem nos seus lindos olhos enraivecidos.

— Lisa, eu...

— São maus, maus, maus!—a miúda torcia as mãos. Veltchanínov sentia-se completamente perdido.

— Lisa, querida, se soubesse a que desespero está a levar-me!

— É verdade que ele vem amanhã? É verdade?—perguntou num tom autoritário.

— É verdade, é! Eu próprio o trago, pego nele e trago-o.

— Ele engana—sussurrou Lisa baixando os olhos.

— Não gosta de si, Lisa?

— Não, não gosta.

— Tratou-a mal? Foi?

Lisa olhou para ele sombriamente e não respondeu. Virou-lhe a cara e ficou assim, cabisbaixa. Veltchanínov começou a tentar convencê-la. Falava com ardor, estava febril. Lisa ouvia-o com desconfiança, hostil, mas ouvia-o. Veltchanínov ficou contentíssimo por ela lhe prestar atenção; começou, até, a explicar-lhe como são as pessoas que bebem. Dizia que também gostava dela e que lhe ia vigiar o pai. Lisa acabou por erguer os olhos e, perscrutadora, olhou para ele.

Veltchanínov começou a falar-lhe da mãe, que a conhecera, e viu que as suas histórias a atraíam. A pouco e pouco, a miúda começou a responder-lhe às perguntas, mas com cautela, concisa, ainda teimosa. Às perguntas

principais nada respondeu: calava-se teimosamente em tudo o que dizia respeito às suas relações antigas com o pai. Veltchanínov falava com ela e pegava-lhe na mãozinha, como havia pouco, e não lha largava; também a menina a não retirava. Nem sempre Lisa se calava: deixou escapar nas suas respostas vagas que gostava mais do pai do que da mãe, porque, dantes, o pai sempre gostara mais dela e a mãezinha menos; mas que, quando a mãezinha estava a morrer, a beijou muito e chorou quando todos saíram do quarto e elas ficaram sozinhas... e que agora gostava mais da mãe do que de toda a gente do mundo, de toda a gente, e que todas as noites gostava mais dela do que de todos. A garota, de facto, era muito orgulhosa: quando percebia que dera com a língua nos dentes, voltava a fechar-se e a calar-se, olhou até com ódio para Veltchanínov quando este a fez dizer o que ela não queria. No fim da viagem, quase lhe desaparecera a histeria, mas ficou muito pensativa, com um olhar selvagem, sombria, com uma obstinação empedernida.

Quanto ao levarem-na para uma casa estranha, que nunca vira, isso, de momento, embaraçava-a pouco. Mas era claro para Veltchanínov que havia outra coisa que a atormentava: tinha vergonha dele, tinha vergonha por o pai a ter deixado ir com ele com tanta facilidade, como se a tivesse atirado para os seus braços.

"Está doente—pensava Veltchanínov—,talvez seriamente. Foi mortificada... Oh, que animal bêbedo e infame aquele! Agora conheço-o bem." Apressava o cocheiro, pois depositava grandes esperanças na casa de campo, no ar puro, no jardim, nas crianças, na vida nova, desconhecida para ela, e depois... Ora, do que viesse depois não duvidava minimamente, as esperanças eram plenas e claras. Só uma coisa sabia: nunca na vida experimentara estas sensações e guardaria isso para o resto da vida! "Aqui está o objectivo, a vida!"—pensava, entusiasmado.

Cintilavam-lhe na cabeça ideias e mais ideias, mas não se detinha nelas, evitava os pormenores: sem pormenores, tudo se tornava claro, inquebrantável. Já se lhe formara na cabeça, espontaneamente, o plano principal: "Podemos influenciar esse canalha, conjugando forças, para que deixe Lisa em Petersburgo, em casa dos Pogoréltsev, pelo menos temporariamente, a princípio, e para que parta sozinho; então, Lisa ficará comigo, só isso, mais nada. E... e, claro, é isso que o próprio Trussótski quer; de outro modo, por que a teria torturado?" Enfim, chegaram. A casa de campo dos Pogoréltsev era realmente um lugarzinho encantador. Quem

primeiro saiu ao seu encontro foi uma chusma barulhenta de crianças que se amontoou no patamar da soleira da casa. Veltchanínov desde havia muito que não vinha aqui, a alegria das crianças era tempestuosa: gostavam dele.

Os mais velhinhos começaram logo a gritar-lhe, nem lhe dando tempo para saltar do coche:—Então, o litígio, como vai o seu litígio?

Os mais pequenos imitavam-nos, riam-se, guinchavam. Naquela casa, toda a gente gozava com ele por causa do seu processo judicial. Quando viram Lisa, porém, rodearam-na e começaram a observá-la com atenta curiosidade infantil. De dentro de casa já saíam Klávdia Petrovna e, atrás dela, o marido. Ambos encetaram a conversa, rindo-se, com o tema do litígio em tribunal.

Klávdia Petrovna teria' os seus trinta e sete anos, era corpulenta e ainda bonita, morena, com um rosto fresco e corado. O marido rondava os cinquenta e cinco, era um homem esperto e manhoso, mas, antes de mais, um bonacheirão. A sua casa era, no pleno sentido, "um lar de família" para Veltchanínov, como ele próprio se exprimia. Havia por trás disto tudo uma circunstância especial: vinte anos atrás, Klávdia Petrovna por pouco não casara com Veltchanínov, na altura estudante universitário, quase um rapazola.

Foi o seu primeiro amor, feroso, cómico e belo. Afinal, ela acabou por casar com Pogoréltsev. Passados cinco anos voltaram a encontrar-se, e tudo se tornou uma amizade clara e serena. Instalou-se para sempre nas suas relações uma cordialidade, uma luz especial que as iluminava. Aqui tudo era puro e sem pecado nas recordações de Veltchanínov, o que era tanto mais querido para ele quanto essa pureza talvez só existisse aqui. Aqui, nesta família, ele era simples, ingénuo, bondoso, mimava as crianças, nunca se exhibia, confessava tudo o que lhe ia na alma, sem excepção. Jurava muitas vezes aos Pogoréltsev que só viveria um pouco mais em sociedade e que, depois, se mudaria para sempre para a casa deles, que nunca mais se separaria deles. E, quando pensava nestes planos, não brincava.

Contou-lhes com bastante pormenor tudo o que dizia respeito a Lisa, embora bastasse o pedido dele, sem mais explicações. Klávdia Petrovna beijou a "querida órfã" e prometeu fazer tudo o que da sua parte fosse necessário. As crianças levaram Lisa para brincar no jardim. Após uma hora de conversa animada, Veltchanínov levantou-se e começou a despedir-se. Estava tão impaciente que todos repararam nisso e se admiraram: fazia três semanas que não os visitava e agora despedia-se ao fim de meia hora.

Veltchanínov riu e prometeu voltar no dia seguinte. Fizeram-lhe a observação de que parecia muito emocionado. Ele, então, pegou nas mãos de Klávdia Petrovna e, alegando que se tinha esquecido de dizer-lhe uma coisa muito importante, levou-a para outra sala.

— Lembra-se do que lhe contei uma vez, só a si (nem o seu marido sabe disso), sobre um ano da minha vida em T...?

— Lembro-me muito bem, falou muitas vezes disso.

— Mais do que falei, fiz-lhe a minha confissão, só a si, foi a única! Mas nunca lhe disse o nome dessa mulher: é Trussótskaia, mulher desse Trussótski. Foi ela quem morreu há pouco, e a filha dela, Lisa, é minha filha!

— Isso é mesmo certo? Não pode estar enganado?—perguntou Klávdia Petrovna com alguma emoção.

— Não, não estou enganado, de maneira nenhuma!—disse Veltchanínov com entusiasmo.

E contou tudo, o mais concisamente que pôde, em palavras aceleradas pela extrema emoção. Klávdia Petrovna já conhecia a história, só não sabia o nome da senhora.

Veltchanínov, só de imaginar que alguém seu conhecido alguma vez encontrasse Madame Trussótskaia e pensasse que ele podia amar tanto aquela mulher, sentiu sempre tanto medo que nunca se atreveu a desvendar o nome dela, nem sequer a Klávdia Petrovna, sua única amiga.

— E o pai não sabe nada?—perguntou ela depois de ouvir a história.

— S-sim, ele sabe... É isso que me atormenta, e atormenta-me porque, neste ponto, ainda não tirei tudo a limpo!—continuou com fervor Veltchanínov.—Ele sabe, ele sabe, ainda ontem reparei nisso, e hoje também. Mas preciso de saber o que ele sabe, exactamente. É por isso que estou com pressa agora. Ele vai hoje à noite a minha casa. Aliás, não compreendo como podia ele ter ficado a saber, quer dizer, a saber tudo! Sobre o Bagaútov, sabe tudo, disso não há dúvidas. Mas de mim? Bem sabe de que maneira as mulheres são capazes de convencer os maridos!

Pode descer um anjo dos céus que o marido não acredita nele, acredita na mulher!

Não abane a cabeça, não me censure, eu próprio me censuro e censurei, desde há muito, em tudo!... Há pouco, em casa dele, eu tinha tanto a certeza de que ele sabia tudo que cheguei a comprometer-me perante ele. Acredite: não me sinto nada bem por tê-lo tratado mal quando ele me visitou.

(Alguma vez lhe hei-de contar tudo em mais pormenor!) Ontem passou por minha casa e vi que ele tinha uma vontade malévola e irresistível de me mostrar que estava ao corrente da ofensa que lhe tinham feito e que conhecia o ofensor! Foi essa a causa da visita idiota deste bebedolas. Mas também, era muito natural da sua parte! Foi lá precisamente para me atirar isso à cara! E eu, das duas vezes, ontem e há pouco, passei das marcas! Fui imprudente e estúpido! Atraíçoei-me a mim próprio diante dele! Por que me apareceu num momento de tanto desgosto? E digo-lhe mais uma coisa: ele estava a maltratar Lisa, a pobre criança, e por despeito, para descarregar a raiva sobre a criança! Sim, está enraivecido; por mais insignificante que seja, está enraivecido; até de mais. É evidente que esse homem não passa de um palhaço, apesar de noutros tempos ter tido um aspecto decente, na medida do possível, claro; também é natural que se tenha metido numa vida desregrada! Aqui, minha amiga, é preciso usar do perdão cristão! E sabe uma coisa, minha querida? Daqui para a frente quero mudar por completo a minha atitude para com ele: quero acarinhá-lo. Será uma "boa acção" da minha parte. Porque, seja como for, sou culpado perante ele!

E, sabe, digo-lhe ainda outra coisa: uma vez, em T..., precisei de quatro mil rublos, e ele emprestou-mos no momento, sem qualquer papel, com uma alegria sincera por me poder ser útil. E eu aceitei, aceitei aquele dinheiro das mãos dele, aceitei o dinheiro das mãos dele, ouviu?, como das de um amigo!

— Está bem, mas tenha cuidado—observou, preocupada, Klávdia Petrovna ao ouvir tudo aquilo.—Está com um entusiasmo excessivo, meu amigo, tenho medo por si! E claro que a Lisa passa a ser minha filha, a partir de agora, mas ainda há tanta coisa por resolver! Para já, agora tem de ser mais prudente. Está tão cheio de felicidade e entusiasmo, e é tão excessivamente generoso quando está feliz, que lhe aconselho prudência—acrescentou com um sorriso.

Todos saíram à rua para se despedir de Veltchanínov; as crianças, que tinham estado a brincar no jardim com Lisa, trouxeram-na no meio delas e pareciam olhar para ela ainda com maior perplexidade do que antes. Lisa mostrou-se completamente incomunicável quando Veltchanínov a beijou à frente de todos, à despedida, e repetiu com ardor a promessa de voltar no dia seguinte e trazer o pai. Até ao último momento, ela manteve-se calada e sem olhar para ele, mas, de repente, agarrou-lhe pela manga e puxou-o para

o lado, lançando-lhe um olhar suplicante: queria dizer-lhe alguma coisa. Veltchanínov levou-a para uma sala.

— O que é, Lisa, o que tem?

Lisa calava-se, não ousava falar; fixava na cara dele os seus olhos azuis, imóveis, e todos os traços da sua carinha apenas exprimiam um terror louco.

— Ele... enforca-se!—sussurrou como que em delírio.

— Quem se enforca?—perguntou Veltchanínov, assustado.

— Ele, ele! Naquela noite queria enforcar-se com a corda!—dizia a garota, muito depressa, ofegante.—Vi com os meus próprios olhos! Queria enforcar-se, disse ele! Já antes queria, sempre quis... Eu vi, à noite...

— Não pode ser!—sussurrou Veltchanínov, perplexo.

A miúda, de repente, pôs-se a beijar-lhe as mãos. Chorava, não conseguia recuperar o fôlego no meio dos soluços, pedia, suplicava, mas Veltchanínov não entendia nada do seu balbuciar histérico. Para sempre lhe ficou na memória, e lhe aparecia tanto de dia como nos sonhos, aquele olhar extenuado da criança atormentada cravado nele com um medo louco e uma derradeira esperança.

"Será que ela o ama tanto, será isso?—pensava com inveja e ciúme, numa impaciência febril, quando já voltava para a cidade.—Ela própria disse que agora gostava mais da mãe... Talvez o odeie, em vez de gostar dele...

"E o que é isso de ele se enforcar? O que significam essas palavras? Um pateta desses, enforca-se?... E preciso tirar isso a limpo, sem falta! É preciso resolver tudo o mais depressa possível, resolver tudo definitivamente!"

## 7 - O marido e o amante beijam-se

Tinha muita pressa de "saber". "Daquela vez fiquei muito abalado, não tive tempo de raciocinar—pensava, lembrando-se do seu primeiro encontro com Lisa—,mas agora tenho de saber." Para ficar a saber mais depressa, mandou que o cocheiro o levasse directamente a Trussótski, mas logo a seguir reconsiderou. "Não, é melhor ser ele a vir ter comigo, e eu, entretanto, acabo já com estes meus malditos assuntos."

Deitou mãos à obra febrilmente, mas logo sentiu que estava demasiado distraído e que não podia tratar de coisas dessas agora. Às cinco, quando foi almoçar, passou-lhe, pela primeira vez, uma ideia engraçada pela cabeça: e se, ele, Veltchanínov, realmente andasse só a estorvar, a impedir que tudo se fizesse como é devido quando se intrometia no litígio, corria as instituições e incomodava por todo o lado o advogado, que já começava a esconder-se dele? Riu-se, divertido, com esta suposição. "Ora, se ainda ontem esta ideia me passasse pela cabeça, ficaria muito triste"—pensou, mais divertido ainda. Porém, apesar deste estado de ânimo alegre, ia ficando cada vez mais distraído, impaciente e, por fim, acabou por ficar pensativo; e, quanto mais o seu pensamento inquieto se agarrava a muitas coisas, no todo não resultava nada de útil.

"Preciso deste homem!—decidiu por fim.—Tenho de o deslindar, depois tomo uma decisão. Isto é um autêntico duelo!"

De volta a casa, às sete, não encontrou Pável Pávlovitch à sua espera, o que o deixou extremamente espantado, depois enraivecido, depois mesmo aflito e, por fim, começou a ter medo. "Só Deus sabe como isto vai acabar!"—repetia, ora às voltas pelo quarto, ora deitado no divã, sempre a olhar para o relógio. Cerca das nove, chegou finalmente Pável Pávlovitch. "Se este homem vier com manhas, esta é a melhor ocasião para aldrabar-me, tão destrambelhado estou agora" -

pensava Veltchanínov, sentindo-se de repente muito animado e alegre.

A sua alegre pergunta: "Por que demorou tanto?", Pável Pávlovitch esboçou um sorriso torto, sentou-se com desenvoltura, muito ao contrário da véspera, e atirou descuidadamente o seu chapéu com fita de luto para outra cadeira.

Veltchanínov tomou nota desse desembaraço.

Contou calmamente, sem palavras a mais e sem a emoção anterior, como se fizesse um relatório, como levou Lisa, com que simpatia foi recebida, como aquela estada ia ser boa para ela e, a pouco e pouco, como se se esquecesse de Lisa, foi desviando imperceptivelmente a conversa para os Pogoréltsev—ou seja, que gente simpática era aquela, a amizade antiga que tinha com eles, que boa pessoa, além de influente, era o senhor Pogoréltsev, e assim por diante. Pável Pávlovitch ouvia distraidamente e, de vez em quando, olhava por baixo do sobrolho o narrador, acompanhando esses olhares de risinhos manhosos e rabugentos.

— Que homem apaixonado o senhor é—murmurou por entre um sorriso feio.

— Hoje está muito mauzinho—observou em tom desgostoso Veltchanínov.

— E por que não poderei eu, como toda a gente, ser mauzinho?—arremeteu de repente Pável Pávlovitch, como se lhe saltasse ao caminho de trás de uma esquina; parecia ter estado à espera do momento de se atirar a ele.

— Como queira—sorriu Veltchanínov. -Já tinha pensado: não lhe terá acontecido alguma coisa?

— E aconteceu!—exclamou o outro, como gabando-se de, sim senhor, lhe ter acontecido alguma coisa.

— O quê?

Pável Pávlovitch demorou um pouco antes de responder:—Pois... foi o nosso Stepan Mikháilovitch que fez das suas... o Bagaútov, o elegantíssimo jovem cavalheiro petersburguense, da nata da sociedade.

— Não o recebeu outra vez, foi?

— Nada disso, precisamente desta vez é que fui recebido, é que tive acesso pela primeira vez a ele e lhe pude contemplar os traços... só que, já de um defunto...

— O quê-ê-ê? Bagaútov morreu?—espantou-se muito Veltchanínov, embora, ao que tudo parecia, não houvesse com que espantar-se.

— O próprio! O amigo constante de há seis anos! Morreu já ontem, quase ao meio-dia, e eu sem saber de nada. Talvez tivesse morrido precisamente quando entrei em casa dele a indagar da sua saúde. Amanhã levam-no a enterrar, e agora lá está no caixãozinho. O caixão é forrado a veludo carmesim, com passamanes dourados...

Morreu das febres nervosas. Deixaram-me entrar, deixaram, pude contemplar-lhe os traços do rosto! Aleguei à entrada que era um verdadeiro amigo dele, por isso deixaram-me entrar. Já viu o que ele acabou por me fazer, esse verdadeiro amigo de seis anos? E eu que, se calhar, vim a Petersburgo só por causa dele!

— Mas por que está zangado com ele?—riu-se Veltchanínov.—Não foi de propósito que ele morreu!

— Também estou a falar com condolência, esse amigo era-me preciosíssimo, significava isto para mim, isto...

E Pável Pávlovitch, repentina, inesperadamente, pôs dois dedos espetados na testa careca, à laia de cornos, e desfez-se em risinhos baixos e prolongados.

Assim ficou, não menos de meio minuto, com os cornos e a rir-se, olhando Veltchanínov nos olhos com o mais escarnekedor descaramento. Veltchanínov petrificou-se, como se tivesse visto um fantasma, mas só por um instante; um sorriso sarcástico e cinicamente calmo desenhou-se-lhe lentamente nos lábios.

— O que significa isso?—perguntou com indiferença, prolongando as palavras.

— Significa cornos—disse Pável Pávlovitch, brusco, tirando finalmente os dedos da testa.

— Quer dizer... os seus?

— Os meus próprios, adquiridos!—Pável Pávlovitch voltou a franzir a cara, num trejeito nojento.

Ficaram calados.

— Que homem valente é o senhor, francamente!—disse Veltchanínov.

— Só porque lhe mostrei os meus cornos? Sabe uma coisa, Aleksei Ivánovitch? E se me regalasse com alguma coisa? Se eu o regalei durante um ano inteiro em T...

todos os dias... Mande buscar uma garrafinha, tenho uma segura na garganta.

— Com prazer, já me podia ter dito. O que prefere?

— Por que hei-de ser eu a preferir? Diga antes nós. Vamos beber juntos, não? — Pável Pávlovitch perscrutava-lhe os olhos com desafio e, ao mesmo tempo, com uma estranha inquietação.

— Champanhe?

— Exactamente. Ainda não chegou a vez da vodka... Veltchanínov levantou-se sem pressas, tocou a campainha para que Mavra subisse e deu-lhe a ordem.

— Pela alegria do nosso feliz reencontro, depois de nove anos de separação — disse Pável Pávlovitch entre risinhos inúteis e despropositados.—Agora o senhor é o meu único verdadeiro amigo! Já não está neste mundo o Stepan Mikháilovitch Bagaútov! Como disse o poeta: O grande Pátroclo não vive mais, Mas vive o Tersites escarnecedor! (5)

Ao pronunciar "Tersites", espetou o dedo no seu peito.

"Seria melhor, seu porco, que esclarecesses as coisas, não gosto de insinuações" — pensava Veltchanínov. A raiva fervilhava dentro dele, e havia muito que se continha.

(5) *Versos da balada "Triunfo dos vencedores" de Friedrich Schiller.*  
(NT)

— Diga-me uma coisa—começou com desgosto—,se está a acusar frontalmente Stepan Mikháilovitch—(desta vez não quis dizer simplesmente Bagaútov)—,a morte do seu ofensor devia ser uma alegria para si. Por que está então com tanta raiva?

— Alegria? Porquê alegria?

— Estou a julgar pelos seus sentimentos.

— Eh-eh, nesse caso está enganado quanto aos meus sentimentos. Como disse um sábio: "Um inimigo morto é bom, mas é ainda melhor um inimigo vivo!" Hi-hi!

— Teve tempo de o admirar ao vivo durante cinco anos, acho eu—observou Veltchanínov com rancor e cinismo.

— Mas... acha que eu naquela altura sabia alguma coisa?—agitou-se de repente Pável Pávlovitch, como se de novo saltasse de trás de uma esquina, com certa alegria, até, por ouvir finalmente a pergunta por que tinha esperado tanto tempo.—Por quem me toma, Aleksei Ivánovitch?

No seu olhar brilhou um expressão subitamente nova, que lhe metamorfoseou por completo a cara até então raivosa e torcida de esgares.

— Não sabia de nada?—perguntou Veltchanínov, perplexo.

— Acha que sabia? Acha que podia saber? Oh, que raça esta, a dos nossos Júpiteres! Para os senhores uma pessoa é um cão, e julgam toda a gente pela sua própria natureza miserável! Ora tome! Encaixe!—e bateu o

punho com fúria contra a mesa, mas logo a seguir assustou-se com isso e ficou a olhar intimidado.

Veltchanínov tomou um ar altivo.

— Oiça, Pável Pávlovitch, tem de concordar que tanto me faz, francamente, que o senhor soubesse ou não alguma coisa. Se não sabia, isso concede-lhe ao menos uma certa honra, embora... Aliás, nem sequer compreendo por que razão me escolheu para seu confidente...

— Não tem a ver consigo... não se zangue, não é consigo...—murmurou Pável Pávlovitch, olhando para o chão.

Mavra entrou com o champanhe.

— Ei-lo!—gritou Pável Pávlovitch, pelos vistos satisfeito por poder desviar a conversa.—Copos, mãezinha, os copinhos! Que maravilha! De si não é preciso mais nada, querida. Ah, e já vem desenvolvido? Honra e glória para si, criatura simpática! Está bem, saia!

E, voltando a animar-se, olhou para Veltchanínov com atrevimento renovado.

— Confesse lá—Pável Pávlovitch soltou de súbito uma risada—,que está com uma terrível curiosidade de saber tudo isto, e não "tanto lhe faz", como se dignou exprimir-se. Portanto, o senhor até ficaria desagradado se eu, neste momento, me levantasse e saísse sem quaisquer explicações.

— Pode crer que não.

"Oh, estás a mentir!"—dizia o sorriso de Pável Pávlovitch.

— Então, vamos a isto!—e encheu os copos.—Brindemos—disse, pegando no copo—à saúde do falecido amigo Stepan Mikháilovitch!

Ergueu o copo e bebeu.

— Não bebo, não brindo a isso—e Veltchanínov pousou o seu copo.

— Por que não? É um belo brindezinho.

— Oiça: quando entrou aqui não vinha já bêbedo?

— Bebi um pouco. Porquê?

— Nada de especial, mas pareceu-me que ontem e, sobretudo, hoje de manhã o senhor lamentava sinceramente a morte de Natália Vassílievna.

— E quem lhe diz que não continue a lamentá-la agora?—voltou a arremeter Pável Pávlovitch, como que empurrado por uma mola.

— Não queria dizer isso... Mas tem de concordar que podia estar enganado relativamente a Stepan Mikháilovitch e, tratando-se de uma questão séria...

Pável Pávlovitch sorriu com manha e piscou um olho.

— Vejo que o senhor está em brasas para saber de que maneira me inteirei sobre Stepan Mikháilovitch!

Veltchanínov corou.

— Repito-lhe que isso não me interessa. "E se eu o atirar para a rua agora mesmo, juntamente com a garrafa?"—pensou com raiva e corou ainda mais.

— Não tem importância!—disse Pável Pávlovitch como que a animá-lo, e encheu mais um copo para si.—Já lhe explico como vim a saber "tudo" e, com isso, satisfarei os seus desejos flamejantes... porque o senhor é uma pessoa flamejante, Aleksei Ivánovitch, terrivelmente flamejante! Eh-eh! Dê-me só um cigarrinho, porque, desde o mês de Março...

— Aqui tem um cigarrinho.

— A partir do mês de Março fiquei um depravado, Aleksei Ivánovitch, e já vai ouvir como isso aconteceu. A tísica, como o meu queridíssimo amigo sabe—ficava ele cada vez mais familiar—, é uma doença curiosa. Em muitos casos, o tísico morre quase sem perceber que a morte está à porta. Já lhe contei que, umas cinco horas antes de morrer, Natália Vassílievna planeava visitar daí a duas semanas a tia dela, que morava a quarenta verstás (6). Além disso, talvez o senhor conheça um hábito, ou, melhor dizendo, uma mania comum a muitas senhoras, e talvez a muitos cavalheiros: guardarem o velho lixo da sua correspondência amorosa. Seria mais seguro atirá-lo para o fogão, não é verdade? Mas não, qualquer tirinha de papel é religiosamente guardada nas caixinhas e nos estojos, tudo muito bem numerado, por anos, datas e categorias. Aquilo deve dar um grande consolo, não sei; acho que é para guardar as recordações agradáveis. Ao planejar, cinco horas antes de morrer, ir à festa da tia, Natália Vassílievna, como é natural, nem pensava na morte e, até à última hora, esteve sempre à espera de Koch. Mas aconteceu morrer a Natália Vassílievna, e a caixinha de ébano, com incrustações de madrepérola e enfeites de prata, ficou na sua escrivaninha. Uma caixinha bonita, com uma chavezinha, herança de família, da avó. Pois bem: foi essa caixinha a chave de tudo, de tudo sem exceção, por datas e anos, todos os vinte anos. Ora, como Stepan Mikháilovitch tinha grande inclinação para a literatura, tendo até mandado um conto de amor para uma revista, estavam na caixinha quase uma centena de obras dele, escritas, também é verdade, durante cinco anos. Algumas anotadas, pela própria mão de Natália Vassílievna. Que prazer para o marido, não acha?

(6) *Antiga medida russa, equivalente a 1,0668 km. (NT)*

Veltchanínov pensou com rapidez e lembrou-se de que nunca escrevera qualquer carta ou bilhete a Natália Vassílievna. Embora tivesse escrito duas cartas de Petersburgo, endereçou-as a ambos os esposos, tal como tinha sido combinado. Também não respondera à última carta de Natália Vassílievna, em que lhe era prescrito o despedimento.

Depois de ter acabado a história, Pável Pávlovitch ficou calado um bom minuto, sorrindo com impertinência e provocação.

— Por que não responde à perguntinha?—articulou por fim, com visível amargura.

— Que perguntinha?

— Aquela, sobre os sentimentos do marido ao abrir a caixinha.

— Quero lá saber!—Veltchanínov agitou a mão com raiva, levantou-se e pôs-se a andar pela sala.

— Posso apostar no que está a pensar agora: "Que porco me saíste, ao mostrares tu próprio os teus cornos", eh-eh! É um homem altamente escrupuloso... o senhor!

— Não estou pensar nada disso. O senhor é que está irritado de mais com a morte do seu ofensor e, além disso, bebeu em excesso. Não vejo nada de extraordinário nisso e percebo perfeitamente por que precisava do Bagaútov vivo... Estou mesmo pronto a respeitar o seu desgosto, mas...

— Então, do seu ponto de vista, para que precisava eu do Bagaútov vivo?

— São coisas suas.

— Aposto que pressupunha o duelo, não?

— Diabos o levem!—Veltchanínov perdia cada vez mais a paciência.— Eu pensava que qualquer homem decente... em semelhantes casos... não se rebaixasse até estas tagarelices cómicas, a estes requebros estúpidos, aos queixumes ridículos e às insinuações nojentas, com que se suja ainda mais. Pensei que um homem decente agisse aberta e frontalmente!

— Eh-eh, talvez eu não seja um homem decente?

— Mais uma vez, o problema é seu... Afinal, para que precisava então do Bagaútov vivo?

— Para olhar pelo menos um pouco para esse amiguinho, para bebermos uma garrafinha juntos.

— Ele não teria bebido consigo.

— Porquê? Noblesse oblige? Se o senhor está a beber comigo, em que era ele melhor?

— Eu não bebi consigo.

— Porquê esse orgulho, de repente?

Veltchanínov desatou subitamente às gargalhadas nervosas e irritadas.

— Fora, demónio! O senhor é realmente do "tipo predador"! E eu que pensava que era apenas um "eterno marido" e mais nada!

— O que é isso de "eterno marido"?—aguçou o ouvido Pável Pávlovitch.

— Nada de especial, é um tipo de marido... é uma longa história. Vá-se embora, também já são horas; estou farto de si!

— E quanto ao predador? O senhor falou em predador?

— Disse que era do "tipo predador"... só para brincar consigo.

— Que "tipo predador"? Explique-me, por favor, Aleksei Ivánovitch, por amor de Deus, ou por amor de Cristo.

— Basta, ouviu? Basta!—gritou Veltchanínov, de súbito terrivelmente zangado. — São horas, desapareça!

— Não, não basta!—Pável Pávlovitch saltou do lugar.—Mesmo que esteja farto de mim, não basta, porque antes disso temos de beber juntos e brindar! Depois de bebermos, vou-me embora, mas por agora não basta!

— Pável Pávlovitch, é ainda hoje que vai para o diabo ou não?

— Posso ir para o diabo mas, antes, bebamos! O senhor disse que não queria beber, precisamente, comigo. Pois bem, mas eu quero que beba precisamente comigo!

Já não fazia os seus trejeitos de cara, já não soltava as suas risadinhas. De repente, foi como se tudo se transformasse nele, e a tal ponto este Pável Pávlovitch, em toda a sua figura, era oposto ao Pável Pávlovitch de há pouco, que Veltchanínov ficou realmente perplexo.

— Vá lá, Aleksei Ivánovitch, bebamos, vá lá, não me recuse isso!—continuava Pável Pávlovitch, pegando-lhe no braço e olhando-o na cara de modo estranho.

Pelos vistos, não se tratava apenas de bebedeira.

— Sim, talvez—murmurou este—,mas isso não presta... ficou intragável...

— O que sobrou dá exactamente para dois copos, e está mesmo intragável, mas vamos beber e brindar na mesma! Aqui tem, faça o favor de

pegar no seu copo.

Brindaram e beberam.

— Então, já que é assim, já que é assim... ah!—Pável Pávlovitch levou de súbito a mão à frente e quedou-se uns instantes nesta posição. Pareceu a Veltchanínov que, a cada momento, ele iria pronunciar a última palavra. Mas Pável Pávlovitch nada pronunciou, limitou-se a olhar para ele e a esboçar em silêncio um grande sorriso, o mesmo sorriso que fizera havia pouco, manhoso e insinuador.

— O que quer de mim, seu bêbedo? Está a gozar comigo!—gritou freneticamente Veltchanínov, batendo com os pés no chão.

— Não grite, não grite! Por que grita?—Pável Pávlovitch agitava rapidamente a mão.—Não estou a gozar, não estou a gozar consigo! Fique sabendo que o senhor, agora, para mim... é isto!

Pegou, num repente, na mão de Veltchanínov e beijou-lha. Este nem teve tempo de reagir.

— É isto que o senhor é agora para mim! Pronto, agora já posso ir para o diabo!

— Espere, espere!—gritou Veltchanínov voltando a si.—Esquecime de lhe dizer...

Pável Pávlovitch, já à porta, virou-se para ele.

— Oiça—murmurou Veltchanínov muito depressa, corando e olhando para o lado—,o senhor devia ir amanhã sem falta à casa dos Pogoréltsev... apresentar-se e agradecer... sem falta...

— Sem falta, claro, sem falta, compreendo muito bem!—concordou prontamente Pável Pávlovitch, agitando a mão em sinal de que nem era preciso lembrar-lho.

— Além disso, a Lisa está muito... à sua espera. Eu prometi-lhe...

— A Lisa—Pável Pávlovitch voltou logo para trás—,a Lisa? O senhor sabe o que era para mim a Lisa, o que era e o que é? O que era e o que é!—gritou, quase frenético.—Mas... Eh-eh! Isso depois, tudo isso é para depois... mas agora... para mim não basta termos bebido juntos, Aleksei Ivánovitch, preciso de outra coisa que me satisfaça!...

Pousou o chapéu em cima de uma cadeira e pôs-se a olhar para Veltchanínov como há pouco, ofegante.

— Beije-me, Aleksei Ivánovitch—propôs de repente.

— Está bêbedo?—gritou Veltchanínov recuando com brusquidão.

— Estou, mas, mesmo assim, beije-me, Aleksei Ivánovitch, eh, beije-me! Então eu não acabei de lhe beijar a mãozinha, a si?

Aleksei Ivánovitch ficou calado por uns instantes, como se uma mocada na cabeça o tivesse aturdido. De repente inclinou-se para Pável Pávlovitch, que lhe chegava ao ombro, e beijou-o na boca, uma boca que tresandava a álcool. De resto, não ficou bem com a certeza de o ter beijado.

— Pronto, agora, agora...—voltou a gritar Pável Pávlovitch num frenesi, com os olhos ébrios a cintilarem—,agora, é isto: da outra vez eu pensei: "Será que... este também? Se este também foi, pensei, se foi também ele, em quem posso então confiar?"

Pável Pávlovitch depressa ficou banhado em lágrimas.

— Compreende agora que género de amigo o senhor se torna agora para mim?!

Pegou no chapéu e saiu a correr. Veltchanínov de novo ficou petrificado por algum tempo, exactamente como depois da primeira visita de Pável Pávlovitch.

"Bah, és um palhaço bêbedo e mais nada!"—e abanou com a mão.

"Decididamente, mais nada!"—confirmou energicamente quando se despia e metia na cama.

## 8 - Lisa adocece

No dia seguinte, de manhã, enquanto esperava por Pável Pávlovitch, que prometera vir sem se atrasar para irem ambos a casa dos Pogoréltsev, Veltchanínov andava pela sala, bebericava o seu café, fumava e, a cada momento, dizia para si mesmo que tinha a mesma sensação do homem que acordasse de manhã e se lembrasse, a cada instante, que recebera na véspera uma bofetada. "Hummm... este indivíduo está perfeitamente a par da verdade e há-de vingar-se de mim através de Lisa!" — pensava com medo.

A imagem querida da pobre criança passou-lhe tristemente pela cabeça. O coração bateu-lhe com mais força ao pensar que hoje mesmo, muito breve, dentro de duas horas, veria de novo a sua Lisa. "Oh, falar nisto para quê!—decidiu com ardor.

— E nisto que está agora toda a minha vida, toda a minha finalidade de vida!

Grande importância têm agora todas essas bofetadas e más recordações!... Com que finalidade tenho vivido até agora? Não sei. Confusão, tristeza... e agora...

tudo recomeça, de maneira diferente!"

Apesar de todo o seu entusiasmo, ficava cada vez mais pensativo.

"Vai torturar-me usando a Lisa, claro! E à Lisa também. E é desse modo que vai dar cabo de mim, por tudo. Humm... sem dúvida não posso permitir mais cenas como as de ontem da parte dele—corou de repente—,mas... mas ele nunca mais chega, e já passa das onze!"

Esperou muito, até ao meio-dia e meia, com a angústia a aumentar. Pável Pávlovitch não chegava. Finalmente, a ideia, que há muito mexia nele, de que o outro não vinha de propósito, com a única intenção de fazer das suas, à maneira da véspera, irritou-o em definitivo: "Sabe que dependo dele... O que será agora da Lisa? Como posso aparecer diante dela sem ele?"

Não aguentou mais e, à uma em ponto, correu para as bandas do Pokrov. Nos quartos, disseram-lhe que Pável Pávlovitch nem sequer dormira em casa, que passara por lá de manhã, depois das oito, se demorara em casa apenas um quarto de hora e voltara a sair. Veltchanínov estava à porta dos quartos de Pável Pávlovitch, ouvia a criada e girava maquinalmente a maçaneta da porta fechada, puxando-a e empurrando-a. Depois, como que caindo em si, cuspiu, largou a maçaneta e pediu que o

levassem a Maria Sissóevna. Porém, ao ouvi-lo, já esta saía de bom grado para falar com ele.

Era uma mulher bondosa, "com sentimentos nobres", como viria mais tarde a exprimir-se Veltchanínov ao contar a sua conversa com ela a Klávdia Petrovna.

Depois de o interrogar rapidamente sobre como se tinha passado tudo com a menina, na véspera, Maria Sissóevna entrou de imediato a falar de Pável Pávlovitch. Segundo as suas palavras, "se não fosse a criancinha, há muito que o tinha posto no olho da rua. Já tinha sido expulso do hotel, porque se comportava como um monstro. Veja só se não é um pecado: uma noite trouxe para casa uma rapariga da vida, e a criancinha, que já percebe tudo, estava cá! Gritou: "Esta, se eu quiser, é que vai ser a tua mãe!" Olhe que até a outra, mesmo sendo uma mulher da vida, lhe cuspiu na cara. E ele a gritar: "Não és minha filha, és uma bastarda!"

— Não me diga!—assustou-se Veltchanínov.

— Ouvi com os meus próprios ouvidos. Mesmo bêbedo, e nem que estivesse inconsciente... não se pode falar assim na presença de uma criança: ela é pequena mas já tem cabecinha para perceber! E a menina a chorar, vi mesmo que ela estava atormentada até mais não poder. Ora, há dias, aqui no hotel, aconteceu outro grande pecado: um comissário, ou outra coisa qualquer, conforme disseram as pessoas, à noite tomou um quarto do hotel e, de madrugada, enforcou-se. Diz-se que derreteu os dinheiros públicos. O povo correu para lá, o Pável Pávlovitch não estava em casa, e a criança andava por aí sozinha, sem ninguém a tomar conta dela, e eu logo a vejo lá, no corredor, atrás dos outros a espreitar com os olhos muito esquisitos para o enforcado. Peguei nela e levei-a dali. E em que estado achas que ela ficou?

Toda a tremer, negra e, mal cheguei aqui com ela, caiu redonda no chão. Muitas convulsões, só a muito custo deu acordo de si. Desde esse dia começou a adoecer.

E esse, quando chegou e soube o que se tinha passado, põe-se a beliscá-la toda: porque ele, bater, não bate, dá beliscões; depois emborcou não sei quanta bebida, chegou-se ao pé dela e pôs-se a assustá-la: "Eu também me hei-de enforçar, por tua culpa. Enforco-me mesmo neste cordão do estore", dizia ele, e põe-se a fazer o nó à frente dela. A menina não tem mão em si, grita, abraça-o com os bracinhos: "Eu não volto a fazer, paizinho, nunca mais volto a fazer." É de meter pena!

Veltchanínov, embora estivesse à espera de alguma coisa muito estranha, ficou tão espantado com estas histórias que nem quis acreditar. Maria Sissóevna contou-lhe ainda mais: houve uma ocasião, por exemplo, em que, se não fosse Maria Sissóevna, a Lisa tinha-se atirado da janela. Veltchanínov saiu dos quartos mobilados como embriagado. "Mato-o às pauladas na cabeça, como a um cão!"—palpitava-lhe na mente. Não parava de repeti-lo.

Tomou um coche e foi para casa dos Pogoréltsev. Ainda antes da saída da cidade, o coche foi obrigado a parar numa encruzilhada, junto a uma pontezinha sobre o canal por onde passava um grande cortejo fúnebre. De ambos os lados da ponte estavam várias carruagens, à espera, e também muita gente. O funeral era rico, a caravana de coches muito comprida. Então, da janela de uma das carruagens, relampejou aos olhos de Veltchanínov, por um instante, a cara de Pável Pávlovitch. Não teria acreditado se o próprio Pável Pávlovitch não assomasse à janela e não lhe acenasse com a cabeça, sorrindo. Parecia muito contente por ter reconhecido Veltchanínov, começou mesmo a acenar-lhe com as mãos. Veltchanínov saltou da carruagem e, apesar do aperto, dos polícias e de o coche de Pável Pávlovitch já ter entrado na ponte, correu até ele. Pável Pávlovitch estava sozinho no coche.

— O que se passa consigo?—gritou-lhe Veltchanínov.—Por que não apareceu? O que está aí a fazer?

— Presto a última homenagem, e não grite, não grite, a última homenagem—dizia Pável Pávlovitch entre risinhos, piscando alegremente os olhos.—Despeço-me dos restos mortais do meu verdadeiro amigo Stepan Mikháilovitch.

— Coisa mais absurda, seu bêbedo, seu maluco!—gritou ainda mais Veltchanínov, depois de um instante de perplexidade.—Saia imediatamente e sente-se no meu coche, já!

— Não posso, é meu dever...

— Eu tiro-o daí à força!—berrava Veltchanínov.

— E eu grito! Eu grito!—continuava por entre os mesmos risinhos Pável Pávlovitch, escondendo-se no canto mais afastado do coche, como se aquilo fosse uma brincadeira.

— Cuidado, cuidado, ainda o atropelam!—gritou um polícia. De facto, na descida da ponte, outro coche, saindo da caravana, criou alvoroço. Veltchanínov viu-se obrigado a afastar-se de um salto; outras carruagens e a

multidão fizeram-no retroceder ainda mais. Cuspiu e, furando por entre a multidão, voltou ao seu coche.

"Em qualquer caso, não o podia levar naquele preparo!"—pensou, não deixando de continuar espantado e preocupado.

Quando contou a Klávdia Petrovna o que lhe dissera Maria Sissóevna e o estranho encontro com Pável Pávlovitch no funeral, esta ficou muito pensativa. "Temo por si—disselhe—,tem de romper todas as relações com ele, quanto antes melhor."

— É um palhaço bêbedo e mais nada!—exclamou Veltchanínov num impulso.—Não tenho medo dele! E como posso cortar relações com ele quando se trata de Lisa?

De Lisa, não esqueça!

Entretanto, Lisa adoecera: na véspera à noite ficou com febre, e estavam à espera de um conhecido médico da cidade, que tinham mandado buscar de manhã cedo. Tudo isso amargurou por completo Veltchanínov. Klávdia Petrovna levou-o até junto da doente.

— Ontem observei-a com muita atenção—disse ela, parando à porta do quarto de Lisa.—É uma criança orgulhosa e sombria; envergonha-se de estar em nossa casa e que o pai a tenha abandonado desta maneira. A meu ver, é nisso que consiste a doença dela.

— A tenha abandonado? O que a leva a pensar que ele a abandonou?

— Já o facto de a ter deixado vir para cá, para uma casa desconhecida e com um homem... também quase desconhecido ou com quem tem um relacionamento...

— Mas fui eu quem a trouxe, à força; não acho...

— Ah, meu Deus, quem acha é a Lisa, a criança! Por mim, ele nunca mais aparece, pura e simplesmente.

Ao ver Veltchanínov sozinho, Lisa não se admirou: apenas sorriu com angústia e virou a cabecinha ardente contra a parede. Nada respondia às consolações tímidas e às promessas fervorosas de Veltchanínov de que lhe traria o pai, amanhã sem falta. Quando saiu do quarto, Veltchanínov chorou.

O doutor chegou só ao fim da tarde. Depois de examinar a menina, assustou logo toda a gente ao dizer que tinham feito mal em não o terem chamado mais cedo.

Quando lhe disseram que a menina adoecera apenas na véspera à noite, a princípio não acreditou. "Tudo depende de como vai passar esta noite"—concluiu e, depois de passar as prescrições, partiu, prometendo voltar no dia

seguinte o mais cedo possível. Veltchanínov queria passar a noite ali, mas Klávdia Petrovna convenceu-o a "tentar mais uma vez trazer esse facínora".

— Mais uma vez?—repetiu Veltchanínov em frenesi.—Agora ato-o e trago-o nos braços!

A ideia de atar e trazer Pável Pávlovitch ao colo apoderou-se dele, de repente, até à extrema impaciência. "Agora, perante ele, em nada, em nada me sinto culpado!—dizia a Klávdia Petrovna quando se despedia dela.—Renego todas as minhas palavras baixas e lamurientas que ontem disse aqui!"—acrescentou, indignado.

Lisa estava deitada com os olhos fechados e, pelos vistos, dormia; parecia melhor. Quando, à despedida, Veltchanínov se inclinou com cuidado para ela, para lhe beijar ao menos a ponta da camisinha, a miúda abriu de repente os olhos, como se estivesse à espera, e sussurrou:—Leve-me daqui.

Era um pedido manso, amargo, sem sombra da irritação da véspera e, ao mesmo tempo, deixando transparecer que ela própria já tinha a certeza de que o seu pedido nunca seria satisfeito. Mal Veltchanínov começou a tentar convencê-la, completamente desesperado, de que isso era impossível, Lisa fechou em silêncio os olhos e não disse mais nada, como se não estivesse a vê-lo e a ouvi-lo.

Ao entrar na cidade, mandou seguir directamente para a Pokrov. Eram já dez horas. Pável Pávlovitch não estava. Veltchanínov esperou por ele meia hora, calcorreando o corredor numa impaciência doentia. Maria Sissóevna acabou por convencê-lo de que Pável Pávlovitch só chegaria, na melhor das hipóteses, lá para a madrugada.

"Então venho cá de madrugada"—decidiu Veltchanínov e, fora de si, dirigiu-se para sua casa.

Mas qual não foi o seu espanto ao ouvir de Mavra, antes ainda de chegar ao seu apartamento, que o visitante da véspera já estava à espera dele desde as nove.

"Tomou chá aqui e ele próprio me deu cinco rublos para ir buscar vinho como o de ontem."

## 9 - Fantasma

Pável Pávlovitch tinha-se instalado confortavelmente. Estava sentado na mesma cadeira da véspera, a fumar, e tinha acabado de encher o quarto e último copo da garrafa. O bule e o copo com um resto de chá estavam também em cima da mesa. A sua cara avermelhada reluzia de afabilidade. Tinha até tirado a sobrecasaca, à Verão, e estava em colete.

— Desculpe, meu fidelíssimo amigo!—gritou ao ver Veltchanínov e precipitando-se a vestir a sobrecasaca.—Tirei-a para gozar ainda mais o agradável momento...

Veltchanínov, ameaçador, aproximou-se dele.

— Não está ainda completamente bêbedo? É possível ainda falar consigo?

Pável Pávlovitch mostrou-se um tanto perplexo.

— Não, não o estou ainda por completo... Bebi à memória do falecido, mas... não estou ainda completo...

— Está então em condições de me compreender?

— Vim cá propositadamente para o compreender.

— Então, começo por lhe dizer directamente que é um canalha!—gritou-lhe Veltchanínov com a voz entrecortada.

— Se começa assim, como não irá acabar?—protestava Pável Pávlovitch com frouxidão, visivelmente acobardado, mas Veltchanínov continuava a gritar sem lhe dar ouvidos:—A sua filha está doente, está a morrer! O senhor por acaso não a abandonou?

— Está mesmo a morrer?

— Está doente, muito doente, tem uma doença extremamente perigosa!

— Às tantas são só uns ataques...

— Pare de dizer disparates! Está gra-ve-men-te doente! Devia ir lá, ao menos para...

— Para agradecer, para agradecer a hospitalidade! Sei muito bem, compreendo bem de mais! Aleksei Ivánovitch, meu querido, minha perfeição—agarrava-se com ambas as mãos à mão de Veltchanínov e, com sentimentalismo de bêbedo, quase em lágrimas, como que suplicava perdão, aos gritos:—Aleksei Ivánovitch, não grite, não grite! Que eu morra, que caia agora mesmo ao Neva, bêbedo como estou: o que vai isso mudar, no

verdadeiro significado das coisas? Além disso, arranjaríamos sempre tempo de ir a casa do senhor Pogoréltsev...

Veltchanínov caiu em si e conteve-se um pouco.

— Está bêbedo, por isso não compreendo muito bem qual o sentido do que está a dizer—observou severamente.—Estou sempre pronto a esclarecer as coisas consigo, gostaria até de fazê-lo o mais depressa possível... Ia precisamente para... Mas, em primeiro lugar, fique sabendo que resolvi tomar medidas: hoje tem de dormir em minha casa! Amanhã de manhã levo-o lá, vamos juntos. Não o largo!—voltou a falar aos berros.—Ato-o e levo-o nos braços!... É cómodo para si dormir neste divã?—apontou, ofegante, para o divã largo e macio em frente do outro, em que ele próprio dormia, junto à parede.

— Por amor de Deus, durmo em qualquer cantinho...

— Em qualquer cantinho não, neste divã. Tome, aqui tem o lençol, o cobertor, a almofada.—(Veltchanínov tirava tudo isso do armário e, com brusquidão, atirava-o a Pável Pávlovitch que, submisso, estendia o braço).—Faça imediatamente a cama, faça a cama!

Pável Pávlovitch, com os braços carregados de roupa, estava espedado no meio da sala, indeciso, com um sorriso bêbedo, prolongado, na cara bêbeda; porém, com esta segunda ordem ameaçadora gritada por Veltchanínov, entrou de repente e muito depressa em grande azáfama, afastou a mesa e, resfolegando, começou a estender e a pôr o lençol. Veltchanínov aproximou-se para o ajudar, satisfeito, de certo modo, com a submissão e o susto do seu convidado.

— Acabe de beber o seu copo e deite-se—deu mais uma ordem; sentia que não podia deixar de mandar no outro.—Foi o senhor quem mandou buscar essa bebida?

— A bebida, sim, fui... É que, Aleksei Ivánovitch, eu sabia que o senhor não voltaria a fazê-lo...

— Ainda bem que sabia, mas é bom que saiba ainda outra coisa. Digo-lhe, mais uma vez, que resolvi tomar medidas: não vou suportar mais as suas palhaçadas, não vou suportar mais os seus beijos de bêbedo!

— Eu próprio, Aleksei Ivánovitch, compreendo muito bem que isso só seria possível uma única vez—soltou uma risada Pável Pávlovitch.

Ao ouvir aquela réplica, Veltchanínov, que andava pela sala, parou com um ar quase solene em frente de Pável Pávlovitch.

— Pável Pávlovitch, fale com frontalidade! O senhor é inteligente, mais uma vez tenho de reconhecê-lo, mas garanto-lhe que enveredou por um caminho errado! Diga as coisas frontalmente, aja frontalmente, e dou-lhe a minha palavra de honra que responderei a todas as suas perguntas!

Pável Pávlovitch voltou a esboçar o seu sorriso comprido que, só por si, já enfurecia Veltchanínov.

— Espere!—gritou-lhe este outra vez.—Não finja, vejo através de si como se fosse transparente! Repito: dou-lhe a minha palavra de honra que estou pronto a responder-lhe a tudo, e o senhor terá a sua satisfação, seja ela qual for, isto é, mesmo a impossível! Oh, gostava tanto que o senhor me compreendesse!

— Já que está tão generoso—Pável Pávlovitch chegou-se cautelosamente a ele—,saiba que fiquei muito interessado naquilo que o senhor ontem mencionou sobre o tipo predador!...

Veltchanínov fez menção de cuspir e pôs-se de novo a andar pela sala, ainda mais depressa.

— Não, Aleksei Ivánovitch, não cuspa, porque eu estou mesmo interessado e vim cá precisamente para verificar... A minha língua entaramela-se, mas o senhor vai desculpar-me.

É que eu próprio li qualquer coisa sobre isso do tipo "predador" e do tipo "manso", numa revista, na secção de crítica... lembrei-me hoje de manhã... só que me esqueci e, também, na verdade não compreendi muito bem o que li. Eu queria mesmo esclarecer uma coisa: Stepan Mikháilovitch Bagaútov, o falecido, era "predador" ou "manso"? Em que categoria se inclui? Veltchanínov continuava calado, a andar.

— O tipo predador é aquele que...—parou de repente—,é o homem que antes teria posto veneno no copo de Bagaútov quando bebia champanhe com ele em nome de um agradável encontro, do que teria ido acompanhar o seu caixão ao cemitério, como o senhor fez, só o diabo sabe com que intenções secretas, clandestinas, nojentas, e com que palhaçadas que só lhe sujam o nome! O seu próprio nome!

— Sim, é verdade que um homem desses não teria ido—confirmou Pável Pávlovitch—,só que... irra, não é caso para o senhor me...

— E não essa espécie de homem—excitava-se e gritava Veltchanínov sem dar ouvidos ao outro—que, com as suas fantasias desmesuradas, se arma em juiz e justiceiro, papagueia de cor a sua ofensa como uma lição escolar, lamuria-se, requebra-se, faz palhaçadas, pendura-se ao pescoço dos

outros... E olhe que gasta com isso todo o seu tempo! É verdade que o senhor queria enforcar-se? É verdade?

— Devia estar com os copos e disse uma asneira qualquer. Para mim, Aleksei Ivánovitch, é indecente pôr veneno. Além de eu ser um funcionário público bem cotado, tenho algum capital e pode ser que ainda queira casar-me outra vez.

— E também há o perigo dos trabalhos forçados.

— Pois, também há essa desgraça, embora hoje em dia, nos tribunais, se encontrem muitas circunstâncias atenuantes. A propósito, quando ia no coche lembrei-me de uma anedota engraçadíssima para si, Aleksei Ivánovitch, quero contar-lha. O senhor acabou de dizer: "Pendura-se ao pescoço dos outros." Deve lembrar-se de Semion Petróvitch Livtsov, que chegou um belo dia à nossa T..., ainda o senhor lá estava. Pois bem, o irmão mais novo dele, também considerado um jovem petersburguense, prestava serviço em V..., adstrito ao governador, e também brilhava pelas suas várias qualidades. Uma vez discutiu com o coronel Golubenko, na assembleia dos nobres, na presença das senhoras e da dama do seu coração, e apesar de se ter considerado a si mesmo insultado, engoliu o insulto e guardou o rancor; entretanto, Golubenko roubou-lhe a dama do seu coração e fez-lhe o pedido de casamento. Pois bem, o que pensa o senhor? O tal Livtsov travou uma amizade sincera com Golubenko, fizeram as pazes completas, e mais: fez questão de ser o seu Schaffer (7), segurou a coroa sobre a cabeça do noivo sem problemas, mas, mal chegaram a casa, depois da cerimónia na igreja, Livtsov aproximou-se de Golubenko, para lhe dar os parabéns e os beijos da praxe, e então, na presença de toda a nobre sociedade e do governador, e ele próprio de casaca e com o cabelo frisado, espetou a faca na barriga do noivo Golubenko... que rolou pelo chão! Veja lá, o próprio Schaffer, que pouca vergonha! Mas há mais! O curioso é que, mal espetou a faca, começou a andar à roda de todos os que ali estavam: "Ah, o que eu fiz! Ah, o que eu fui fazer!", e as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo, todo a tremer, a atirar-se ao pescoço de todos, e até das senhoras: "Ah, o que eu fiz! Ah, o que eu fui fazer!" Hi-hi-hi, é de morrer a rir. É claro que a gente fica com pena do Golubenko, mas acabou por recuperar.

— Não estou a ver por que me contou tudo isso—Veltchanínov carregou severamente o sobrolho.

— Porque, afinal de contas, ele sempre lhe espetou a faca—riu-se Pável Pávlovitch—, porque se vê bem que ele não é um "tipo" mas um fracalhote

que, com o susto, se esquece mesmo das regras de comportamento e se atira ao pescoço das senhoras na presença do governador; mesmo assim, sempre o esfaqueou, conseguiu o que queria! É só por isso.

*(7) Palavra alemã para designar as pessoas (uma junto do noivo e outra junto da noiva) que prestam ajuda e serviço no casamento. Durante a cerimônia ritual, seguram as coroas por cima das cabeças dos noivos. (NT)*

— Vá pro diabo!—explodiu Veltchanínov aos berros, transtornados, como se alguma coisa rebentasse dentro dele.—Vá prò diabo e mais as suas porcarias rasteiras, e o senhor mesmo não passa de um porco rasteiro a querer assustar-me! Seu carrasco de crianças, ignóbil, velhaco, velhaco, velhaco!—gritava Veltchanínov fora de si, asfixiando-se a cada palavra.

Pável Pávlovitch estremeceu todo, até lhe passou a embriaguez. Os lábios dele tremiam:—Está a chamar-me velhaco, Aleksei Ivánovitch? É o senhor quem chama velhaco a mim?

Mas já Veltchanínov caíra em si.

— Estou pronto a pedir-lhe desculpas—disse, depois de um silêncio pesado—,mas apenas com a condição de o senhor aceitar agir frontalmente.

— Eu, no seu lugar, pedia desculpas sem condições.

— Está bem, seja—disse Veltchanínov e calou-se de novo.—Peço-lhe desculpa, Pável Pávlovitch, mas tem de concordar que, depois disto tudo, não considero ter mais nenhuma obrigação para consigo, ou seja, estou a falar de todo o caso, e não desta última ocorrência.

— Não tem importância, para que serve ajustar as contas?—soltou uma risada Pável Pávlovitch, mas de olhos postos no chão.

— Se assim é, ainda bem, ainda bem! Acabe o seu copo e deite-se, porque, em qualquer caso, não o deixo fugir...

— O copo, não sei...—Pável Pávlovitch parecia um pouco confuso, mas acabou por se aproximar da mesa e bebeu o seu último copo, havia muito cheio. Parecia já ter bebido muito, porque a mão tremia-lhe e deixou derramar uma parte para o chão, a camisa e o colete. Bebeu até ao fim—como se não pudesse deixar nada por beber -e, pousando respeitosamente o copo na mesa, foi para junto da cama, submisso, e começou a despir-se.

— Não será melhor eu não dormir cá?—disse, de repente, quando já tinha na mão uma das botas que tinha tirado.

— Não, não é!—respondeu Veltchanínov com raiva, continuando a calcorrear incansavelmente a sala, sem olhar para ele.

O outro despiu-se e deitou-se. Um quarto de hora depois também Veltchanínov se deitou e apagou a vela.

Estava a adormecer, mas inquieto. Alguma coisa de novo, que ainda emaranhava mais o assunto e que lhe surgira sabe-se lá donde, estava a preocupá-lo muito agora e, ao mesmo tempo, sentia que, por qualquer razão, se envergonhava desta preocupação. Estava a cair no sono, mas foi acordado por um roçar de roupa. Virou a cara para a cama de Pável Pávlovitch. Estava escuro (as cortinas tinham sido corridas), mas pareceu-lhe que Pável Pávlovitch não estava deitado, mas sentado na cama.

— O que tem?—chamou-o Veltchanínov.

— A sombra—articulou Pável Pávlovitch, mas não de imediato, em voz quase inaudível.

— O quê? Que sombra?

— Ali, na outra sala, parece que a vi, através da porta.

— A sombra de quê?—perguntou Veltchanínov depois de um silêncio.

— De Natália Vassílievna.

Veltchanínov desceu os pés para o tapete e espreitou, através do vestíbulo, para a outra sala, cujas portas estavam sempre abertas. Ali não havia cortinas nas janelas, apenas estores, por isso havia mais luz.

— Naquela sala não há nada, o senhor está bêbedo, deite-se!—disse Veltchanínov, deitou-se e agasalhou-se no cobertor. Pável Pávlovitch não disse mais nada e deitou-se também.

— E antes, nunca tinha visto a sombra?—perguntou, subitamente, Veltchanínov, uns dez minutos depois.

— Uma vez parece que a vi—respondeu Pável Pávlovitch, também após uma pausa e em voz fraca. A seguir, o silêncio.

Passou cerca de uma hora, e Veltchanínov não poderia dizer ao certo se dormiu ou não; de repente, virou-se outra vez na cama: terá sido um remexer qualquer que o acordou? Não sabia, mas pareceu-lhe que no meio da escuridão cerrada havia alguma coisa, de pé por cima dele, branca, ainda a alguma distância mas já no meio da sala. Sentou-se na cama e pôs-se à escuta um longo momento.

— É o senhor, Pável Pávlovitch?—perguntou numa voz sumida. O som da sua voz, no silêncio e no escuro do quarto, pareceu-lhe estranho.

Não houve resposta, mas já não tinha dúvidas de que alguém estava ali parado.

— É o senhor... Pável Pávlovitch?—repetiu desta vez em voz alta, e mesmo tão alta que se Pável Pávlovitch estivesse a dormir calmamente, de certeza acordaria e responderia.

Voltou a não obter resposta, mas pareceu-lhe que a figura branca e indistinta se chegava ainda para mais perto dele. A seguir, aconteceu uma coisa estranha: alguma coisa explodiu dentro dele, como havia pouco, e desatou aos gritos absurdos, furiosos, sufocando a cada palavra:—Se o senhor, seu palhaço bêbedo... se atrever a pensar... que pode... assustar-me... viro-me para a parede... cubro a cabeça... e nem para si olho... para lhe mostrar a importância que lhe dou... nem que fique aí até de manhã... como um palhaço... e cuspo-lhe na cara!

E cuspiu, com fúria, na direcção do pretenso Pável Pávlovitch, voltou-se contra a parede, agasalhou-se no cobertor e ficou imóvel nessa posição. Voltou a instalar-se um silêncio de morte. Veltchanínov não podia saber se a sombra avançava ou se imobilizava, mas o seu coração batia, batia, batia... Cinco minutos se passaram, pelo menos. De súbito, a dois passos dele, soou a voz fraca e lamentosa de Pável Pávlovitch:—Eu levantei-me, Aleksei Ivánovitch, para procurar...—(nomeou um objecto doméstico indispensável)—,e como não o encontrei ao pé de mim... vim ver se estava ao pé da sua cama.

— Então por que se calou... quando eu gritei?—perguntou um bom pedaço depois Veltchanínov, com a voz entrecortada.

— Assustei-me. O senhor gritou cá de uma maneira... que me assustou.

— Ali no canto, à esquerda, ao pé da porta, no armário pequeno, acenda a vela...

— Nem é precisa a vela...—pronunciou Pável Pávlovitch numa voz resignada, dirigindo-se para o canto.—Desculpe tê-lo incomodado, Aleksei Ivánovitch... fiquei bêbedo de repente...

Veltchanínov, desta vez, nada respondeu. Continuava de cara voltada contra a parede e assim ficou durante toda a noite, sem se virar. Teria assim tanta vontade de cumprir a sua palavra e mostrar o seu desprezo? Ele próprio não sabia o que se passava com ele: o seu desarranjo nervoso acabou por se transformar quase num delírio, e levou muito tempo a adormecer. Acordou já depois das nove, sentou-se na cama sobressaltado,

como se o empurrassem: Pável Páviovitch já não estava na sala! Só a cama vazia, desfeita, o homem fugira!

— Já sabia!—e Veltchanínov deu uma palmada na testa.

## 10 - No cemitério

Os receios do médico confirmaram-se: Lisa piorou. O seu estado agravou-se de uma maneira que nem Veltchanínov nem Klávdia Petrovna podiam imaginar na véspera. De manhã, ainda Veltchanínov encontrou a menina consciente, embora a arder em febre (mais tarde contaria que ela lhe sorriu e lhe estendeu a mãozinha quente). Se isso era verdade ou se o inventou involuntariamente para sua consolação, nunca chegou a saber. À noite já estava inconsciente, e nunca mais voltou a si. No décimo dia após a sua mudança para a casa de campo Lisa morreu.

Foi um tempo amargo para Veltchanínov. Os Pogoréltsev chegaram a temer por ele.

Passou a maior parte desses dias de pesar em casa deles. Nos últimos dias da doença de Lisa passava horas a fio sentado num canto e, pelos vistos, não pensava em nada; Klávdia Petrovna tentava distraí-lo, mas Veltchanínov quase não respondia às perguntas e, às vezes, mostrava-se até visivelmente incomodado com a conversa. Klávdia Petrovna dizia que não esperava que "tudo isso o abalasse tanto". As crianças conseguiam distraí-lo mais: chegava a rir-se com elas. De hora a hora levantava-se e ia, em bicos de pés, ver a doentinha. Às vezes parecia-lhe que a menina o reconhecia. Não tinha qualquer esperança de que Lisa recuperasse, como, aliás, ninguém tinha, mas não queria ficar longe do quarto onde ela se finava, pelo que ocupou o quarto contíguo.

Durante estes dias, por duas vezes, porém, entrou numa actividade frenética: levantava-se de repente, precipitava-se para Petersburgo à procura dos médicos, chamava os mais famosos, organizava juntas médicas. O segundo e último desses conselhos foi na véspera da morte. Três dias antes, Klávdia Petrovna falara com insistência com Veltchanínov na necessidade de se encontrar finalmente Trussótski: "Se acontecer alguma desgraça, sem ele nem sequer será possível fazer o funeral de Lisa." Veltchanínov balbuciou que ia escrever-lhe. Então, o velho Pogoréltsev disse que ele próprio o encontraria, por intermédio da polícia. Veltchanínov acabou por escrever um recado de duas linhas e levou-o ao hotel de Pokrov. Pável Pávlovitch, como sempre, não estava em casa, e Veltchanínov deixou o bilhete a Maria Sissóevna, para que lho entregasse.

Lisa morreu numa bela tarde de Verão, ao pôr do Sol, e então Veltchanínov voltou a si. Quando vestiram a menina morta, com um vestido branco de festa de uma das filhas de Klávdia Petrovna, e a colocaram em cima da mesa da sala, com flores nas suas mãozinhas juntas, Veltchanínov aproximou-se de Klávdia Petrovna e, de olhos a cintilar, declarou que ia buscar imediatamente o "assassino". Sem querer ouvir os conselhos de que devia esperar até ao dia seguinte, dirigiu-se à cidade.

Sabia onde podia apanhar Pável Pávlovitch: das outras vezes não fora a Petersburgo só à procura dos médicos. Nesses dias pensava que, se pudesse levar o pai à moribunda, ela ouviria a voz dele e voltaria a si. Então, desesperado, meteu-se à procura dele por todo o lado. Pável Pávlovitch continuava alojado nos quartos mobilados, mas já era inútil procurá-lo lá. "Já não dorme aqui há três noites seguidas, nem passa por cá—informou-o Maria Sissóevna—, e quando aparece, bêbedo, nem uma hora se demora em casa, vai-se logo embora, anda desvairado." Um empregado de mesa do hotel disse a Veltchanínov, entre outras coisas, que Pável Pávlovitch já antes tinha o hábito de frequentar umas rameiras da Avenida Voznessénski. Veltchanínov encontrou logo essas raparigas. Depois de umas prendas e de um bom jantar, lembraram-se do cliente, principalmente pelo chapéu com fita de luto, e desataram logo a criticá-lo, evidentemente, por ele ter deixado de as visitar. Uma delas, Kátia, encarregou-se de "encontrar Pável Pávlovitch de um momento para o outro, porque ele agora não sai de casa da Machka Prostakova, e tem dinheiro que nunca mais acaba, e essa Machka é uma aldrabona e já foi parar uma vez ao hospital, e ela, Kátia, basta-lhe dizer uma palavra para essa ir parar à Sibéria". Kátia, porém, dessa vez não encontrou Pável Pávlovitch, mas fez a promessa firme de o encontrar na próxima. Era com a ajuda de Kátia que Veltchanínov agora contava.

Mal chegou à cidade, já às dez horas, mandou-a chamar imediatamente, pagando a quem de direito pela ausência dela. Foi, juntamente com ela, à procura. Ele próprio ainda não sabia o que tencionava fazer com Pável Pávlovitch: se o matava ou, simplesmente, se lhe comunicava a morte da filha e a necessidade da sua participação no funeral. De início, a tentativa foi mal sucedida: veio a saber-se que a Machka aldrabona brigara com Pável Pávlovitch dois dias antes e que um contabilista qualquer "partira a cabeça a Pável Pávlovitch com um banco". Numa palavra, demorava a encontrá-lo mas, finalmente, já às duas da madrugada, Veltchanínov,

quando saía de uma casa de passe que lhe tinham indicado, deu de caras com Pável Pávlovitch, repentina e inesperadamente.

Pável Pávlovitch, completamente bêbedo, estava a ser levado para esta casa por duas damas: uma delas segurava-o pelo braço; atrás ia um reclamante, grandalhão e gesticulador, a gritar a plenos pulmões e a ameaçar Pável Pávlovitch com uns horrores quaisquer. Gritava, a propósito, que o outro o "explorava e lhe envenenava a vida". Tratava-se de uns dinheiros, pelos vistos; as damas estavam com medo e estugavam o passo. Ao ver Veltchanínov, Pável Pávlovitch precipitou-se para ele com os braços abertos e gritou como se o tivessem esfaqueado:—Meu irmão querido, acuda-me!

À vista da figura atlética de Veltchanínov, o reclamante desapareceu num instante; Pável Pávlovitch, triunfante, apontou-lhe o punho cerrado às costas e berrou em sinal de vitória; nisto, Veltchanínov agarrou-o furiosamente pelos ombros e, sem saber bem porquê, pôs-se a abaná-lo com ambas as mãos, fazendo com que os dentes do outro batessem. Pável Pávlovitch deixou de berrar e olhava agora para o seu carrasco com um medo embotado e bêbedo. Sem saber já o que fazer com ele, Veltchanínov dobrou-o com força e sentou-o no poial do passeio.

— Lisa morreu!—disselhe.

Pável Pávlovitch, sem desviar os olhos dele, estava sentado no poial, com uma das damas a segurá-lo. Por fim compreendeu, e a sua cara tornou-se de súbito macilenta.

— Morreu...—sussurrou de modo estranho. Esboçou o seu nojento e prolongado sorriso? Entortou a cara, como costumava fazer? Veltchanínov não conseguiu perceber, mas logo depois Pável Pávlovitch levantou a custo a mão direita tremente para se persignar; mas o sinal da cruz não resultou, e a mão tremente caiu. Um pouco depois soergueu-se devagar, agarrou-se à sua dama e, apoiando-se nela, seguiu o seu caminho, como que inconsciente: como se Veltchanínov não estivesse ali. Mas este voltou a filá-lo pelo ombro.

— Não comprehendes, seu facínora bêbedo, que sem ti nem sequer é possível fazer-lhe o funeral?—gritou-lhe, ofegando.

Pável Pávlovitch voltou a cabeça para ele.

— Lembra-se do... alferes... de artilharia?—balbuciou com a língua entaramelada.

— O quê-ê-ê?—berrou Veltchanínov com um tremor doentio.

— Aí tens o pai, se quiseres! Procura-o... para o funeral...

— Mentos!—gritou Veltchanínov, como perdido.—Fazes isto por maldade... já sabia que mo tinhas preparado!

Fora de si, levantou o seu temível punho sobre a cabeça de Pável Pávlovitch.

Mais um pouco e talvez o tivesse matado de um golpe; as damas guincharam e afastaram-se num pulo, mas Pável Pávlovitch nem sequer pestanejou. Um frenesi de raiva animalesca desfigurava-lhe a cara.

— Conheces—pronunciou com nitidez, como se já não estivesse bêbedo—a nossa expressão russa...—(E disse um palavrão dos mais impossíveis na imprensa.) -

Pois é para lá que eu quero que tu vás!—Depois arrancou-se com força das mãos de Veltchanínov, tropeçou e por pouco não caiu. As damas seguraram-no e, desta vez, sempre a guinchar, puseram-se em fuga arrastando consigo Pável Pávlovitch.

Veltchanínov não foi atrás dele.

No dia seguinte, à uma da tarde, chegou à casa de campo dos Pogoréltsev um funcionário envergando o uniforme, de meia-idade e aspecto bastante decente, que entregou educadamente a Klávdia Petrovna um sobrescrito, endereçado em seu nome, da parte de Pável Pávlovitch Trussótski. O sobrescrito continha uma carta, trezentos rublos em dinheiro e as certidões necessárias de Lisa. A carta de Pável Pávlovitch era breve, respeitosa e muito decente. Agradecia muito a sua excelência Klávdia Petrovna a atenção virtuosa com que tratara a órfã, pela qual só Deus poderia recompensá-la. Mencionava vagamente que uma doença grave não lhe permitia comparecer pessoalmente para fazer o funeral da filha, ternamente amada e tão infeliz, e que para tal depositava todas as suas esperanças na angélica bondade de alma de sua excelência. Os trezentos rublos, como esclarecia a seguir na carta, destinavam-se ao funeral e a cobrir as despesas que a doença implicara. Se sobrasse alguma coisa, pedia submissa e respeitosamente que fosse aplicada para mandar rezar missas pelo eterno descanso da alma da falecida Lisa.

O funcionário que trouxera a carta não podia explicar mais nada; ficou mesmo claro, por algumas palavras dele, que se encarregara de entregar a carta apenas depois de muita insistência por parte de Pável Pávlovitch. O senhor Pogoréltsev quase se ofendeu com a expressão "as despesas que a doença implicara" e resolveu aceitar cinquenta rublos—como era possível

proibir um pai de fazer o funeral da própria filha?—e devolver de imediato os restantes duzentos e cinquenta rublos ao senhor Trussótski. Klávdia Petrovna acabou por tomar a decisão final ao remeter a Pável Pávlovitch, em vez de duzentos e cinquenta rublos, um recibo da igreja dessa quantia sobre a sua aplicação na celebração de missas pelo eterno descanso da alma da falecida, a menor Elisaveta (8). O recibo foi dado a Veltchanínov, para que o entregasse imediatamente; Veltchanínov mandou-o pelo correio para o hotel.

*(8) Elisaveta é o nome por inteiro; Lisa é diminutivo. (NT)*

Depois do funeral, Veltchanínov desapareceu da casa de campo. Durante duas semanas vagueou pela cidade, sem objectivo, sozinho, mergulhado nos seus pensamentos, esbarrando contra os transeuntes. Às vezes passava dias a fio deitado no divã, esquecendo-se das coisas mais elementares. Os Pogoréltsev mandavam-lhe às vezes um estafeta com o convite para que fosse visitá-los; ele prometia ir e esquecia-se disso a seguir. A própria Klávdia Petrovna chegou a ir a casa dele, mas não o encontrou. O mesmo aconteceu com o seu advogado, que tinha notícias a dar-lhe: o litígio fora habilmente resolvido, os adversários concordavam com uma solução amigável, mediante uma compensação bastante modesta: uma pequena parcela da herança. Faltava apenas a assinatura do próprio Veltchanínov. Ao apanhá-lo finalmente em casa, o advogado ficou espantado com a grande moleza e indiferença com que o seu cliente, havia pouco tão inquieto, recebeu a notícia.

Começaram os dias mais quentes de Julho, mas Veltchanínov não se dava conta do tempo. A desgraça saturou-lhe a alma de dor, como um abcesso maduro, e apresentava-se-lhe claramente, a cada instante, na forma de uma ideia consciente e torturante. O seu sofrimento principal era o de a Lisa ter morrido sem saber quem ele era e com que dor infinita a amava! Todo aquele objectivo de vida que um dia cintilava diante dele numa luz de felicidade se apagou de repente nas trevas eternas. Tal objectivo devia consistir precisamente—pensava ele sem cessar, nestes dias—em a Lisa sentir, todos os dias, a todas as horas e durante toda a vida, o seu amor por ela. "Não há objectivo mais elevado para qualquer ser humano, nem pode haver!—meditava ele, num êxtase sombrio.—Mesmo que haja outros objectivos, não há nenhum mais sagrado!" "Com o amor de Lisa

— divagava—ter-se-ia purificado e redimido toda a minha vida passada, inútil e hedionda; para me substituir a mim próprio, homem ocioso, vicioso e caduco, teria cultivado ternamente uma criatura bela e pura, e por esta criatura ser-me-ia perdoado tudo, e eu próprio me perdoaria tudo."

Todos estes pensamentos conscientes lhe eram inseparáveis da recordação viva, sempre próxima e sempre a abalar-lhe a alma, da criança falecida. Reconstruía na imaginação o seu rosto pálido, lembrava-se de cada expressão desse rosto; lembrava-se dela no caixão, coberta de flores, e antes, inconsciente, a arder em febre, com os olhos abertos e imóveis. Lembrou-se de repente que, já ela estava estendida em cima da mesa, reparara que um dedinho dela ficara enegrecido durante a doença, sabe Deus porquê; ficara tão abalado com a descoberta, tivera subitamente tanta pena daquele pobre dedinho que, pela primeira vez, lhe passara pela cabeça encontrar imediatamente Pável Pávlovitch e matá-lo—antes disso Veltchanínov estava "como que insensível". O que terá martirizado aquele coração infantil? O orgulho ofendido? Os três meses de tormento causado pelo pai, que mudara de repente o amor em ódio e que a ofendera com a palavra de opróbrio, que se ria do medo dela e, por fim, a deitara fora, entregando-a a pessoas alheias? Imaginava tudo isso infinitamente e em mil variantes. "Sabe o que era para mim a Lisa?"—lembrou-se de repente da expressão do bêbedo Trussótski e sentiu que aquela exclamação não era uma palhaçada das dele, mas uma verdade, e que havia nela muito amor. "Mas como podia este facínora ser tão cruel para a criança a quem amava tanto? Será isso possível?" Contudo, de cada vez que lhe vinha à ideia, afastava de si esta pergunta rapidamente, abandonava-a; havia qualquer coisa de horrível nesta pergunta, qualquer coisa de insuportável—e ainda não resolvido—para ele.

Uma vez, quase sem se dar conta, foi parar ao cemitério onde estava enterrada Lisa. Desde o funeral que não fora nenhuma vez ao cemitério: achava isso tão doloroso que não arranjava coragem para ir. No entanto, foi estranho: quando se abraçou à campa e a beijou, sentiu-se de repente aliviado. Era um anoitecer claro, o Sol estava a pôr-se; a toda a volta, junto aos túmulos, crescia uma erva muito verde e pujante; por perto, nas roseiras-bravas, zumbia uma abelha; as flores e as coroas deixadas no túmulo por Klávdia Petrovna e pelos filhos ainda lá estavam, com metade das pétalas caídas. Uma espécie de esperança refrescou-lhe o coração pela primeira vez naquele longo período. "Que alívio!" — pensou, sentindo todo

o silêncio do cemitério e olhando para o céu claro e sereno. Um arrebatamento de fé pura e tranquila encheu-lhe a alma. "Foi a Lisa quem me mandou, é ela a falar comigo"—pensou.

Já escurecia quando decidiu sair do cemitério. Bastante perto do portão, à beira do caminho, numa casinha baixa de madeira, havia uma espécie de casa de pasto ou taberna: viam-se das janelas os clientes sentados às mesas. Pareceu-lhe de repente que um deles, sentado junto à janela, era Pável Pávlovitch, e que também ele estava a vê-lo e a observá-lo com curiosidade. Seguiu o seu caminho e ouviu, logo depois, que alguém corria atrás dele: na verdade, era Pável Pávlovitch.

Pelos vistos, a expressão de paz na cara de Veltchanínov atraiu-o e deu-lhe coragem. Quando o alcançou sorriu-lhe timidamente, mas já não com aquele seu sorriso ébrio: nem sequer estava bêbedo.

— Boa-noite—disse.

— Boa-noite—respondeu Veltchanínov.

## 11 - Pável Pávlovitch casa-se

Ao responder àquele "boa-noite", Veltchanínov espantou-se consigo mesmo.

Pareceu-lhe muitíssimo estranho que encarasse agora o homem sem raiva e que, nos seus sentimentos para com ele, houvesse alguma coisa diferente e, até, um impulso para qualquer coisa nova.

— Que noite agradável—disse Pável Pávlovitch, espreitando-lhe para os olhos.

— Ainda não se foi embora?—disse Veltchanínov, como se não estivesse a perguntar, mas a reflectir; continuava a andar.

— Demorei, sim, mas obtive o cargo, e com promoção. Depois de amanhã parto, com certeza.

— Obteve o cargo?—desta vez Veltchanínov fez mesmo uma pergunta.

— Por que não?—Pável Pávlovitch torceu de repente a cara.

— Perguntei por perguntar...—replicou Veltchanínov e, carregando o sobrolho, olhou de soslaio para Pável Pávlovitch. Para seu espanto, o fato, o chapéu com a fita de luto e todo o aspecto geral de Trussótski estavam incomparavelmente mais decentes do que duas semanas atrás. "O que estaria a fazer naquela taberna?" — pensou.

— Queria comunicar-lhe, Aleksei Ivánovitch, outra alegria minha—recomeçou Pável Pávlovitch.

— Alegria?

— Vou casar-me.

— Como?

— Depois da amargura vem a alegria, é sempre assim na vida. Aleksei Ivánovitch, gostaria muito de... mas... não sei, talvez o senhor tenha agora muita pressa, e está com um aspecto...

— Sim, tenho pressa e... estou adoentado.

Apetecia-lhe ver-se livre do outro: a disponibilidade para sentimentos novos desaparecera-lhe.

— Mas eu gostaria...

Pável Pávlovitch não chegou a dizer do que gostaria. Veltchanínov não o encorajara.

— Nesse caso, fica para próxima, se nos encontrarmos, claro...

— Sim, sim, para a próxima—murmurou rapidamente Veltchanínov, sem olhar para ele nem parar. Durante mais um minuto, calados, continuaram a andar lado a lado.

— Sendo assim, até breve—disse por fim Pável Pávlovitch.

— Até breve; desejo-lhe...

Veltchanínov voltou para casa outra vez perturbado. Encarar "aquele homem"

estava acima das suas forças. Ao deitar-se, voltou a pensar: "Por que estaria ele perto do cemitério?"

No dia seguinte, de manhã, decidiu-se finalmente a visitar os Pogoréltsev, mas decidiu-se a contragosto: eram para ele penosas, agora, as condolências, fossem elas dos Pogoréltsev. Mas estes preocupavam-se tanto com ele que era indispensável ir vê-los. Pareceu-lhe de repente que iria sentir-se muito envergonhado neste primeiro reencontro com eles. "Vou ou não vou?"—pensava.

Acabava o pequeno-almoço à pressa quando, para seu grande espanto, entrou Pável Pávlovitch.

Apesar de se ter encontrado com ele na véspera, Veltchanínov mal podia imaginar que o homem pudesse aparecer alguma vez mais em sua casa, e ficou tão perplexo que olhava para ele sem saber o que dizer. Mas Pável Pávlovitch desembaraçou-se sozinho, cumprimentou e sentou-se na mesma cadeira em que se sentara três semanas antes, na sua última visita. Desenhou-se vivamente na memória de Veltchanínov essa visita. Olhava para o visitante com inquietação e repugnância.

— Surpreendido?—começou Pável Pávlovitch, adivinhando o significado daquele seu olhar.

Em geral, aparentava muito mais à-vontade, mas na verdade adivinhava-se-lhe uma timidez ainda maior do que na véspera. O seu aspecto exterior era bastante curioso. O senhor Trussótski estava vestido de modo não só muito conveniente, mas até aperaltado: casaco leve de Verão, calças claras e justas, colete claro; luvas, monóculo de ouro (para quê?), camisa: tudo impecável. Até cheirava a perfume. Em toda a sua figura havia algo de ridículo e, simultaneamente, de estranho e desagradável.

— É claro, Aleksei Ivánovitch—continuou com um trejeito—,que o surpreendo com a minha visita e... pronto, sinto isso. Mas subsiste acima de tudo entre as pessoas, ou deveria subsistir, na minha opinião, algo de

superior, não é verdade? Ou seja, acima de quaisquer circunstâncias, ou mesmo conflitos que possam surgir... não é verdade?

— Pável Pávlovitch, diga o que tem a dizer, depressa e sem rodeios— franziu a cara Veltchanínov.

— Em duas palavras—apressou-se Pável Pávlovitch—,vou casar-me e vou agora mesmo a casa da minha noiva. À casa de campo da família. Desejaria que me concedesse a elevada honra, atrevo-me a pedir-lhe, de o apresentar a essa família, e vim aqui para lhe implorar o favor extraordinário—(Pável Pávlovitch inclinou com humildade a cabeça)—,para lhe solicitar o favor de me acompanhar...

— Acompanhá-lo aonde?—Veltchanínov esbugalhou os olhos.

— A casa deles, isto é, à casa de campo deles. Desculpe, falo como se estivesse com as febres, talvez me esteja a exprimir confusamente... mas tenho muito medo que recuse...

E olhou lamentosamente para Veltchanínov.

— O senhor pretende que eu vá consigo, agora, à casa da sua noiva?— repetiu Veltchanínov, lançando-lhe uma mirada rápida, sem acreditar nos seus próprios olhos e ouvidos.

— Pois—intimidou-se terrivelmente Pável Pávlovitch, de repente.— Não se zangue, Aleksei Ivánovitch, não veja nisto qualquer atrevimento da minha parte, só estou a pedir-lhe encarecida e excepcionalmente... Sonhei que o senhor talvez não me quisesse recusar este favor...

— Em primeiro lugar, é completamente impossível—Veltchanínov mexeu-se com inquietação na cadeira.

— É apenas um enormíssimo desejo meu, não mais do que isso— continuava a suplicar o outro—,mas não escondo que há também aqui um motivo... Mas queria revelar-lhe esse motivo só depois, por agora só lhe peço excepcionalmente...

De tanto querer ser respeitoso, até se levantou da cadeira.

— Seja como for, é impossível, tem de concordar...—Veltchanínov também se levantou.

— É até muito possível, Aleksei Ivánovitch... Tencionava apresentá-lo como amigo meu. Além disso, já os conhece: é a casa de campo de Zakhlebínin. Do conselheiro de Estado Zakhlebínin.

— Como é possível?—exclamou Veltchanínov.—Tratava-se daquele mesmo conselheiro de Estado que ele se fartara de procurar um mês atrás e que, como veio a saber-se, agia a favor da parte contrária no seu litígio.

— Pois, pois, esse mesmo—sorria Pável Pávlovitch, como se a extrema surpresa de Veltchanínov o animasse.—Lembra-se? O senhor caminhava ao lado dele e falava, e eu estava no passeio contrário a olhar, à espera de me aproximar dele, quando o senhor se fosse embora. Estivemos juntos no mesmo serviço, há vinte anos. No momento em que estava à espera de meter conversa com ele, ainda não tinha esta ideia. Tive-a só agora, uma semana atrás.

— Oiça, mas parece-me que é uma família muito decente, não?—surpreendeu-se ingenuamente Veltchanínov.

— E por que não teria de ser decente?—torceu a cara Pável Pávlovitch.

— Não, não é isso... mas, se bem percebi, quando lá ia...

— Eles lembram-se, eles lembram-se como o senhor lá ia—disse alegremente Pável Pávlovitch.—Só que, nessa altura, o senhor não podia chegar à fala com a família. Mas o senhor Zakhlebínin lembra-se de si e tem-lhe muito respeito. Eu também lhes falei de si com todo o respeito.

— Mas como pode ser isso, se apenas enviuvou há três meses?

— É que o casamento não é para já, é só daqui a nove ou dez meses, quando eu fizer exactamente um ano de luto. Pode crer que está tudo bem. Em primeiro lugar, Fedossei Petróvitch conhece-me desde a infância, conheceu também a minha falecida esposa, sabe como eu vivia, a reputação que tenho e, enfim, que fortuna é a minha e, agora, que ganhei também um cargo com promoção: tudo isso tem o seu peso.

— E então, é com a filha dele?

— Já lhe conto tudo em pormenor—arreprou-se de prazer Pável Pávlovitch—, permita só que acenda um cigarrinho. Além disso, o senhor mesmo os verá, ainda hoje. Em primeiro lugar, personalidades como Fedossei Petróvitch, aqui em Petersburgo, são tidas em alto apreço no serviço se conseguirem atrair as atenções. Mas ele, além do vencimento e alcavalas, pagamentos suplementares, prémios, subsídios de representação, não tem mais nada, quer dizer, mais nada de fundamental, daquilo que constitui um capital. Vivem bem, mas sem possibilidades de acumular dinheiro, já que são uma família numerosa. Veja só: Fedossei Petróvitch tem oito filhas solteiras e só um filho, menor. Se acontecer ele morrer agora, a família ficará apenas com uma magríssima pensão. Oito meninas, imagine: só os sapatos para cada uma delas, a despesa que isso é! Das oito, cinco já estão em idade de casar, a mais velha tem vinte e quatro anos (uma menina encantadora, o senhor vai ver!), e a sexta tem quinze anos, ainda

anda no liceu. E note que, para as cinco mais velhas, é preciso arranjar noivos, e isso tem de ser feito a tempo; portanto, o pai tem de as mostrar em sociedade... E quanto custa isso tudo, pergunto eu? E pronto, apareço eu, de repente, o primeiro noivo que lhes aparece em casa, ainda por cima já conhecido deles, com uma fortuna real. E é só.

As explicações de Pável Pávlovitch eram arrebatadas.

— Pediu a mais velha em casamento?

— N-não, eu... não pedi a mais velha, mas a sexta, a que ainda anda a estudar no liceu.

— Como?—Veltchanínov, sem querer, soltou uma risada.—Mas ainda agora me disse que ela tem só quinze anos!

— Tem quinze agora, mas daqui a nove meses terá dezasseis, aliás, dezasseis anos e três meses. Então, por que não? Mas como agora a coisa ainda se torna inconveniente, ainda não se fala em voz alta, só com os pais... Pode crer, está tudo bem!

— Portanto, ainda não está decidido?

— Já está tudo decidido, sim. Pode crer que está tudo bem.

— E ela própria sabe?

— Quer dizer, eles fazem de conta, por respeito das conveniências, que não se pode falar disso. Mas como pode ela não saber?—Pável Pávlovitch piscou os olhos com prazer.—Então como é, Aleksei Ivánovitch, dar-me-á esse prazer? — concluiu com muita timidez.

— Mas o que vou lá fazer? De resto—acrescentou rapidamente—, como em caso algum tenciono lá ir, não vale a pena exporme mais razões.

— Aleksei Ivánovitch...

— Acha que alguma vez eu me sentava a seu lado no coche e ia consigo?

Depois da momentânea distracção com a tagarelice de Pável Pávlovitch sobre a noiva, voltou a apoderar-se de Veltchanínov a sensação de antipatia e repugnância pelo homem. Mais um minuto e expulsá-lo-ia de casa. Por qualquer motivo, estava até enraivecido consigo mesmo.

— Sente-se, Aleksei Ivánovitch, sente-se ao meu lado no coche e não se arrependerá!—implorava Pável Pávlovitch com a voz cheia de emoção.— Não, não, não!—agitava as mãos, ao reparar num gesto impaciente e decisivo de Veltchanínov.—Aleksei Ivánovitch, Aleksei Ivánovitch, não tome uma decisão precipitada! Vejo que, se calhar, me compreendeu mal: é que eu entendo muito bem que nós não somos companheiros, não sou tão

estúpido que não compreenda ao menos isso. E o favor que lhe estou a pedir agora não lhe impõe quaisquer obrigações no futuro. Além disso, vou-me embora depois de amanhã, para sempre, desapareço; portanto, será como se não tivesse acontecido nada, este dia será único, não se repetirá. Vim a sua casa baseando a minha esperança na nobreza dos sentimentos especiais do seu coração, Aleksei Ivánovitch, precisamente nesses sentimentos que nos últimos tempos puderam ser despertados no seu coração... Parece que me faço entender, ou ainda não?

A emoção de Pável Pávlovitch tinha crescido até ao extremo. Veltchanínov olhava para ele estranhamente.

— O senhor está a pedir-me um favor—disse, ficando pensativo—e insiste muito nisso, o que é suspeito. Quero saber mais.

— Todo o favor consiste em o senhor ir comigo. Depois, quando voltarmos, revelo-lhe tudo, como numa confissão. Aleksei Ivánovitch, confie em mim!

Mas Veltchanínov continuava a recusar-se, e com tanta mais persistência quanto mais crescia nele uma ideia pesada, maldosa. Havia muito que tal ideia maldosa mexia nele, desde o momento em que Pável Pávlovitch lhe falara da noiva... Fosse por simples curiosidade, fosse por uma atracção qualquer indefinida, mas tinha a tentação de aceitar. Estava sentado, apoiando-se no cotovelo, e reflectia. Pável Pávlovitch rodopiava à sua volta e suplicava.

— Está bem, eu vou—concordou Veltchanínov de repente, inquieto e quase alarmado, levantando-se do lugar. Pável Pávlovitch ficou felicíssimo.

— Não, Aleksei Ivánovitch, tem de aperaltar-se—atarefava-se ele junto a Veltchanínov, que mudava de roupa—,vista-se melhor, como o senhor sabe vestir-se.

"Por que se mete ele próprio lá em casa? Que homem estranho..."—pensava Veltchanínov.

— É que eu espero de si não só este favor, Aleksei Ivánovitch. Já que aceitou, seja também meu conselheiro.

— Em quê, por exemplo?

— Por exemplo, neste grande problema: a fita de luto. O que é mais conveniente: tirá-la ou ficar com ela?

— Como queira.

— Não, quero uma decisão sua, saber como o senhor mesmo faria, quer dizer, se tivesse uma fita de luto. A minha ideia é que, se a conservar, estou

a revelar constância de sentimentos, e deste ponto de vista mostra-me de um modo lisonjeiro.

— Deve tirá-la, sem dúvida.

— Tem a certeza?—Pável Pávlovitch ficou pensativo.—Acho que não, será melhor conservar...

— Como queira. "Não confia em mim, ainda bem"—pensou Veltchanínov.

Saíram. Pável Pávlovitch olhava, satisfeito, para um Veltchanínov todo aperaltado, e a sua cara parecia ter adquirido mais solenidade e importância.

Veltchanínov estava espantado com ele, mas ainda mais consigo próprio. Ao lado do portão esperava-os uma excelente caleche.

— Com que então, até já tinha a caleche preparada? Quer dizer que tinha a certeza de que eu aceitava?

— Arranjei a caleche para mim, mas também tinha quase a certeza de que o senhor ia comigo—respondeu Pável Pávlovitch com o ar de um homem completamente feliz.

— Eh, Pável Pávlovitch—riu-se com irritação Veltchanínov quando se sentaram e partiram—, não terá uma confiança exagerada em mim?

— Sim, mas não é o senhor, Aleksei Ivánovitch, quem dirá que eu sou parvo por causa disso...—respondeu, insinuador e com voz firme, Pável Pávlovitch.

"E a Lisa?"—pensou Veltchanínov, e logo afastou de si este pensamento, como se estivesse com medo de estar a cometer um sacrilégio. Neste momento, sentiu-se de repente tão mesquinho, tão miserável, a ideia que o seduzia parecia-lhe tão minúscula, tão porca... que lhe apeteceu, desse por onde desse, largar aquilo tudo e sair da caleche, mesmo que para tal fosse preciso espancar Pável Pávlovitch. Mas este recomeçou a falar, e a tentação de novo se apoderou do coração de Veltchanínov.

— Aleksei Ivánovitch, percebe alguma coisa de jóias?

— Que jóias?

— Com diamantes.

— Percebo.

— Gostaria de levar um presentinho. Aconselhe-me: vale a pena ou não?

— A meu ver, não.

— Gostava tanto—mexeu-se no assento Pável Pávlovitch—, mas não sei o que hei-de comprar: se todo o conjunto, ou seja, broche, brincos e

pulseira, se apenas uma das coisas.

— Quanto dinheiro pensa gastar?

— Quatrocentos ou quinhentos rublos.

— Ena!

— É muito?—agitou-se Pável Pávlovitch.

— Compre só uma pulseira, de cem rublos.

Pável Pávlovitch entristeceu. Queria gastar mais, comprar o conjunto. Insistia.

Passaram pela joalheria. Acabou por comprar uma pulseira, e não a que ele queria, mas a que Veltchanínov lhe indicou. Pável Pávlovitch quis então comprar as duas. Quando o joalheiro, depois de ter pedido cento e setenta rublos pela pulseira, baixou para cento e cinquenta, foi um desgosto para Pável Pávlovitch: pagaria com todo o prazer duzentos, se lhos tivessem pedido, tanto lhe apetecia pagar mais caro.

— Não faz mal nenhum que eu me apresse a dar-lhe prendas—disse, enlevado.—Aquilo lá não é a alta sociedade, é gente simples. E a inocência gosta de presentinhos—sorriu, contente e com manha.—O Aleksei Ivánovitch há pouco riu-se por a noiva só ter quinze anos, mas a mim foi precisamente isso que me atraiu: andar ainda no liceu, com a sacola na mão, com os cadernos e as penas, eh, eh! Foi a sacola que encantou as minhas ideias! No fundo, é por causa da inocência, Aleksei Ivánovitch. Para mim, o que conta não é a beleza do rosto, mas precisamente aquilo. Põe-se aos risinhos lá num canto, com uma amiguinha, e que risos, meu Deus! E por que riem elas? Porque uma gatinha saltou da cama para a cómoda e se enroscou, mais nada... É isso, sim, que cheira à maçã fresquinha! Talvez tire a fita de luto, não?

— Como queira.

— Tiro!—Pegou no chapéu, arrancou a fita e atirou-a fora para a estrada.

Veltchanínov reparou que a sua cara irradiou de esperança luminosa quando voltou a pôr o chapéu na cabeça careca.

"Será que ele é realmente assim?—pensou Veltchanínov com raiva.— Não haverá nenhum truque no facto de me ter convidado? Será que ele conta realmente com a minha generosidade?

— continuava a reflectir Veltchanínov, sentindo-se ofendido com esta última suposição.—O que é ele: um palhaço, um pateta ou um "eterno marido"? Afinal, uma pessoa assim é impossível!..."



## 12 - Em casa dos Zakhlebínin

Os Zakhlebínin eram, de facto, "uma família muito decente", como se exprimira havia pouco Veltchanínov, e o senhor Zakhlebínin era um funcionário muito respeitável e bem visto. Também era verdade tudo o que dissera Pável Pávlovitch sobre os rendimentos da família: "Vivem bem, aparentemente, mas se o homem morrer, ficam sem nada."

O velho Zakhlebínin recebeu Veltchanínov de maneira excelente, muito amigável, passando este de "adversário" a excelente amigo.

— Parabéns, foi melhor assim—disse logo de início, com um ar amável e solene —, eu próprio insisti nesse acordo amigável e, nesse sentido, o seu advogado Piotr Kárlovitch é uma jóia de pessoa. Portanto, vai receber cerca de sessenta mil, e sem problemas, sem demoras, sem conflitos! Se não fosse assim, o caso ainda se arrastava por mais três anos!

Veltchanínov foi imediatamente apresentado também a Madame Zakhlebínina, senhora bastante obesa, com uma cara um tanto simplória e cansada. Foram também aparecendo as meninas, uma a uma ou aos pares. Eram em número excessivo: a pouco e pouco reuniram-se ali umas dez ou doze—Veltchanínov nem conseguia contá-las—, visto que também lá estavam muitas amigas, vizinhas das casas de campo. Na casa de campo dos Zakhlebínin—um grande prédio de madeira, de estilo indefinido, extravagante, com anexos construídos em períodos diferentes—constava também um grande jardim, aliás, um jardim comum a três ou quatro outras casas de campo limítrofes, o que contribuía, naturalmente, para a amizade das meninas com as jovens vizinhas. Veltchanínov percebeu, desde as primeiras palavras, que estavam à espera dele e que a sua visita, na qualidade de amigo de Pável Pávlovitch que ansiava travar conhecimento com os Zakhlebínin, tinha sido anunciada quase solenemente. O seu olhar penetrante e experiente depressa distinguiu, até, as facetas mais peculiares: a recepção demasiado amável por parte dos pais, o toque um tanto especial das meninas e dos seus vestidos (também era dia feriado) criaram nele a suspeita de que Pável Pávlovitch recorrera a uma manha qualquer, sendo muito possível que tivesse incutido aqui—por meios indirectos, claro—a conjectura de que ele, Veltchanínov, era um homem solteiro da "boa sociedade" que se aborrecia, com fortuna e muito, mas mesmo muito capaz de se decidir a "pôr ponto final" àquele modo de vida e assentar—"porque,

ainda por cima, acabou de receber uma herança". Parecia que a Mademoiselle Zakhlebínina mais velha, Katerina Fedosséevna, a que tinha vinte e quatro anos e à qual Pável Pávlovitch se referira como sendo uma menina encantadora, estava disposta a manter este tom.

Distinguia-se das irmãs pelo traje e pelo penteado muito original do seu basto cabelo. Quanto às suas irmãs e a todas as outras meninas, tinham aquele arzinho de quem já sabe que Veltchanínov se vinha apresentar especialmente "à Kátia", para "a ver". Os olhares delas, e até algumas palavras casuais, confirmaram a sua hipótese. Katerina Fedosséevna era uma loira alta, luxuriosamente rechonchuda, com um rosto muito simpático e, pelos vistos, com um feitio meigo e pouco empreendedor, até sonolento. "É estranho que uma rapariga destas nunca mais se case—pensou involuntariamente Veltchanínov, observando-a com prazer—, embora sem dote, embora vá ficar demasiado gorda dentro em breve, existem bastantes apreciadores deste tipo..." Também as outras irmãs, todas elas, não eram nada feias e, entre as amiguinhas, havia alguns rostos engraçados e até bonitos. A situação começava a diverti-lo. Aliás, entrara naquela casa com umas ideias...

Nadejda Fedosséevna, a sexta irmã, colegial e suposta noiva de Pável Pávlovitch, fez-se esperar. Veltchanínov aguardava com impaciência que ela aparecesse, do que o próprio se admirava, e sorria ironicamente para si. A menina apareceu por fim, com algum efeito, acompanhada por uma amiguinha viva e esperta, morena, com uma carinha engraçada, de quem, como ficou imediatamente claro, tinha muito medo de Pável Pávlovitch. Esta menina, Maria Nikítichna, dos seus vinte e três anos, zombeteira, espertalhona, era a preceptora das crianças pequenas de uns vizinhos, amigos da casa, sendo considerada desde havia muito como um membro da família Zakhlebínin; as outras meninas tinham-na em alto apreço. Era visível que, agora, a Nádia (9) precisava muito dela. Veltchanínov percebeu à primeira vista que tanto as irmãs como as amigas estavam todas contra Pável Pávlovitch e, dois minutos após a chegada de Nádia, chegou à conclusão de que a miúda o odiava. Reparou também que Pável Pávlovitch não se dava conta disso, ou não queria dar-se conta. Nádia, incontestavelmente, era a melhor de todas as irmãs: morena, com ar de pequena selvagem e com uma ousadia niilista; um diabrete manhoso com olhinhos flamejantes, um sorriso encantador, embora muitas vezes maldoso, uns dentinhos e uns lábios admiráveis, franzina, esbelta, com uma

inteligência jovem a transparecer-lhe na expressão fogosa do rosto e, ao mesmo tempo, ainda infantil. Os seus quinze anos revelavam-se a cada passo, a cada palavra da garota. Pável Pávlovitch pode tê-la, de facto, visto a primeira vez com uma sacola de oleado na mão, mas agora já não a usava.

(9) *Diminutivo de Nadejda. (NT)*

A entrega da pulseira foi mal sucedida e produziu mesmo uma impressão desagradável. Pável Pávlovitch, mal viu a noiva entrar, aproximou-se dela aos risinhos. Ofereceu-lhe a prenda com o pretexto "do inefável prazer que tivera da outra vez ao ouvir uma romança deliciosa cantada e tocada ao piano por Nadejda Fedosséevna..." Atrapalhou-se, não concluiu o discurso e parou como perdido, estendendo a Nadejda Fedosséevna, como se lho quisesse espetar nas mãos, o estojo com a pulseira que ela não queria aceitar, pondo mesmo as mãos atrás das costas, corada de vergonha e raiva. Virou-se atrevidamente para a mãe, em cuja cara se lia o embaraço, e disse em voz alta:—Não quero isso, maman!

— Recebe e agradece—proferiu o pai com severidade tranquila, mas também descontente.—Não era necessário!—murmurou sentenciosamente, dirigindo-se a Pável Pávlovitch. Nádia, que remédio, pegou no estojo e, baixando os olhos, fez uma reverência à maneira das miúdas pequenas, ou seja, dobrou bruscamente os joelhos e saltou logo para cima, como movida por uma mola. Uma das irmãs aproximou-se para ver, e Nádia entregou-lhe o estojo sem o abrir, mostrando bem que nem queria ver o presente. Tiraram a pulseira, que começou a passar de mão em mão, mas todas a examinavam em silêncio, algumas até com ironia. Só a mãezinha balbuciou que a pulseira era muito bonita. Pável Pávlovitch gostaria que o chão o engolisse.

Foi Veltchanínov quem lhe valeu.

Começou de repente a falar, alto e bom som, agarrando-se à primeira ideia que lhe passou pela cabeça, e em menos de cinco minutos apoderou-se da atenção de todos os presentes na sala de estar. Dominava com excelência a arte de tagarelar em sociedade, isto é, a arte de parecer perfeitamente ingénuo e de fazer de conta, ao mesmo tempo, que considerava os seus ouvintes tão ingénuos como ele.

Quando era preciso, sabia fingir, com toda a naturalidade, de homem alegre e feliz. Sabia também introduzir habilmente a sua palavrinha picante e provocadora, a alegre insinuação, o trocadilho engraçado, mas sempre

como quem não quer a coisa, como quem não repara no que está a dizer— quando a piada, o trocadilho e a própria conversa já tinham sido havia muito preparados, ensaiados e utilizados por mais de uma vez. Desta vez porém juntou-se à sua arte a própria natureza: sentia-se inspirado, atraído por alguma coisa; sentia em si a certeza absoluta e triunfante de que, muito depressa, todos aqueles olhos estariam voltados para ele, de que toda aquela gente o ouviria só a ele, falaria só com ele, riria só com as palavras dele. Na verdade, breve se ouviram risos, começaram a pouco e pouco outras pessoas a entrar na conversa—possuía na perfeição a arte de atrair os outros para a conversa—,ouviam-se já três ou quatro vozes que falavam ao mesmo tempo. O rosto entediado e cansado da senhora Zakhlebínina iluminou-se, ficou quase alegre: a mesma coisa se passava com Katerina Fedosséevna, que olhava para ele como que enfeitiçada. Nádia perscrutava-o por baixo do sobrolho e era visível que tinha uma atitude preconcebida contra ele, o que incitou ainda mais Veltchanínov. A "mazinha" Maria Nikítichna conseguiu introduzir na conversa uma alfinetada bastante sensível contra ele: inventou e afirmou que, na véspera, Pável Pávlovitch o teria recomendado aqui como seu amigo de infância; deste modo, a menina acrescentava mais uns sete anos à idade de Veltchanínov. Mas até a mazinha Maria Nikítichna acabou também por gostar dele. Pável Pávlovitch estava bastante embaraçado. Tinha sem dúvida a noção das habilidades de que dispunha o seu amigo e, a princípio, até estava contente com o êxito dele, soltando risadinhas e metendo-se ele próprio na conversa; mas, por qualquer razão, começou pouco a pouco a ficar pensativo e, por fim, mesmo angustiado, o que a sua fisionomia preocupada exprimia perfeitamente.

— Pois é, o senhor é daqueles convidados a quem não precisamos de divertir — concluiu alegremente o velho Zakhlebínin, levantando-se da cadeira para subir ao seu gabinete, onde tinha preparados, apesar de ser feriado, alguns papéis oficiais que devia examinar.—Imagine que eu o considerava o mais sombrio e hipocondríaco de todos os jovens que conheci. Veja lá como podemos enganar-nos!

Na sala havia um piano de cauda. Veltchanínov perguntou quem ali estudava música e, de chofre, dirigiu-se a Nádia:—Parece-me que a menina canta?

— Quem lhe disse?—cortou Nádia.

— Pável Pávlovitch, há pouco.

— Não é verdade, canto só por brincadeira, nem sequer tenho voz.

— Eu também não tenho, mas canto.

— Vai cantar para nós, é? Então, também eu canto—disse Nádia com os olhos cintilantes.—Mas não agora, só depois do almoço. Detesto música—acrescentou—,estou farta deste piano, na nossa casa toca-se e canta-se de manhã à noite, e a Kátia (10) vale por duas.

*(10) Diminutivo de Katerina. (NT)*

Veltchanínov agarrou-se logo à informação e dirigiu-se a Katerina Fedosséevna, tendo-se verificado que ela era a única que praticava piano a sério. Todos ficaram pelos vistos contentes por ele se ter dirigido a Kátia, e a mamã até corou de prazer. Katerina Fedosséevna levantou-se com um sorriso e foi para o piano, ficando, de súbito e inesperadamente para ela, muito corada, com vergonha de ser tão adulta, já com vinte e quatro anos, e tão gorda, e por estar a corar como uma garota—tudo isso estava escrito no seu rosto quando se sentou ao piano. Tocou uma peça de Haydn, com muita correcção, embora inexpressivamente, porque se intimidara. Quando ela acabou de tocar, Veltchanínov começou com grandes louvores, mas não a ela, e sim ao Haydn, e sobretudo a essa pequena peça que ela acabara de tocar; a menina, pelos vistos, sentiu nisso grande prazer, e ouvia com tanta gratidão os louvores a Haydn, e não a ela, que Veltchanínov, involuntariamente, olhou para ela com mais carinho e atenção. "Eh, que simpática tu és!"—irradiava do seu olhar—e toda a gente parecia ter compreendido logo esse olhar, especialmente a própria Katerina Fedosséevna.

— Têm um jardim muito bonito—dirigiu-se Veltchanínov a todos, olhando para as portas envidraçadas da varanda.—E se fôssemos todos até lá?

— Vamos, vamos!—ouviram-se guinchos alegres, como se Veltchanínov tivesse adivinhado o desejo comum.

Passearam no jardim até à hora do almoço. A senhora Zakhlebínina, a quem havia muito apetecia bater uma soneca, não pôde porém resistir a ir com todos na direcção do jardim; mas repensou e deixou-se ficar sensatamente na varanda, onde se sentou e logo adormeceu. No jardim, o relacionamento de Veltchanínov com as meninas tornou-se ainda mais amigável. Reparou que se juntaram a eles três rapazes muito jovens, de diferentes casas de campo vizinhas; dois deles, um universitário e o outro

ainda colegial, foram logo juntar-se às suas meninas, e era claro que tinham vindo por causa delas; o terceiro, de uns vinte anos, muito sombrio e desgrenhado, com enormes óculos azuis, começou a cochichar, apressado e carrancudo, com Maria Nikítichna e Nádia. Examinava severamente Veltchanínov e, ao que parecia, achava-se na obrigação de revelar para com este um grande desprezo. As meninas sugeriram que se organizassem algumas brincadeiras. À pergunta de Veltchanínov sobre que jogos costumavam fazer, responderam que todos, e também a apanhada, mas que à noite iam jogar aos provérbios: todos se sentavam e havia um que saía por algum tempo, os que ficavam escolhiam um provérbio (por exemplo: "Devagar se vai ao longe") e chamavam o que tinha saído, a quem cada um dos jogadores dizia uma frase. O primeiro uma frase com a palavra "devagar", o segundo com a palavra "se", *etc.* O outro tinha de descobrir que palavras faziam parte do provérbio e depois todo o provérbio.

— Deve ser um jogo interessante—observou Veltchanínov.

— Ah, não, é um aborrecimento—responderam duas ou três vozes.

— Às vezes brincamos ao teatro—disse Nádia, dirigindo-se a Veltchanínov. — Está a ver aquela árvore grossa, com um banco ao lado? Por trás dessa árvore faz de conta que são os bastidores, com actores, por exemplo, o rei, a rainha, a princesa, um jovem: cada um faz o papel que quiser, sai de trás da árvore quando lhe apetece e diz tudo o que lhe passa pela cabeça; e disso alguma coisa há-de resultar.

— Engraçado!—voltou a louvar Veltchanínov.

— Ah, não, é um aborrecimento! A princípio tem graça, mas para o fim fica uma coisa sem pés nem cabeça, porque ninguém sabe como acabar. Talvez com o senhor seja mais divertido. Pensávamos que era um amigo de Pável Pávlovitch, mas agora vemos que ele estava, simplesmente, a gabar-se. Estou muito contente por o senhor ter vindo... cá por uma coisa—olhou com ar sério e importante para Veltchanínov e logo se afastou, indo juntar-se a Maria Nikítichna.

— À noite vamos jogar aos provérbios—sussurrou a Veltchanínov, confidencialmente, uma amiguinha a quem este, até ao momento, nem sequer prestara atenção e com quem não trocara uma única palavra—, e toda a gente vai gozar com Pável Pávlovitch, e espero que o senhor também alinhe.

— Ah, que bom o senhor ter vindo, porque isto aqui é muito aborrecido—disselhe outra das amiguinhas, que ele não tinha ainda visto e que

aparecera ali de repente: ruivinha, com sardas e o rosto engraçado a arder por ter andado muito e por causa do calor.

A inquietação de Pável Pávlovitch crescia cada vez mais. No jardim, Veltchanínov acabara por fazer definitivamente amizade com Nádia: esta já não o olhava por baixo do sobrolho nem com ar crítico; pelo contrário, ria às gargalhadas para ele, saltava, guinchava e, por duas vezes, até lhe agarrou na mão. Mostrava-se feliz e continuava a ignorar Pável Pávlovitch por completo, como se nem desse pela presença dele. Veltchanínov convenceu-se de que existia ali uma verdadeira conspiração contra Pável Pávlovitch: Nádia, com um bando de raparigas, levava Veltchanínov para um lado, enquanto outro bando, sob vários pretextos, atraía Pável Pávlovitch para longe; este desenhava-se das raparigas e corria para junto de Veltchanínov e Nádia, metendo de repente a cabeça careca e espia entre eles. Por fim, deixou de ter já quaisquer escrúpulos: a ingenuidade dos seus gestos e procedimentos era incrível. Veltchanínov não podia, também, deixar de reparar no comportamento de Katerina Fedosséevna: para esta era agora claro, sem sombra de dúvida, que Veltchanínov não tinha vindo por ela e se interessava mais por Nádia. Mas o seu rosto continuava a ser o mais simpático e bondoso. Parecia feliz só por fazer parte da companhia e ouvir o que dizia o novo convidado; ela própria, coitada, não sabia participar na conversa.

— Que simpática é a sua mana Katerina Fedosséevna!—segredou de repente Veltchanínov ao ouvido de Nádia.

— A Kátia? Haverá alma mais bondosa do que a de Kátia? É o nosso anjo, eu adoro-a—respondeu a miúda com entusiasmo.

Chegou finalmente a hora do almoço—eram cinco da tarde. Notava-se que o almoço não fora organizado de modo habitual, mas especialmente para o convidado. Dois ou três pratos tinham sido, pelos vistos, acrescentados à ementa normal, e eram bastante sofisticados; um deles era tão esquisito que ninguém poderia dizer do que constava. Além dos vinhos de mesa normais, apareceu ainda uma garrafa de Tocay, pelos vistos também em honra do convidado; no fim da refeição, sabe-se lá porquê, foi servido champanhe. O velho Zakhlebínin, que bebera um copinho a mais, estava de humor muito benevolente e pronto a rir-se a cada palavra de Veltchanínov. Por fim, Pável Pávlovitch não aguentou: levado pelo espírito de competição, resolveu também fazer um trocadilho, e fez: na extremidade

da mesa, onde ele estava ao lado de Madame Zakhlebínina, ouviram-se de repente as risadas divertidas das meninas.

— Paizinho, paizinho! Pável Pávlovitch também disse um trocadilho!— gritavam duas das Zakhlebínin do meio.—Diz que somos "meninas ainda maninas..."

— Ah, ele também faz trocadilhos! Então que trocadilho fez ele?— perguntou o velho em voz séria, dirigindo-se com ar protector a Pável Pávlovitch e preparando já o sorriso para o trocadilho deste.

— Mas... isso mesmo: que somos "meninas ainda maninas".

— P-pois! E então?—O velho continuava a não perceber e sorria de modo ainda mais bondoso, à espera.

— Ah, paizinho, como é que não percebe? Meninas-maninas; meninas tem pareenças com maninas, "meninas ainda maninas"...

— Aaah!—pronunciou o velho, perplexo.—Humm! Não faz mal, para a próxima sair-lhe-á melhor!—E o velho riu-se alegremente.

— Pável Pávlovitch, é impossível ter todas as perfeições de uma só vez!—gozava em voz alta Maria Nikítichna.—Ah, meu Deus, engasgou-se com uma espinha! -

exclamou e saltou da cadeira.

Gerou-se a confusão, e era exactamente isso que Maria Nikítichna queria. Pável Pávlovitch, tendo-se agarrado ao copo e bebido para esconder a sua confusão, apenas engolira mal o vinho, mas Maria Nikítichna afirmava e jurava por todos os santos que era "uma espinha de peixe", que a vira com os seus próprios olhos e que "se podia morrer disso".

— Dar-lhe palmadas na nuca!—gritou alguém.

— Isso mesmo, é o melhor método!—aprovou Zakhlebínin em voz alta, e não tardaram a oferecer-se as voluntárias: Maria Nikítichna, a amiguinha ruiva (também convidada para almoçar) e, por fim, a própria mãe de família, muito assustada: toda a gente queria bater na nuca de Pável Pávlovitch. Este, saltando do lugar, esquivava-se e durante muito tempo garantia que apenas se tinha engasgado com o vinho e que a tosse já lhe passava... até que os presentes compreenderam que se tratava apenas de uma traquinice de Maria Nikítichna.

— Ai, sua trapaceira!...—ralhou com severidade Madame Zakhlebínina a Maria Nikítichna, mas logo a seguir não aguentou e riu-se como poucas vezes se ria, o que também teve o seu efeito. Depois do almoço, toda a gente saiu para a varanda, para tomar café.

— Que dias tão bonitos estão agora!—o velho louvava com benevolência a natureza, olhando com prazer para o jardim.—Só falta um pouco de chuva... Ora bem, vou descansar. Divirtam-se, divirtam-se à vontade! E tu também, diverte-te! — disse, ao sair, dando uma palmada no ombro de Pável Pávlovitch.

Quando voltavam a descer para o jardim, Pável Pávlovitch correu de repente para Veltchanínov e puxou-lhe pela manga.

— Escute por um minutinho—sussurrou-lhe com impaciência.

Meteram para uma vereda lateral, deserta.

— Não, desculpe, mas aqui, aqui não lhe admito...—sussurrou, sufocando de fúria e agarrando-se à manga de Veltchanínov.

— O quê? Como?—espantava-se Veltchanínov, arregalando os olhos. Pável Pávlovitch olhava para ele em silêncio, mexendo os lábios, depois fez um sorriso torto, furioso.

— Para onde foi? Onde está? Já está tudo pronto!—ouviam-se as vozes impacientes das meninas a chamarem-no. Veltchanínov encolheu os ombros e voltou ao grupo. Pável Pávlovitch corria atrás dele.

— Posso apostar que ele lhe estava a pedir um lenço—disse Maria Nikítichna. — Da outra vez também se esqueceu do lenço.

— Esquece-se sempre!—secundou uma das Zakhlebínin do meio.

— Esqueceu-se do lenço! Pável Pávlovitch esqueceu-se do lenço! Maman, Pável Pávlovitch voltou a esquecer-se do lenço de bolso, maman, Pável Pávlovitch está outra vez constipado!—ouvia-se.

— Por que, então, não diz nada? Pável Pávlovitch, que escrupuloso é o senhor! — disse Madame Zakhlebínina em voz cantante.—É perigoso brincar com as constipações, eu já lhe mando um lenço. Por que andarás ele sempre constipado? — acrescentou ao ir-se embora, muito contente por poder voltar a casa.

— Tenho dois lenços e nenhuma constipação!—gritou-lhe para as costas Pável Pávlovitch; mas a senhora, pelos vistos, não percebeu, porque um minuto depois, quando Pável Pávlovitch trotava atrás dos outros tentando aproximar-se de Nádia e Veltchanínov, uma criada ofegante apanhou-o e entregou-lhe um lenço.

— Jogar, jogar, jogar aos provérbios!—gritavam de todos os lados, como se esperassem algo de extraordinário desses provérbios.

Escolheram um lugar e sentaram-se nos bancos. Calhou a Maria Nikítichna ser ela a adivinhar; exigiram que fosse para o mais longe

possível e não escutasse; na sua ausência, escolheram um provérbio e distribuíram as palavras. Maria Nikítichna voltou e adivinhou num instante. O provérbio era: "O sonho é terrível, mas Deus misericordioso."

Depois de Maria Nikítichna, foi a vez do jovem de cabelo desganhado e óculos azuis. Usaram ainda de maiores precauções para com ele: que fosse para junto do pavilhão, de cara contra o tapume. O jovem sombrio cumpriu a sua obrigação com desprezo, parecendo até sentir uma certa humilhação moral com aquilo. Quando o chamaram, não conseguia adivinhar: passava de uma pessoa para outra, tinham de lhe repetir as frases, reflectia longa e soturnamente, mas não acertou. O provérbio era: "Oração a Deus e serviço ao czar nunca se perdem!"

— O provérbio também é uma porcaria!—resmungou com indignação o jovem ressentido, retirando-se para o seu lugar.

— Ah, que aborrecimento!—ouviram-se vozes-Foi a vez de Veltchanínov. Teve de ir para mais longe ainda; também não adivinhou.

— Ah, que aborrecimento!—ouviram-se ainda mais vozes.

— Agora vou eu—disse Nádía.

— Não, agora vai Pável Pávlovitch, é a vez de Pável Pávlovitch—gritaram todos, animando-se um pouco.

Levaram Pável Pávlovitch para muito longe, de cara virada para o tapume e, para que não virasse a cabeça, encarregaram a ruivinha de ficar junto dele a vigiá-

lo. Pável Pávlovitch, já animado e quase alegre, estava disposto a cumprir o seu dever religiosamente, de maneira que ficou especado contra o tapume, como um poste, não ousando virar a cabeça. A ruivinha estava atrás dele junto ao pavilhão, a uns vinte passos e, toda agitada, piscava o olho de longe às meninas. Via-se que todos estavam à espera de alguma coisa, até inquietos: alguma coisa estava para acontecer. De repente, a ruivinha abanou os braços. Num instante, todos saltaram dos lugares e desataram a correr.

— Corra, corra também!—sussurravam a Veltchanínov dez vozes, quase aterrorizadas por ele não correr.

— O que se passa? O que é isto?—perguntava ele correndo atrás dos outros.

— Psiu, não grite! Que ele fique lá a olhar para a cerca, e nós fugimos. Olhe, a Nástia também está a fugir.

A ruivinha (Nástia) corria como uma maluca, como se tivesse acontecido alguma coisa extraordinária, e esbracejava. Chegaram finalmente à outra extremidade do jardim, por trás do lago. Quando Veltchanínov lá chegou, viu que Katerina Fedosséevna discutia com as outras raparigas, sobretudo com Nádía e Maria Nikítichna.

— Kátia, meu anjinho, não te zangues!—beijou-a Nádía.

— Está bem, eu não digo nada à mãezinha, mas vou sair daqui, porque é muito feio o que fizeram. O que não vai sentir o pobre, lá, ao pé da cerca!

Foi-se embora, por piedade, mas todos os outros continuavam implacáveis e impiedosos como antes. Exigiram severamente a Veltchanínov que, quando Pável Pávlovitch voltasse, não lhe desse atenção nenhuma, como se nada tivesse acontecido. "E, entretanto, nós vamos jogar à apanhada!"—gritou, entusiasmada, a ruivinha.

Pável Pávlovitch só se juntou ao grupo um quarto de hora depois. Estivera esse tempo quase todo junto ao tapume. A apanhada atingia o seu auge—toda a gente gritava e ria. Louco de fúria, Pável Pávlovitch atirou-se directamente a Veltchanínov e de novo o agarrou pela manga.

— Escute um minutinho!

— Oh, deuses do céu, o senhor e os seus minutinhos!

— Está outra vez a pedir um lenço—gritaram do grupo.

— Desta vez foi o senhor, com certeza foi o senhor, a culpa é sua!...— Pável Pávlovitch até batia os dentes quando dizia isto.

Veltchanínov interrompeu-o e aconselhou-o apaziguadoramente que se pusesse alegre, de outro modo não paravam de gozar com ele. "Gozam consigo precisamente porque o senhor fica macambúzio quando toda a gente está alegre." Para sua admiração, estas palavras surtiram efeito: Pável Pávlovitch aquietou-se, e a um ponto tal que voltou ao grupo com um ar culpado e tomou parte, submissamente, nas brincadeiras comuns. Durante muito tempo não o incomodaram e brincaram com ele como com toda a gente e, meia hora depois, Pável Pávlovitch estava quase animado. Em todos os jogos escolhia como par, quando era caso disso, principalmente a traidora ruiva ou uma das manas Zakhlebínin. Veltchanínov reparou, para sua ainda maior admiração, que Pável Pávlovitch não se atreveu uma única vez a falar com Nádía, embora rodopiasse sempre ao lado dela. Pelo menos, aceitava a sua situação de desprezado e ignorado como se fosse a coisa mais normal e natural. Mas, por fim, lá lhe pregaram mais uma partida.

Jogava-se às "escondidas". O escondido tinha o direito de mudar de esconderijo dentro da área que lhe fora concedida para esconder-se. Pável Pávlovitch, que conseguira meter-se no meio de uns arbustos espessos, resolveu de repente mudar e entrou em casa a correr. Soaram gritos, tinham-no visto; apressou-se pelas escadas acima, para as águas-furtadas, onde conhecia um lugarzinho por trás da cómoda, bom para esconderijo. Mas a ruivinha voou atrás dele, foi em bicos de pés até à porta e fechou-a ao ferrolho. Como antes, toda a gente abandonou logo o jogo e fugiu para trás do lago, na outra ponta do jardim. Dez minutos depois, como ninguém o fosse apanhar, Pável Pávlovitch espreitou pela janela. Não viu ninguém. Não se atrevia a chamar, com medo de acordar os pais; ora, à criada de quarto e à outra criada fora dada a ordem rigorosa de não acudirem às chamadas de Pável Pávlovitch. Katerina Fedosséevna poderia ter-lhe aberto a porta, mas, depois de voltar ao seu quarto, sentou-se, a sonhar, e depressa adormeceu.

Assim, Pável Pávlovitch ficou fechado até cerca da uma hora. Por fim lá começaram a aparecer as meninas, como que passando ali por acaso, aos pares ou em grupos de três.

— Pável Pávlovitch, por que não vem brincar com a gente? Está a ser divertidíssimo, ali! Estamos a brincar ao teatro. Aleksei Ivánovitch fez o papel de "jovem fidalgo".

— Pável Pávlovitch, por que não vem? Que feitio o seu, até é fora do normal! — observavam outras meninas ao passarem.

— Fora do normal o quê?—de repente ouviu-se a voz de Madame Zakhlebínina que, tendo acordado, decidira finalmente dar uma volta pelo jardim e ver as brincadeiras das "crianças" enquanto esperavam pelo chá.

— É Pável Pávlovitch—apontaram-lhe a janela, donde assomava, com um sorriso torto, a cara pálida de raiva de Pável Pávlovitch.

— Que mania tem o homem de ficar sozinho quando toda a gente está a divertir-se!

— E a mãe de família abanou a cabeça.

Entretanto, Nádia dignara-se, finalmente, esclarecer a Veltchanínov as suas palavras de que "estava contente por ele ter vindo... cá por uma coisa". O esclarecimento fora dado numa álea deserta. Maria Nikítichna chamou Veltchanínov, que participava nesse momento nos jogos comuns e já começava a aborrecer-se, e levou-o para lá, onde o deixou a sós com Nádia.

— Estou perfeitamente convencida—metralhou ela com muita ousadia—de que o senhor não é assim tão grande amigo desse Pável Pávlovitch como ele quer fazer crer. Por isso calculei que o senhor me pudesse prestar um serviço extremamente importante: aqui está a nojenta pulseira dele—tirou o estojo do bolsinho—,e peço-lhe encarecidamente que o senhor lha devolva de imediato, já que eu nunca e por nada deste mundo vou falar com ele. Aliás, pode dizer-lhe isso em meu nome e acrescente que não se atreva mais a incomodar-me com prendas. O resto dou-lho a saber através de outras pessoas. O senhor faz-me esse favor, cumpre o meu desejo?

— Ah, por amor de Deus, livre-me disso!—quase gritou Veltchanínov, agitando as mãos.

— Como? Livro-o disso?—Nádia ficou extremamente espantada com a recusa dele e esbugalhou os olhos. Todo o seu tom ensaiado caiu por terra num instante e quase chorava. Veltchanínov riu-se.

— Não é por nada... fá-lo-ia com muito gosto... mas tenho cá as minhas contas a ajustar com ele...

— Eu já sabia que o senhor não era amigo dele, que ele mentiu!—interrompeu-o Nádia bruscamente e com ardor.—Nunca me casarei com ele, fique sabendo! Nunca!

Nem compreendo como ele se atreveu... Só que o senhor tem de lhe devolver a nojenta pulseira, senão em que situação fico? Quero, obrigatoriamente, sim, obrigatoriamente, que ele receba esta coisa de volta hoje mesmo, neste dia, quero que leve essa bofetada. E se ele for com denúncias para o meu pai, vai ver como é.

De trás dos arbustos saltou, inesperadamente, o rapaz desgrenhado de óculos azuis.

— O senhor tem a obrigação de entregar a pulseira—atirou-se, frenético, a Veltchanínov—,quanto mais não seja, em prol dos direitos da mulher, se o senhor estiver à altura da questão...

Mas não teve tempo de acabar. Nádia puxou-o com toda a força pela manga e arrastou-o para longe de Veltchanínov.

— Meu Deus, que parvo é, Predpossílov!—gritou.—Vá-se embora! Vá-se embora daqui e não se atreva a espiar, tinha-lhe dito que ficasse longe de nós!... — Bateu os pés, mas já o rapaz tinha mergulhado nos seus arbustos; a Nádia pôs-se a andar para trás e para diante na vereda, com os olhos a chispar e as mãos juntas erguidas à sua frente.

— Não imagina que parvos eles são!—Parou de repente em frente de Veltchanínov.

— O senhor ri-se, mas veja em que situação eu estou!

— Não é ele, pois não?—ria Veltchanínov.

— Obviamente, não é ele, como é que pode pensar uma coisa dessas?— sorriu Nádia e corou.—É apenas um amigo dele. Mas os amigos que ele escolhe, isso não percebo... Todos eles dizem que são a "futura força motriz", mas eu não compreendo nada... Aleksei Ivánovitch, não tenho mais ninguém a quem recorrer; diga a sua última palavra: entrega-lhe isto ou não?

— Está bem, entrego, dê-mo.

— Ah, que querido, que bondoso!—alegrou-se Nádia, entregando-lhe o estojo. -

Em compensação, vou cantar para si toda a noite, porque eu canto maravilhosamente, fique sabendo, e menti-lhe quando lhe disse que não gosto de música. Ah, se o senhor nos visitasse ao menos mais uma vez, que alegria para mim, havia de lhe contar tudo, tudo, e ainda mais, porque o senhor é tão bom, tão bom, como... como a Kátia!

Efectivamente, quando voltaram a casa para o chá, Nádia cantou-lhe duas romanças com uma voz ainda mal colocada e formada, mas bastante agradável e com alguma força. Quando todos voltaram do jardim, Pável Pávlovitch estava sentado com ar importante à mesa de chá com os pais das meninas; já fervia um grande samovar em cima da mesa e tinham posto as chávenas de Sèvres da família. Pelos vistos, falava com os velhos sobre coisas bastante importantes, uma vez que dentro de dois dias partiria por nove meses. Não olhou, sequer, para quem entrava do jardim, ignorando mais que todos Veltchanínov; mas também era evidente que não tinha "denunciado" e que, por enquanto, estava tudo calmo.

Mas também ele se chegou imediatamente quando Nádia começou a cantar. Nádia, ostensivamente, não lhe respondeu a nenhuma pergunta directa, o que não embaraçou nem fez vacilar Pável Pávlovitch. Instalou-se por trás do espaldar da cadeira dela, com todo o ar de quem mostrava que aquele era o seu lugar e que não o cederia a ninguém.

— Aleksei Ivánovitch vai cantar, maman, Aleksei Ivánovitch quer cantar! — gritaram as meninas, apertando-se junto ao piano, enquanto Veltchanínov, seguro de si, se sentava, preparando-se para se acompanhar a si próprio. Vieram também os velhos e Katerina Fedosséevna, que estivera

ao pé deles, a servir o chá. Veltchanínov escolheu uma romança de Glinka, que já quase ninguém conhecia: Quando, na hora alegre, abres os lábios E arrulhas para mim, qual meiga pomba... (11)

*(11) Romança de Mikhail Glinka (1804-1857), com letra de Adam Mickiewicz (1798-1855). (NT)*

Cantava só para Nádia, que, juntinho ao seu cotovelo, se colocara mais perto dele do que todos os outros. Havia muito que Veltchanínov perdera a voz, mas pelo que restava via-se que tivera uma voz nada má. Veltchanínov ouvira a primeira vez esta romança uns vinte anos atrás, pela voz do próprio Glinka, quando era ainda estudante universitário, em casa de um amigo compositor, já falecido, no decurso de uma pequena festa artístico-literária. Glinka, entusiasmado, tocou e cantou nessa festa todas as suas obras preferidas, incluindo esta romança. O compositor, na altura, também já quase não tinha voz, mas Veltchanínov lembrava-se da forte impressão que precisamente esta romança lhe causara. Um virtuoso cantor de salão nunca conseguiria tal efeito. Nesta peça, a tensão da paixão cresce a cada verso, a cada palavra; devido precisamente à força dessa tensão extraordinária, a mínima falsidade, o mínimo exagero e falta de verdade—que na ópera passam tão facilmente despercebidos -

provocariam a perdição e desfigurariam todo o sentido da romança. Para cantar esta pequenina mas invulgar obra, era necessária, era obrigatória a verdade e uma inspiração plena e verdadeira, uma verdadeira paixão ou a perfeita assimilação poética dela. Caso contrário, não só a romança não seria bem sucedida, mas poderia tornar-se monstruosa e quase impudica: seria impossível manifestar esta força de tensão do sentimento passional sem provocar repugnância; ora, a verdade e a ingenuidade salvavam tudo. Veltchanínov lembrava-se de que também ele, outrora, cantara esta romança com êxito. Quase assimilou a maneira de cantar de Glinka; agora, desde o primeiro som, desde o primeiro verso, acendeu-se-lhe na alma uma verdadeira inspiração, que tremeu na sua voz. A cada palavra da romança, o sentimento irrompia e revelava-se cada vez com mais força e ousadia e, nos últimos versos, já se ouviam os gritos da paixão. Quando, dirigindo o olhar brilhante para Nádia, cantou as últimas palavras: Olho-te nos olhos com mais ousadia, Aproximo os lábios, não te posso ouvir, Quero beijar, e beijar, e beijar! Quero beijar, e beijar, e beijar!

Nádia estremeceu de susto, até se afastou um pouco para trás; o sangue afluiu-lhe às faces e, nesse instante, Veltchanínov apanhou uma réstia de compreensão no rosto envergonhado, quase intimidado dela. Nos rostos de todas as ouvintes transparecia ao mesmo tempo o encantamento e a perplexidade; talvez parecesse a todas que não se podia cantar assim, que era vergonhoso, e no entanto todos aqueles rostos e olhos ardiam, pareciam esperar ainda mais alguma coisa. Entre esses rostos, Veltchanínov distinguiu sobretudo o de Katerina Fedosséevna, que se tornara quase belo.

— Mas que romance!—murmurou o velho Zakhlebínin, um tanto aturdido.—Não será demasiado forte? Agradável, mas forte...

— Forte...—ecoou Madame Zakhlebínina, mas Pável Pávlovitch não a deixou continuar: de repente, deu um salto em frente e, como desvairado, atreveu-se a pegar Nádia pelo pulso e a afastá-la para longe de Veltchanínov. Depois aproximou-se deste e fitou nele um olhar perdido, mexendo os lábios trementes.

— Escute um minutinho—mal conseguiu, finalmente, articular.

Veltchanínov via claramente que, mais um momento, e o homem era capaz de ousar qualquer coisa dez vezes mais disparatada. Pegou-lhe rapidamente na mão e, sem se preocupar com a perplexidade geral dos presentes, levou-o para o terraço e deu mesmo alguns passos com ele na direcção do jardim, onde a escuridão era já completa.

— Não compreende que deve ir-se embora comigo imediatamente, já?—articulou Pável Pávlovitch.

— Não, não compreendo...

— Lembra-se—continuou Pável Pávlovitch no seu sussurro frenético—, lembra-se de me ter exigido, daquela vez, que eu lhe dissesse tudo, tudo, sinceramente, "até à última palavra...", lembra-se? Pois chegou o momento de lhe dizer essa última palavra... vamos!

Veltchanínov reflectiu, olhou mais uma vez para Pável Pávlovitch e concordou.

A partida deles, tão intempestivamente anunciada, chocou os pais e indignou terrivelmente as raparigas.

— Tome, ao menos, mais uma chávena de chá—gemeu lamentosamente Madame Zakhlebínina.

— Por que te enervaste tanto?—dirigiu-se o velho em tom severo e descontente a Pável Pávlovitch, que, sem barulho, ria para dentro.

— Pável Pávlovitch, por que leva Aleksei Ivánovitch?—arrulhavam queixosas as meninas, lançando-lhe ao mesmo tempo olhares de escárnio. Nádia olhou para ele com tanta raiva que Pável Pávlovitch torceu a cara, mas não cedeu.

— Não, a sério, Pável Pávlovitch recordou-me um assunto muito importante, e agradeço-lhe por isso. Se não fosse ele, eu ia perder muito—riu Veltchanínov, apertando a mão ao dono da casa, fazendo vénias à dona e às meninas e, sobretudo, a Katerina Fedosséevna, o que não passou despercebido.

— Agradecemos-lhe a visita e ficaremos muito felizes sempre que o virmos por cá—concluiu significativamente Zakhlebínin.

— Ah, teremos tanto prazer...—secundou com sentimento a mãe de família.

— Venha mais vezes, Aleksei Ivánovitch, venha!—ouvia-se da varanda quando Veltchanínov já se sentava na caleche, juntamente com Pável Pávlovitch. Era quase imperceptível a vozinha que sussurrou baixinho: "Apareça, querido, querido Aleksei Ivánovitch!"

"É a ruivinha!"—pensou Veltchanínov.

## 13 - Quem tem o lado maior

Pensava na ruivinha, mas, ao mesmo tempo, sentia o desgosto e o arrependimento que havia muito lhe atormentavam a alma. Durante todo este dia, aparentemente tão divertido, a angústia quase não o largou. Antes de começar a cantar a romança, já não sabia como fugir da angústia: talvez fosse por isso que cantou com tanta inspiração.

"Como pude humilhar-me tanto... esquecer-me de tudo!"—censurava-se a si mesmo, mas interrompeu de imediato tais pensamentos. Também lhe pareceu humilhante estar a lamuriar-se: era muito mais agradável ficar zangado com alguém o mais depressa possível.

— Par-r-vo!—sussurrou raivosamente, olhando de soslaio para Pável Pávlovitch, muito calado ao lado dele.

Pável Pávlovitch mantinha um silêncio persistente, talvez concentrando-se e preparando-se. Com um gesto impaciente, tirava de vez em quando o chapéu e limpava a fronte com o lenço.

"Está a suar!"—irritava-se Veltchanínov.

Só uma vez Pável Pávlovitch se dirigiu com uma pergunta ao cocheiro: "Haverá trovoadas?"

— E que trovoadas! Vai rebentar, com certeza, tem estado abafado todo o dia.—De facto, o céu escurecia e já relampejava ao longe. Quando entraram na cidade já passava das dez.

— Agora vou consigo—disse Pável Pávlovitch a Veltchanínov quando estavam a chegar a casa deste.

— Compreendo, mas aviso-o de que estou maldisposto...

— Eu não demoro, não demoro!

Quando passaram o portão, Pável Pávlovitch correu para o cubículo de Mavra.

— Porquê tantas correrias por ali?—perguntou severamente Veltchanínov quando Pável Pávlovitch se lhe juntou para entrarem no apartamento.

— Por nada... o cocheiro...

— Não o deixarei beber!

Não houve resposta. Veltchanínov acendeu as velas, Pável Pávlovitch sentou-se logo na poltrona. Veltchanínov postou-se de pé à frente dele, carrancudo.

— Também tencionava dizer-lhe a "minha última palavra"—começou com uma irritação toda interior, ainda contida—,por isso, aqui vai a minha última palavra: considero acabados todos os assuntos entre nós, sinceramente, pelo que não temos mais que falar. Está a ouvir? Não temos mais que falar. Por isso, não seria melhor que o senhor se fosse embora já e eu fechasse a porta atrás de si?

— Ajustemos contas, Aleksei Ivánovitch!—proferiu Pável Pávlovitch, olhando-lhe no entanto para os olhos de uma maneira particularmente resignada.

— A-jus-te-mos contas?—espantou-se Veltchanínov.—Que palavras estranhas acaba de pronunciar! Ajustemos contas de quê? Eh-eh, não será essa a tal "última palavra" que prometeu... desvendar-me?

— É essa mesma.

— Não temos contas nenhuma a ajustar, entre nós já está tudo ajustado! -

pronunciou Veltchanínov com orgulho.

— É assim que realmente pensa?—disse Pável Pávlovitch em voz cortante, juntando as mãos à frente do peito, de modo estranho, com os dedos cruzados.

Veltchanínov não respondeu e pôs-se a andar pela sala. "Lisa? Lisa?"—gemia-lhe no coração.

— Diga lá então que contas são essas que pretende ajustar—dirigiu-se ao outro, de sobrolho carregado, depois de um longo silêncio. Pável Pávlovitch continuava na mesma posição, seguindo com os olhos os movimentos de Veltchanínov.

— Não vá lá mais—disse quase num sussurro suplicante e, de repente, levantou-se da poltrona.

— Como? É disso que se trata?—Veltchanínov riu-se com raiva.—A propósito, hoje o senhor espantou-me durante todo o dia!—Veltchanínov tomava agora um tom cáustico; de repente, a sua cara mudou de expressão.—Oiça—disse com tristeza e um sentimento profundo e sincero—,acho que nunca nem com nada me humilhei tanto na vida como hoje: em primeiro lugar, por ter aceitado ir consigo; em segundo, com o que aconteceu lá... Aquilo foi de uma mesquinhez, de uma miséria... sujei-me e desonrei-me quando me meti com... e quando esqueci... Não interessa!—Caiu em si de repente.—Oiça: hoje apanhou-me desprevenido, irritado e adoentado... de

resto, não vale a pena justificar-me! Não vou lá mais e asseguro-lhe de que não tenho lá interesses nenhuns.

— É verdade, isso? É verdade?—exclamou Pável Pávlovitch sem esconder a sua feliz emoção. Veltchanínov olhou para ele com desprezo e pôs-se outra vez a cirandar pela sala.

— Parece que o senhor decidiu ser feliz a todo o custo, não?— Veltchanínov não se conteve e fez, finalmente a observação.

— Sim—confirmou baixinho e ingenuamente Pável Pávlovitch.

"Que me importa—pensava Veltchanínov—que ele seja palhaço e maldoso só por estupidez? Não é por isso que vou deixar de odiá-lo, mesmo que ele não valha o meu ódio!"

— Sou um "eterno marido"—disse Pável Pávlovitch, gozando consigo próprio com uma resignação humilhante.—Conheço esta palavra há muito, vinda de si, Aleksei Ivánovitch, ainda o senhor vivia lá ao pé de nós. Guardei muitas palavras suas daquele ano. Há tempos, quando o senhor repetiu aqui isso do "eterno marido", percebi finalmente.

Mavra entrou com uma garrafa de champanhe e dois copos.

— Desculpe, Aleksei Ivánovitch, o senhor sabe que sem isto não passo. Não o considere um atrevimento, veja-me antes como uma pessoa estranha e inferior a si.

— Pois...—concordou Veltchanínov, repugnado—,mas acredite que começo a sentir-me mal...

— É rápido, é rápido, isto é um instante!—apressou-se Pável Pávlovitch.—Só um copinho, porque a garganta...

Emborcou avidamente e de uma vez o copo e sentou-se, olhando para Veltchanínov quase com ternura. Mavra saiu.

— Que nojo!—murmurou Veltchanínov.

— Tudo amiguinhas—pronunciou Pável Pávlovitch, subitamente animado.

— O quê? Ah, pois, continua a bater no mesmo...

— Tudo amiguinhas! E ainda a mocidade: fanfarronar por graciosidade, sim! Até tem o seu encanto. Depois... depois, o senhor sabe como é: serei escravo dela; verá que é estimada, a sociedade... fica completamente reeducada.

"É preciso devolver-lhe a pulseira!"—carregou o sobrolho Veltchanínov, apalpando o estojo no bolso do sobretudo.

— Diz o senhor: vejam só, decidi ser feliz! Preciso de me casar, Aleksei Ivánovitch—continuava Pável Pávlovitch, muito confidencial, quase comovente—,senão, o que será de mim? O que será de mim está à vista—apontou para a garrafa—,e isto é apenas uma centésima parte... das minhas qualidades. Não posso viver sem casamento e... sem uma nova fé: ganharei fé e ressuscitarei.

— Mas por que está a dizer isso a mim?—por pouco não se riu Veltchanínov.

Aliás, tudo aquilo lhe parecia uma loucura.—Diga-me, finalmente—gritou—,por que me obrigou a ir lá? Para que precisava lá de mim?

— Para experimentar...—envergonhou-se de repente Pável Pávlovitch.

— Experimentar o quê?

— Experimentar o efeito... Está a ver, Aleksei Ivánovitch, faz apenas uma semana que eu... ando por lá...—(Envergonhava-se cada vez mais).— Ontem encontrei o senhor e pensei: "Nunca a vi ainda no meio de pessoas, digamos, estranhas, ou seja, de homens, além de mim próprio..." Admito que foi uma ideia estúpida, eu próprio o sinto agora, uma ideia inútil. Mas tive grande vontade de o fazer... é assim o meu ruim feitio...—Levantou de repente a cabeça e corou.

"Será que está a dizer toda a verdade?"—espantava-se Veltchanínov até ao pasmo.

— Então?—perguntou.

Pável Pávlovitch sorriu melíflua e manhosamente.

— Aquilo é só, e ainda, uma encantadora meninice! Tudo amiguinhas! Só quero que me perdoe o meu comportamento estúpido para consigo, Aleksei Ivánovitch, nunca mais volto a fazer isso; aliás, também nunca mais haverá ocasião.

— Também não estarei lá, nunca mais—soltou uma risada Veltchanínov.

— Em parte, é disso que estou a falar. Veltchanínov franziu um pouco a cara.

— Aliás, não existo apenas eu neste mundo—observou com irritação.

Pável Pávlovitch voltou a corar.

— É triste para mim ouvi-lo, Aleksei Ivánovitch, e tenho tanto respeito pela Nadejda Fedosséevna...

— Desculpe, desculpe, não queria insinuar nada, só me surpreende um pouco que o senhor exagere tanto as minhas capacidades e que... tenha

confiado em mim com tanta sinceridade...

— Confiei, mas só depois, precisamente, de tudo... o que aconteceu no passado.

— Onde se depreende, portanto, que o senhor continua a considerar-me um homem muito nobre?—perguntou de repente Veltchanínov, parando de andar. Noutra ocasião, ele próprio ficaria aterrorizado com a ingenuidade da pergunta que, espontaneamente, lhe saiu.

— Considero e sempre considere—baixou os olhos Pável Pávlovitch.

— Claro... não estou a falar disso, isto é, não nesse sentido... queria apenas dizer que, apesar de quaisquer... ideias preconcebidas...

— Sim, também apesar das ideias preconcebidas.

— E quando veio para Petersburgo?—já não podia conter-se Veltchanínov, embora sentisse a enormidade da sua indiscrição.

— Também quando vim para Petersburgo o considerava um homem muito nobre. Sempre lhe tive respeito, Aleksei Ivánovitch.—Pável Pávlovitch ergueu os olhos e olhou a direito para Veltchanínov, já sem qualquer perturbação. Veltchanínov, de repente, acobardou-se: não tinha vontade de que alguma coisa acontecesse ou passasse das marcas, ainda por cima provocada por ele.

— Gostei de si, Aleksei Ivánovitch—proferiu Pável Pávlovitch como se o tivesse decidido no momento—,durante todo aquele ano em T... O senhor não reparou nisso—continuou com uma voz que, para grande terror de Veltchanínov, tremia de vez em quando—,eu era demasiado insignificante em comparação consigo para que reparasse na minha pessoa. Se calhar, também não havia necessidade. E, durante todos estes nove anos, não me esqueci de si, porque nunca tive na minha vida um ano como aquele.—(Os olhos de Pável Pávlovitch brilhavam com um brilho especial.)—Guardei na memória muitas palavras suas, muitas sentenças, muitas ideias. Evocava-o como um homem apaixonado pelos bons sentimentos, um homem culto, altamente instruído e com ideias. "As grandes ideias não provêm tanto de um grande intelecto, mas de um grande sentimento", foi o senhor mesmo quem o disse, talvez o tivesse esquecido, mas eu lembro-me. Sempre o tive como homem de grandes sentimentos... e, por isso, confiava em si... apesar de tudo...—O queixo, de repente, começou a tremer-lhe. Veltchanínov estava verdadeiramente assustado; era preciso acabar com aquele tom inesperado custasse o que custasse.

— Pável Pávlovitch, basta, por favor—murmurou, com uma impaciência irritada, vermelho.—E porquê—gritou de repente—,por que se agarra o senhor a uma pessoa doente, irritada, quase a delirar, e a arrasta para estas trevas...

quando tudo são fantasmas e miragem, mentira, vergonha, quando tudo é antinatural e, o mais vergonhoso, fora das medidas? É tudo absurdo: somos ambos homens perversos, subterrâneos, nojentos... Não queria que lhe provasse imediatamente que o senhor não só não gosta de mim como me odeia com todas as forças da sua alma e que está a mentir sem sequer se dar conta disso? Obrigou-me a ir àquela casa consigo mas não com esse objectivo ridículo de pôr a noiva à prova (poderia uma coisa dessas passar pela cabeça de alguém?), mas porque, simplesmente, me viu ontem e se enraiveceu tanto que me levou para ma mostrar e dizer: "Estás 129

a ver esta? Será minha! Tenta agora alguma coisa com esta!" Lançou-me um desafio! Talvez sem o senhor mesmo se dar conta, mas fê-lo, porque sentia isso tudo... Mas não se pode lançar um desafio desses sem ódio... logo, odiava-me! — Veltchanínov, assim aos gritos, corria pela sala, e o que mais o atormentava e insultava era, sobretudo, a consciência humilhante de estar a condescender até este ponto com Pável Pávlovitch.

— Desejava fazer as pazes consigo, Aleksei Ivánovitch!—disse o outro de chofre, num sussurro apressado, e o seu queixo voltou a tremer. Uma fúria desenfreada apoderou-se de Veltchanínov, como se nunca ninguém lhe tivesse infligido tamanho insulto!

— Repito-lhe—berrou—que se... pendurou numa pessoa doente e irritada para lhe arrancar uma palavra, uma palavra... impossível, no delírio! Somos... somos pessoas de mundos diferentes, tente compreender, e... e... entre nós está um túmulo!—sussurrou desvairado e, logo... caiu em si...

— Mas como pode o senhor saber—a cara de Pável Pávlovitch empalideceu e desfigurou-se de repente—,como pode o senhor saber o que significa este túmulo aqui... para mim?—gritou, avançando contra Veltchanínov e, com um gesto ridículo mas terrível, batendo com o punho cerrado no coração.—Conheço este túmulo, e estamos, eu e o senhor, dos dois lados deste túmulo, só que o meu lado é maior do que o seu, é maior... —sussurrou, como se estivesse a delirar, e continuando a dar punhadas contra o coração—,maior, maior... maior...—De repente, um toque invulgar da campainha fez com que ambos caíssem em si. Tocaram com tanta força como se tivessem jurado arrancar a campainha de vez.

— Ninguém toca assim para mim—disse Veltchanínov, embaraçado.

— Mas para mim não pode ser—sussurrou timidamente Pável Pávlovitch, já senhor de si e transformado num instante no Pável Pávlovitch de sempre. Veltchanínov carregou o sobrolho e foi abrir a porta.

— É o senhor Veltchanínov, se não me engano?—ouviu-se, vinda do vestíbulo, uma voz jovem, sonora e extremamente segura de si.

— O que deseja?

— Tenho a informação certa—continuou a voz sonora—de que um tal Trussótski está, neste momento, em sua casa. Tenho de vê-lo imediatamente.

Agradaria certamente a Veltchanínov dar um valente pontapé àquele jovem convencido e mandá-lo pelas escadas abaixo. Mas reflectiu, afastou-se e deixou-o passar.

— Entre, aqui está o senhor Trussótski...

## 14 - Sdchenka e Nadenka

Para a sala entrou um homem muito jovem, de uns dezanove anos ou talvez menos, tão juvenil parecia o seu rosto bonito, erguido com arrogância. Estava bastante bem vestido ou, pelo menos, o fato assentava-lhe bem; era de estatura acima da média; o cabelo era preto, espesso, em madeixas desgrenhadas; o que mais se lhe destacava na fisionomia eram os olhos grandes, escuros, destemidos. Só o nariz era demasiado largo e arrebitado: não fosse isso, seria um bonitão.

— Parece que tenho—uma—ocasião—de falar com o senhor Trussótski— pronunciou compassadamente, acentuando com um deleite especial a palavra "ocasião", ou seja, dando a entender que não poderia haver para ele qualquer honra ou prazer numa conversa com o senhor Trussótski.

Veltchanínov começava a perceber, e parecia que Pável Pávlovitch também começava a adivinhar qualquer coisa, porque se exprimiu na sua cara uma certa inquietação. Manteve, contudo, a dignidade.

— Não tenho o prazer de conhecer o senhor—respondeu com ar solene e suponho que também não posso ter nada a tratar consigo.

— Primeiro, oiça, depois diga a sua opinião—pronunciou o jovem num tom sentencioso e convencido e, tirando o monóculo de tartaruga, pendurado num cordão, pôs-se a observar a garrafa de champanhe que estava em cima da mesa.

Tendo terminado de examinar calmamente a garrafa, guardou o monóculo e, voltando a dirigir-se a Pável Pávlovitch, declarou:—Aleksandr Lóbov.

— Aleksandr Lóbov o quê?

— Sou eu. Não ouviu falar?

— Não.

— Aliás, não podia ter ouvido. Vim por motivo de um assunto importante que diz respeito pessoalmente ao senhor. A propósito, permita que me sente, estou cansado.

— Sente-se—convidou-o Veltchanínov, mas o jovem já tivera tempo de se sentar antes de ser convidado. Apesar de uma dor crescente no peito, Veltchanínov sentiu interesse por aquele pequeno descarado. No seu rosto bonitinho, infantil e corado havia uma longínqua parecença com Nádia.

— Sente-se também—sugeriu o jovem a Pável Pávlovitch, indicando-lhe, com um aceno descuidado de cabeça, um lugar em frente.

— Não é preciso, estou bem assim.

— Ficaré cansado. O senhor Veltchanínov, aliás, pode ficar.

— Nem tenho para onde ir, estou em minha casa.

— Como queira. Aliás, confesso que prefiro mesmo que esteja presente durante a minha conversa com este senhor. Nadejda Fedosséevna caracterizou o senhor Veltchanínov de modo bastante lisonjeiro.

— Ena! Como teve tempo?

— Falou comigo logo depois da sua visita; é que também acabo de chegar de lá. É o seguinte, senhor Trussótski—voltou-se para Pável Pávlovitch, que continuava de pé—, nós, ou seja, eu e Nadejda Fedosséevna—falava entre dentes, repimpendo-se descontraidamente na poltrona—, há muito que nos amamos e nos demos mutuamente a palavra. O senhor, agora, mete-se entre nós. Vim cá sugerir-lhe que desampare o lugar. Fará o favor de aceitar a minha proposta?

Pável Pávlovitch oscilou, empalideceu, mas espremeu de imediato um sorriso sardónico dos lábios.

— Não, não lhe farei favor nenhum—cortou laconicamente.

— Então, é assim!—virou-se o jovem na poltrona, cruzando a perna.

— Nem sequer sei com quem estou a falar—acrescentou Pável Pávlovitch. — Considero até que nem temos de continuar a conversa.

Ao dizê-lo, achou necessário sentar-se.

— Eu não lhe disse que ia ficar cansado?—observou com negligência o jovem. — Já tive ocasião de informá-lo que o meu nome é Lóbov e que nós, eu e Nadejda Fedosséevna, nos demos mutuamente a palavra: portanto, o senhor não pode dizer que não sabe com quem está a falar. Também não pode considerar que não devemos continuar a conversa: já sem falar em mim próprio, o assunto também diz respeito a Nadejda Fedosséevna, que o senhor está a assediar de um modo descarado. Este facto, só por si, constitui causa suficiente de esclarecimento.

Pronunciou tudo isto entre dentes, com fatuidade, mal condescendendo em pronunciar as palavras distintamente; voltou até a tirar o monóculo e a apontá-lo por um momento, enquanto falava, para qualquer coisa.

— Desculpe, jovem...—exclamou com irritação Pável Pávlovitch; mas o "jovem" interrompeu-o:

— Em qualquer outra ocasião proibi-lo-ia, obviamente, que me tratasse por "jovem", mas agora, tem de concordar, a minha juventude é a minha vantagem principal sobre o senhor, que hoje, por exemplo, quando estava a oferecer a pulseira, gostaria muito de ser um bocadinho mais jovem.

— Ah, sua petinga!—sussurrou Veltchanínov.

— Em qualquer caso, excelentíssimo senhor—corrigiu-se com dignidade Pável Pávlovitch—, não acho que os motivos invocados por si (indecorosos e muito duvidosos) sejam suficientes para se continuar esta discussão. Acho todo este assunto pueril e sem sentido. Amanhã mesmo informar-me-ei junto do estimado Fedossei Petróvitch. Mas agora peço que me liberte...

— Está a ver o feitio deste senhor!—exclamou o jovem com ardor, não conseguindo manter o tom, dirigindo-se a Veltchanínov.—Não lhe chega que o expulsem de lá mostrando-lhe a língua, ainda quer denunciar-nos ao velho! Isto não será uma prova de que a carraça do homem quer tomar a rapariga à força, a quer comprar aos velhos marasmáticos que, em consequência da barbaridade social, dispõem de poder sobre ela? Caro senhor, não lhe parece que ela já lhe mostrou suficientemente que o despreza? Não lhe foi já devolvida pulseira, esse seu presente indecoroso? O que quer mais?

— Ninguém me devolveu pulseira nenhuma, e nem sequer acho isso possível—tremeu Pável Pávlovitch.

— Não acha possível porquê? Quer dizer que o senhor Veltchanínov não lha entregou?

"Ah, raios te partam!"—pensou Veltchanínov.

— É verdade, Pável Pávlovitch—disse carrancudo—que Nadejda Fedosséevna me encarregou de lhe entregar este estojo. A princípio recusei-me, mas ela insistiu muito... aqui está... lamento...

Pôs o estojo diante do petrificado Pável Pávlovitch.

— Por que não lho tinha ainda entregado?—perguntou com severidade o rapaz.

— Por que não tive tempo—respondeu Veltchanínov, sombrio.

— Estranho.

— Que-e-e?

— É pelo menos estranho, tem de concordar. De resto, estou pronto a reconhecer que houve aqui um mal-entendido.

Apeteceu a Veltchanínov levantar-se imediatamente e puxar as orelhas ao moncoso, mas não se conteve e desatou a rir; o rapaz riu-se também. Outra coisa se passava com Pável Pávlovitch: se Veltchanínov pudesse reparar no olhar terrível que este lhe lançou quando ele se ria de Lóbov, teria compreendido que o homem ultrapassara nesse instante o limite fatal... Porém, embora não tivesse visto o olhar de Pável Pávlovitch, compreendeu que era preciso apoiá-lo.

— Oiça, senhor Lóbov—começou num tom amigável—,sem entrar em raciocínios sobre outras causas que não queria referir, gostaria apenas de observar-lhe que Pável Pávlovitch, se pediu em casamento Nadejda Fedosséevna, é porque, em primeiro lugar, se encontra num perfeito relacionamento com essa respeitável família; em segundo lugar, dispõe de uma situação excelente e respeitável; e, por fim, possui uma boa fortuna... Portanto, é natural que se espante quando lhe aparece um rival como o senhor, que pode ser um homem com excelentes qualidades, não duvido, mas tão jovem que Pável Pávlovitch é incapaz de ver em si um rival a sério e... por isso tem razão quando lhe pede que desista.

— O que pretende dizer com "tão jovem"? Já fiz dezanove anos há um mês. De acordo com a lei, há muito que posso casar-me. E essa conversa acabou.

— Mas que pai ousaria dar-lhe a filha em casamento agora, mesmo que o senhor venha a ser um multimilionário ou um benfeitor da humanidade? Um homem de dezanove anos ainda não está em condições de ser responsável por si próprio, quanto mais atrever-se a responsabilizar-se pelo futuro de outra pessoa, ou seja, pelo futuro de uma criança! Isso também não é uma atitude muito nobre, não acha? Tomei a liberdade de expor a minha opinião porque o senhor, há pouco, se dirigiu a mim como a um intermediário entre si e Pável Pávlovitch.

— Ah, com que então é Pável Pávlovitch!—observou o rapaz.—E eu que pensava que era Vassíli Petróvitch! Oiça—voltou-se para Veltchanínov—,isso não me surpreende nada, sei que os senhores são todos assim! O estranho é que me tenham falado de si como sendo um homem de ideias bastante novas. De resto, nada disso tem importância nenhuma, o que interessa é que nada há de ignóbil da minha parte, como o senhor se permitiu dizer, antes pelo contrário, como tenciono explicar-lhe: em primeiro lugar, demos a palavra um ao outro, eu e Nadejda Fedosséevna, e, além disso, prometi-lhe frontalmente, caso ela se apaixone por qualquer

outro homem ou, simplesmente, se arrependa de ter casado comigo e queira o divórcio, que lhe entrego imediatamente uma declaração do meu adultério, e com isso estarei, portanto, a apoiar, na respectiva instituição, o seu pedido de divórcio. Mais ainda: para o caso de eu mudar de ideias mais tarde e me recusar a entregar-lhe essa declaração, como prevenção e garantia entrego-lhe, no próprio dia do casamento, uma letra minha de cem mil rublos à qual ela poderá dar andamento se eu me recusar a entregar-lhe a tal declaração, e eu vou parar à cadeia. Deste modo, está tudo prevenido e não ponho em risco o futuro de ninguém. Isto, em primeiro lugar.

— Posso apostar que foi esse, como se chama?, Predpossílov que lhe inventou tudo isso!—exclamou Veltchanínov.

— Hi-hi-hi!—soltava risinhos Pável Pávlovitch.

— Por que está o senhor com esses risinhos? Sim, adivinhou, a ideia é de Predpossílov, e tem de concordar que a coisa está bem pensada: assim, esta lei absurda, fica completamente paralisada. E claro que a amarei sempre, e ela própria ri-se às gargalhadas disto tudo... mesmo assim, é uma ideia astuciosa e, tem de concordar, é um procedimento nobre que nem todos teriam a coragem de assumir!

— A meu ver, não só não é nobre como é repugnante. O jovem encolheu os ombros.

— Mais uma vez, não me surpreende—observou depois de um silêncio—,há muito que tudo isso deixou de me surpreender. Num caso destes, Predpossílov dir-lhe-ia que semelhante falta de entendimento das coisas mais naturais provém da deturpação dos seus normalíssimos sentimentos e noções, em resultado, em primeiro lugar, da sua longa vida absurda e, em segundo, da sua longa vida ociosa. Ou talvez não tenhamos ainda chegado a uma compreensão mútua... é que me falaram bem de si... O senhor, com certeza, já tem uns cinquenta anos?

— Por favor, passe ao que interessa.

— Desculpe-me a indelicadeza e não se zangue, falei sem intenção. Continuo: não sou nenhum futuro multimilionário, como o senhor se dignou exprimir-se (que ideia!). Sou como sou, mas tenho a certeza absoluta do meu futuro. Não serei herói nem benfeitor de ninguém, mas conseguirei garantir o meu bem-estar e o da minha mulher. É certo que de momento não tenho nada, até fui educado em casa deles, desde a infância...

— Ah, sim?

— Sim, sou filho de um parente afastado da mulher de Zakhlebínin, e quando todos os meus familiares morreram e fiquei sozinho, com oito anos de idade, o velho levou-me para casa dele e, depois, mandou-me para o colégio. Até é um homem bondoso, fique sabendo...

— Eu sei...

— Pois... só que tem uma cabeça demasiado antiquada... De resto, é bondoso... Há muito que saí da tutela dele, porque quero viver a vida sozinho e não dever nada a ninguém.

— E quando saiu da tutela dele?—quis saber Veltchanínov.

— Vai para quatro meses.

— Ah-ah, sendo assim, está tudo explicado: amigos de infância! E então, tem algum emprego?

— Tenho, no escritório privado de um notário, a ganhar vinte e cinco rublos mensais. É claro que é provisório, mas quando fiz o pedido de casamento nem isso tinha: nessa altura trabalhava nos caminhos-de-ferro, com dez rublos mensais, mas tudo isto é provisório.

— Quer dizer que já fez o pedido de casamento?

— Sim, formalmente, e há muito, vai para três semanas.

— E como se passou?

— O velho riu-se muito, depois ficou muito irritado, depois mandou fechar a Nádia em cima, nas águas-furtadas. Mas ela aguentou heroicamente. De resto, o meu falhanço deveu-se ao facto de o velho me guardar rancor, já de antes: é que eu abandonei o lugar no departamento em que ele me colocara quatro meses atrás, ainda antes do caminho-de-ferro. É um velho simpático, repito, em casa tem modos simples e alegres, mas, mal entra no departamento, nem imagina! É como um Júpiter no trono! Naturalmente, dei-lhe a entender que as suas maneiras tinham deixado de me agradar, mas o principal aconteceu por causa do ajudante do chefe de mesa: esse senhor lembrou-se de fazer queixa de mim porque eu lhe teria "faltado ao respeito", quando eu apenas lhe dissera que ele tinha falta de desenvolvimento. Abandonei-os a todos, e agora trabalho no notário.

— E, no departamento, tinha um bom ordenado?

— Eh-eh, era extranumerário! Era o próprio velho quem me dava o sustento: já lhe disse que ele é bondoso. Mesmo assim, não desistiremos. É claro que vinte e cinco rublos não dão para nada, mas espero, em breve, tomar parte no reordenamento das herdades desorganizadas do conde Zaviléiski, e aí terei logo três mil anuais; senão, vou directamente para a

advocacia. Actualmente há muita procura de pessoas... Irra, que trovões, vem aí uma tempestade... ainda bem que cheguei antes... é que vim a pé, quase sempre a correr.

— Desculpe, como é que teve tempo, então, de falar com Nadejda Fedosséevna, se ainda por cima não o recebem lá em casa?

— Ah, é sempre possível, através da cerca! Reparou na rapariga ruivinha?—riu-se o rapaz.—É ela quem arranja tudo, e também a Maria Nikítichna; mas essa Maria Nikítichna é uma víbora!... Por que está a franzir a cara? Tem medo de trovoadas?

— Não, estou maldisposto, muito maldisposto...—Veltchanínov, de facto, com uma dor súbita no peito, levantou-se e tentou andar pela sala.

— Ah, estou a incomodar, compreendo! Não se preocupe, já me vou embora!—E o rapaz levantou-se do lugar.

— Não incomoda, não faz mal—quis ser delicado Veltchanínov.

— Como pode não fazer mal, se "o Kobílnikov tem dores de barriga"? Lembra-se, no Chedrin (12)? Gosta de Chedrin?

*(12) Trata-se de uma frase do conto "Para a idade infantil" do escritor satírico M. Saltikov-Chedrin (1826-1889). (NT)*

— Gosto...

— Também eu... Então, Vassíli... ah, sim, Pável, Pável Pávlovitch, vamos terminar!—dirigiu-se, quase alegre, a Pável Pávlovitch.—Vou formular, para sua compreensão, a minha pergunta mais uma vez: está de acordo em desistir oficialmente, amanhã mesmo, diante dos velhos e na minha presença, de todas as suas pretensões relativamente a Nadejda Fedosséevna?

— De maneira nenhuma—levantou-se também Pável Pávlovitch com um ar impaciente e furioso -além disso, peço-lhe mais uma vez que me liberte... porque tudo isso não passa de uma infantilidade e de uma estupidez.

— Veja lá!—O rapaz, com um sorriso arrogante, brandiu o dedo ameaçador.—Não se engane nos cálculos! Sabe ao que leva um erro de cálculo? Aviso-o de que, daqui a nove meses, depois de o senhor ter gastado montões de dinheiro, se ter estafado e ter voltado aqui, ver-se-á obrigado a desistir por sua própria vontade e, se não desistir, o mal é seu!

Quererá levar as coisas a esse ponto? Devo declarar-lhe que o senhor está a portar-se como um cão no feno—desculpe, é apenas uma comparação—, não come nem deixa comer os outros. Repito-lhe, por humanismo: reflecta, faça o esforço de reflectir pelo menos uma vez na vida.

— E o senhor faça o favor de me poupar às suas moralizações!—gritou Pável Pávlovitch, furioso.—Quanto às suas insinuações ignóbeis, amanhã mesmo vou tomar medidas, medidas severas!

— Insinuações ignóbeis? De que insinuações ignóbeis está a falar? O senhor mesmo é que é ignóbil, se tem essas coisas na cabeça. Aliás, concordo em esperar até amanhã, mas se... Ah, outra vez os trovões! Adeus, muito prazer em conhecê-lo. — Acenou com a cabeça a Veltchanínov e correu para fora, pelos vistos com pressa de chegar a casa antes da tempestade e antes de a chuva lhe cair em cima.

## 15 - Ajustaram contas

— Viu? Viu?—Pável Pávlovitch deu um salto para Veltchanínov, mal o rapaz saiu.

— Sim, o senhor tem azar!—deixou escapar Veltchanínov sem querer. Não teria dito aquilo se a dor torturante no peito, cada vez mais forte, não estivesse a irritá-lo. Pável Pávlovitch estremeceu, como se se tivesse queimado.

— Então, e o senhor... quer dizer que era com pena de mim que não devolvia a pulseira!

— Não, não tive foi tempo.

— Por ter piedade, do fundo do coração, como um verdadeiro amigo do seu verdadeiro amigo?

— Está bem, pronto, tive pena de si—enraiveceu-se Veltchanínov.

Contou então em breves palavras como recebera de volta a pulseira e como Nadejda Fedosséevna o obrigara, quase à força, a participar...

— Está a ver, eu nunca aceitaria: já sem isso são tantos os desgostos!

— Mas entusiasmou-se e aceitou!—ripostou Pável Pávlovitch entre risinhos.

— Isso é estúpido da sua parte. Mas pronto, tenho de lhe perdoar. Não viu agora mesmo que não sou eu o protagonista deste caso, mas outros?

— Mesmo assim, entusiasmou-se...

Pável Pávlovitch sentou-se e encheu o copo.

— Acha que vou ceder àquele menino? Faça-lhe baixar a cerviz, sim! Amanhã mesmo vou lá e acabo com ele. Com uma fumigação, varremos esses cheirinhos do quarto das crianças...

Emborcou o copo quase todo e voltou a enchê-lo. No geral, estava a assumir uns modos muito desenvoltos, invulgares nele até àquele momento.

— Ora vejam só, a Nádenka e mais o Sáchenka (13), criancinhas tão queridas, eh-eh-eh!

*(13) Diminutivos de Nadejda e Aleksandr. (NT)*

De raiva, estava fora de si. Ribombou de novo um trovão fortíssimo, brilhou um relâmpago deslumbrante e começou a chover a cântaros. Pável Pávlovitch levantou-se e fechou a janela.

— Pergunta-lhe ele: "Tem medo da trovoada?", hi-hi-hi! Veltchanínov tem medo da trovoada! E "Kobílnikov... como é?, Kobílnikov tem... não sei quê..." E sobre os cinquenta anos, que tal? Lembra-se?—esganiçava-se Pável Pávlovitch.

— Estou a ver que o senhor já se instalou cá—observou Veltchanínov, mal conseguindo articular as palavras por causa das dores—,vou deitar-me... e o senhor faça como quiser...

— Com este tempo não se põe na rua nem um cão!—replicou Pável Pávlovitch, ressentido, quase feliz, aliás, por ter uma razão para ficar ressentido.

— Está bem, fique, beba... durma cá, se quiser!—balbuciou Veltchanínov estendendo-se no divã e gemendo baixinho.

— Dormir cá? E o senhor... não terá medo?

— Medo de quê?—ergueu a cabeça Veltchanínov.

— De nada, de nada. Da outra vez o senhor parece que se assustou, ou talvez fosse impressão minha...

— É parvo!—não se conteve Veltchanínov, e virou-se, raivoso, para a parede.

— Não tem importância—respondeu Pável Pávlovitch.

O doente adormeceu num instante. Toda tensão pouco natural de todo este dia, agravada pelos seus fortíssimos distúrbios de saúde dos últimos tempos, caíra de repente, e tornara-o frágil como uma criança. A dor, porém, levou a melhor sobre o cansaço e o sono e, passada uma hora, Veltchanínov acordou em sofrimento e soergueu-se no divã. A tempestade amainara; a sala estava cheia de fumo, a garrafa vazia; Pável Pávlovitch dormia no outro divã, deitado de costas, a cabeça em cima da almofada, calçado e vestido. O seu monóculo, tendo-lhe escorregado do bolso, pendia pelo cordão quase até ao soalho. O chapéu estava ao lado, também no chão. Veltchanínov olhou sombriamente para ele e não quis acordá-lo. Todo dobrado, andava assim pela sala, porque já não aguentava ficar deitado, gemia e pensava no que seria aquela dor.

Tinha medo daquela dor no peito, e não sem razões. Tais ataques já o acometiam havia muito, mas raramente: de dois em dois anos, uma vez por ano. Sabia que era do fígado. A princípio concentrava-se num ponto qualquer do peito, no epigástrico ou mais acima, uma pressão surda, não muito forte mas irritante. A dor, sem parar por um instante que fosse, chegava a prolongar-se por dez horas seguidas e, por fim, tornava-se tão

forte, a pressão ficava tão insuportável que Veltchanínov começava a temer a morte. No decurso do último ataque, havia um ano, quando, ao cabo de dez horas, as dores se acalmaram, estava tão extenuado que mal conseguia mexer a mão; o médico só lhe permitiu, durante todo o dia, que bebesse algumas colheres de chá fraco e comesse um pouco de pão molhado em canja—como a uma criança de peito. As dores eram consequência de várias casualidades, mas sempre a seguir a desarranjos nervosos. Também desapareciam de modo estranho: às vezes conseguia aliviá-las logo no princípio, na primeira meia hora, com compressas quentes, e logo tudo passava de vez; outras vezes, como na última, nada o ajudava: a dor só passou depois de ter tomado, várias vezes, os eméticos. Mais tarde, o doutor confessou que tinha a certeza de que havia intoxicação.

Agora, que faltava ainda tanto para que chegasse a manhã, não tinha vontade de mandar chamar o médico—aliás, não gostava de médicos. Não aguentou e começou a gemer alto. Os gemidos acordaram Pável Pávlovitch, que se soergueu e sentou no divã, ficando assim algum tempo, a escutar com medo e seguindo com os olhos, perplexo, Veltchanínov quase a correr de uma sala para a outra. A garrafa que esvaziara tivera um efeito forte: demorou a perceber o que se passava. Por fim, compreendeu e precipitou-se para Veltchanínov; este balbuciou qualquer coisa.

— É o fígado, eu sei!—agitou-se de repente Pável Pávlovitch.—Piotr Kuzmitch Polossúkhin também tinha ataques assim, é o fígado. O melhor, para já, era pôr compressas quentes. Piotr Kuzmitch punha sempre compressas quentes... É que se pode morrer disso! Vou a correr chamar a Mavra, está bem?

— Não, não vale a pena—recusava-se Veltchanínov, irritadiço—, não quero, não preciso de nada.

Pável Pávlovitch, sabe Deus porquê, estava fora de si, como se se tratasse de salvar a vida do seu próprio filho. Não dava ouvidos a Veltchanínov e insistia na necessidade das compressas e, também, de duas ou três chávenas de chá fraco — bebê-lo de uma vez, "não só quente, mas a ferver!" Acabou por correr para baixo; chamar a Mavra, sem esperar pelo consentimento de Veltchanínov, acendeu o lume na cozinha com a ajuda de Mavra, pôs o samovar a aquecer; entretanto, conseguiu deitar o doente na cama, despiu-lhe o fato, agasalhou-o com o cobertor e, em vinte minutos, preparou o chá e as compressas.

— São pratos bem quentes, a escaldar!—dizia ele ao aplicar o prato aquecido embrulhado numa toalha no peito dorido de Veltchanínov.—Não há outras compressas, mas os pratos, palavra de honra, são a melhor coisa que há: foram experimentados em Piotr Kuzmitch, os meus olhos e as minhas mãos são testemunhas. É que se pode morrer disto! Tome o chá, engula-o, se se queimar não faz mal, a vida é mais preciosa... do que essas casquilharias...

Esfalfou por completo a sonolenta Mavra: os pratos eram mudados a cada três ou quatro minutos. Depois do terceiro prato e da segunda chávena de chá a ferver bebido de um trago, Veltchanínov começou a sentir algum alívio.

— Espantarmos a dor já é um bom sinal, graças a Deus!—gritou Pável Pávlovitch, e correu alegremente a buscar novo prato e novo chá.—O principal é vencer a dor! O principal é fazermos a dor recuar!—repetia a cada instante.

Em meia hora a dor atenuou-se muito, mas o doente já estava tão extenuado que, por mais que Pável Pávlovitch lhe implorasse, não concordou em aguentar "mais um pratinho". Os seus olhos fechavam-se de fraqueza.

— Quero dormir, dormir—repetia com voz débil.

— Ainda bem!—concordou Pável Pávlovitch.

— Deite-se também... que horas são?

— Um quarto para as duas.

— Deite-se.

— Deito, eu deito-me.

Nem um minuto passara e já o doente voltava a chamar Pável Pávlovitch.

— O senhor, o senhor—murmurou, quando este se inclinou sobre ele —,o senhor é melhor do que eu! Compreendo tudo, tudo... obrigado.

— Durma, durma—sussurrou Pável Pávlovitch, e muito depressa, em bicos de pés, dirigiu-se para o seu divã.

O doente, já a adormecer, ainda ouvia Pável Pávlovitch a improvisar uma cama para si, sem fazer barulho, a despir-se e, por fim, a apagar as velas e, quase sem respirar para não fazer barulho, a estender-se no divã.

Sem dúvida, de cansado, Veltchanínov adormeceu logo que as velas foram apagadas: viria a lembrar-se nitidamente disso mais tarde. Mas, desde que caiu no sono até ao momento em que acordou, sonhou que não dormia

e que nunca mais conseguia pegar no sono, apesar da fraqueza que o prostrava. Sonhou mesmo que ia entrar num delírio acordado e que não era capaz de expulsar as visões em chusma à volta dele, apesar da plena consciência de que aquilo era um delírio e não a realidade. As visões eram-lhe familiares: a sala estava cheia de gente, e a porta para o átrio estava aberta; a multidão de pessoas ia entrando e apertava-se nas escadas. À mesa posta no centro da sala estava sentado um homem, tal como no sonho que tivera um mês atrás. Como da outra vez, o homem estava sentado com os cotovelos apoiados na mesa e não queria falar; mas agora tinha um chapéu redondo com fita de luto. "Como? Será verdade que daquela vez também era Pável Pávlovitch?"—pensava Veltchanínov, mas, olhando o homem calado na cara, descobriu que era outra pessoa. "Por que está então de luto?"—não percebia Veltchanínov. O barulho, a conversa e os gritos das pessoas que se apertavam em torno da mesa eram terríveis. Parecia que esta gente tinha ainda maior rancor a Veltchanínov do que no sonho anterior, todos o ameaçavam com as mãos e lhe gritavam qualquer coisa aos berros, mas o quê, concretamente, nunca mais conseguia perceber. "Estou a delirar, sei que isto é delírio!—pensava.—Sei que não conseguia adormecer e me levantei por causa da angústia!..." Mas tudo, os gritos, as pessoas e os seus gestos eram tão naturais, tão reais que, às vezes, tinha dúvidas: "Será possível que isto seja mesmo delírio? O que querem de mim estas pessoas, santo Deus? Mas, se não fosse delírio, seria possível que esta gritaria não tivesse ainda acordado Pável Pávlovitch? É que ele dorme, ali mesmo, no divã!" Por fim, aconteceu qualquer coisa, como da outra vez, no outro sonho: todos se precipitaram para as escadas, onde a confusão era terrível porque, das escadas, já se enfiava para dentro da sala uma nova multidão. E esta nova leva trazia qualquer coisa, grande e pesada: ouvia-se o som pesado dos passos dos carregadores pelos degraus e as suas vozes ofegantes. Na sala, gritaram todos: "Já o trazem, já o trazem!", e todos os olhos cintilavam e fitavam Veltchanínov, toda a gente, ameaçadora e triunfante, lhe apontava as escadas. Já sem dúvidas de que aquilo não era um delírio, mas pura verdade, pôs-se em bicos de pés para ver mais depressa, por cima das cabeças das pessoas, que coisa era aquela que traziam pelas escadas. O coração batia-lhe, batia-lhe e, de repente—tal como no outro sonho—,soaram três campainhadas fortes. E de novo o toque da campainha era tão nítido, tão real, quase palpável, que não era possível,

claro, aquilo acontecer unicamente no sonho!... Veltchanínov, gritando, acordou.

Mas não se precipitou para a porta, como da outra vez. Que pensamento comandou o seu primeiro movimento? Ou teria ele sequer, neste instante, algum pensamento? O certo é que agiu como se alguém lhe sugerisse o que era preciso fazer: saltou da cama atirando-se directamente para o lado onde dormia Pável Pávlovitch, no gesto defensivo de quem quer fazer parar um ataque.

As suas mãos esbarraram logo com outras, já levantadas por cima dele, e agarrou-as com força: alguém, portanto, já se debruçava por cima dele. As cortinas estavam cerradas, mas a escuridão não era completa porque vinha da outra sala, onde não havia cortinas, uma luz fraca. De súbito, sentiu que alguma coisa lhe cortou, com uma dor terrível, a palma e os dedos da mão esquerda, percebendo logo que se tinha agarrado à lâmina de uma faca ou navalha e a apertava fortemente na mão... No mesmo instante, pesadamente, alguma coisa caiu redonda no chão.

Veltchanínov era talvez três vezes mais forte do que Pável Pávlovitch, mas a luta durou bastante tempo, não menos de três minutos. Veltchanínov não tardou a dobrá-lo para o chão e a torcer-lhe os braços para trás, logo com a ideia, não sabia porquê, de que tinha obrigatoriamente de atar-lhe os braços. Às apalpadelas, pôs-se à procura com a mão direita—segurando com a esquerda, ferida, o assassino—do cordão da cortina, demorando a encontrá-lo; por fim apanhou-o e arrancou-o da janela. Ele próprio viria, mais tarde, a espantar-se com a força sobrenatural de que precisou para fazer tudo isso. Durante os três minutos de luta, nenhum deles pronunciou palavra: só se ouvia as suas respirações ofegantes e os sons surdos da luta. Por fim, depois de o ter manietado e atado atrás das costas as mãos de Pável Pávlovitch, Veltchanínov deixou-o no chão, levantou-se, abriu a cortina e ergueu o estore. A luz do amanhecer já clareava na rua deserta. Abriu a janela e ficou alguns instantes parado, inspirando o ar da madrugada. Já passava das quatro. Fechou a janela, aproximou-se sem pressa do armário, tirou uma toalha limpa e fez com ela uma ligadura muito apertada na mão esquerda, para estancar o sangue. A seus pés, no tapete, estava uma navalha de barba aberta; apanhou-a, fechou-a e meteu-a no estojo de barba esquecido desde a manhã anterior em cima da mesinha que estava ao lado do divã onde dormira Pável Pávlovitch; depois, fechou o estojo à chave na

gaveta da escrivaninha. Feito tudo isto, aproximou-se de Pável Pávlovitch e pôs-se a olhar para ele.

Este, entretanto, já tivera tempo de se levantar do tapete, com esforço, e de se sentar na poltrona. Estava em roupa interior, sem botas. Havia sangue nas costas e nas mangas da sua camisa, o sangue da mão cortada de Veltchanínov. Era Pável Pávlovitch, claro, mas, para quem o encontrasse por acaso tal como estava agora, seria quase impossível reconhecê-lo à primeira vista, a tal ponto a sua fisionomia se desfigurara.

Estava sentado, tentando desajeitadamente endireitar-se, o que era difícil por causa das mãos atadas atrás das costas, com a cara torcida, extenuada, esverdeada, tremendo de vez em quando. Olhou com fixidez para Veltchanínov, mas com um olhar cego, como que incapaz de distinguir ainda tudo à sua frente. De repente esboçou um sorriso lorpa e, apontando com a cabeça para o jarro com água em cima da mesa, pronunciou num sussurro breve:—Água...

Veltchanínov encheu um copo e ele próprio lho deu a beber. Pável Pávlovitch engolia avidamente a água e, ao fim de três goladas, levantou um pouco a cabeça, olhou com muita atenção para a cara de Veltchanínov, em frente dele com o copo na mão, mas não disse nada e recomeçou a beber. Ao saciar a sede, suspirou fundo. Veltchanínov pegou na sua almofada e no seu fato, e foi para a outra sala, fechando Pável Pávlovitch à chave na primeira.

A dor no peito passara-lhe por completo, mas voltou a cair numa fraqueza enorme depois da recente explosão de força, que só Deus sabe onde fora buscar. Fez uma tentativa para perceber o que acontecera, mas os pensamentos baralhavam-se-lhe: o choque fora demasiado forte. Ora se lhe fechavam os olhos, por dez minutos às vezes, ora tremia todo, acordava, lembrava-se de tudo, levantava a mão dorida, envolta na toalha já ensopada de sangue, e punha-se a pensar, ansiosa, febrilmente. Apenas percebia com nitidez uma coisa: que Pável Pávlovitch quisera realmente matá-lo à navalhada, mas que talvez nem o próprio Pável Pávlovitch soubesse, um quarto de hora antes, que ia matar. Talvez só à noite tivesse visto de passagem o estojo de barba, sem lhe incitar qualquer ideia, gravando-se-lhe apenas na memória. (As navalhas estavam sempre na escrivaninha, fechadas à chave, e Veltchanínov apenas na manhã anterior as tirara para rapar um pouco ao lado do bigode e das suíças, o que costumava fazer de vez em quando.) "Se tivesse a intenção de me matar há muito tempo, teria

com certeza preparado de antemão uma faca ou uma pistola, não podia contar com as minhas navalhas, que nunca tinha visto até à noite da véspera"—passou-lhe também pela cabeça.

O relógio bateu, finalmente, as seis da manhã. Veltchanínov acordou, vestiu-se e foi ter com Pável Pávlovitch. Ao abrir a porta, espantava-se consigo mesmo: por que fechara aquela porta à chave, em vez de deixar Pável Pávlovitch fugir imediatamente? Para sua surpresa, o prisioneiro já estava completamente vestido: pelos vistos, encontrara maneira de desamarrar as mãos. Estava sentado na poltrona, mas levantou-se mal Veltchanínov entrou. Já tinha o chapéu nas mãos. O seu olhar alarmado como que dizia velozmente: "Não fale, não vale a pena, não há nada de que falar..."

— Vá-se embora!—disselhe Veltchanínov.—Leve o seu estojo—acrescentou, falando-lhe já para as costas.

Pável Pávlovitch deu meia volta junto à porta e voltou, pegou no estojo com a pulseira, meteu-o no bolso e saiu para as escadas. Veltchanínov estava à porta, para a fechar atrás dele. Os seus olhares cruzaram-se pela última vez: Pável Pávlovitch, de repente, parara... olharam-se nos olhos talvez uns cinco segundos—como que vacilando; por fim, Veltchanínov abanou debilmente a mão.

— Vá!—disse a meia voz, e fechou a porta à chave.

## 16 - Análise

Apoderou-se dele um sentimento de enorme alegria: acabara-se tudo, acontecera o desfecho, abandonara-o a angústia terrível, sentia-se desanuviado. Assim lhe parecia. Durara cinco semanas, aquela angústia. Levantava a mão, olhava para a toalha ensopada de sangue e murmurava: "Agora sim, acabou-se tudo definitivamente!" Em toda a manhã, pela primeira vez nas últimas três semanas, quase não pensou em Lisa: como se o sangue da sua mão retalhada pudesse ter "ajustado as contas" também com essa angústia.

Tinha agora a consciência nítida de que se salvara de um perigo terrível. "São essas pessoas—pensava—, são precisamente essas pessoas, que um minuto antes ainda não sabem se vão degolar ou não, que, ao pegarem na faca com as mãos trementes e ao sentirem os primeiros salpicos de sangue quente nos dedos, não só degolam como decapitam "redonda" a cabeça, como se exprimem os forçados. É esta a verdade."

Não aguentava ficar em casa e saiu para a rua, com a convicção de que era preciso fazer imediatamente alguma coisa ou de que alguma coisa lhe ia acontecer espontaneamente. Andava pelas ruas, à espera. Apetecia-lhe muito encontrar-se com alguém, meter conversa nem que fosse com um desconhecido, e foi isso que o levou, finalmente, a pensar num médico e que era necessário pôr uma ligadura a sério na mão. O doutor, um antigo conhecido seu, depois de examinar a ferida, perguntou com curiosidade: "Como aconteceu isso?" Veltchanínov esquivava-se com brincadeiras, ria à gargalhada e por pouco não lhe contou tudo... mas conteve-se. O doutor achou necessário medir-lhe o pulso e, quando soube do ataque da noite anterior, convenceu-o a tomar imediatamente um calmante que tinha ali à mão. Quanto ao corte, tranquilizou-o: "Não pode haver consequências muito graves." Veltchanínov riu-se e, por sua vez, assegurou-lhe que, para já, as consequências eram excelentes. O desejo irreprimível de contar tudo voltou, nesse dia, a apossar-se dele mais duas vezes ainda: uma delas, a um perfeito desconhecido com quem travou conversa numa pastelaria. Antes, detestava travar conversa com desconhecidos nos lugares públicos.

Entrava nas lojas, comprou um jornal, passou por casa do seu alfaiate e encomendou um fato. A ideia de visitar os Pogoréltsev continuava a ser-lhe desagradável e nem queria pensar neles; também não podia ir agora à casa

de campo: como se continuasse sempre à espera de alguma coisa aqui, na cidade.

Almoçou com prazer, conversou com o criado de mesa e com um senhor que comia ao lado dele, bebeu meia garrafa de vinho. Nem sequer pensava na possibilidade de repetição do ataque da sua doença: tinha a certeza de que a doença desaparecera quando ele, depois de ter adormecido prostrado de fraqueza, saltara da cama hora e meia depois e atirara com uma força incrível o seu atacante para o chão. No fim da tarde, porém, começou a ter tonturas e pareceu-lhe que alguma coisa de semelhante ao delírio que tivera a noite passada durante o sono estava de novo a apossar-se dele por instantes. Voltou para casa já ao crepúsculo e, ao entrar, a sala quase o assustou. De facto, o apartamento parecia-lhe agora terrível e assustador. Andou às voltas pelas salas, passou pela cozinha, onde normalmente nunca entrava. "Aqui estiveram ontem a aquecer os pratos"—pensou. Fechou as portas à chave e acendeu as velas mais cedo do que o costume. Quando fechava as portas, lembrou-se de que, meia hora atrás, ao passar pelo cubículo do guarda, chamara Mavra e perguntara-lhe: "Pável Pávlovitch não apareceu, hoje?"—como se fosse possível Pável Pávlovitch aparecer!

Depois de trancar bem as portas, abriu a escrivaninha, tirou o estojo de barba e abriu a navalha "de ontem". Queria vê-la. No cabo branco de marfim tinham ficado vestígios minúsculos de sangue. Voltou a guardar a navalha na gaveta e fechou-a à chave. Tinha sono, sentia que precisava de se deitar imediatamente, "senão amanhã não teria forças para nada". O dia seguinte afigurava-se-lhe, por qualquer razão desconhecida, como um dia fatal e "decisivo". Mas os mesmos pensamentos que não o largaram na rua, durante todo o dia, remexiam e tamborilavam na sua cabeça doente, incansável e implacavelmente, e ele continuava a pensar, a pensar, a pensar, e demorou muito a adormecer...

"Se for verdade que ele se levantou sem querer para me degolar—não parava de pensar—, não poderia essa ideia ter-lhe passado pela cabeça já antes, pelo menos uma vez, pelo menos como um devaneio num momento de raiva?"

Resolveu o problema de maneira estranha: concluiu que "Pável Pávlovitch queria matá-lo, mas a ideia de assassinio nenhuma vez passara pela cabeça do potencial assassino". Numa palavra: "Pável Pávlovitch queria matar, mas não sabia que queria matar. Isso não faz sentido, mas é

verdade—pensava Veltchanínov.—Veio à capital não para arranjar um cargo nem por causa do Bagaútov, muito embora solicitasse de facto o cargo e passasse por casa de Bagaútov, tendo mesmo ficado furioso quando este morreu: desprezava Bagaútov como a uma lasca no dedo. Não, veio por causa de mim, e trouxe a Lisa..."

"E quanto a mim, esperava ou não que ele me degolasse?" Decidiu que sim, que estava à espera disso, precisamente a partir do momento em que o viu no coche, atrás do caixão de Bagaútov... sim, "aí comecei como que à espera de alguma coisa... mas, evidentemente, não disso, não esperava que me degolasse!"

"Ora, seria verdade, seria mesmo verdade—exclamava, levantando de repente a cabeça da almofada e abrindo os olhos—tudo aquilo que esse... louco me declarou ontem sobre o seu amor por mim, quando lhe tremia o queixo e batia com o punho no peito?"

"A pura da verdade!—decidiu, aprofundando incansavelmente a sua análise. — Esse Quasímodo da cidade de T... tinha dentro dele bastante estupidez e nobreza para se apaixonar pelo amante da sua mulher, mulher cujos adultérios ele não descobrira em vinte anos de vida com ela! Durante nove anos teve respeito por mim, venerou a minha memória e decorou as minhas "sentenças"—meu Deus, e eu nem sequer sabia de nada! Não, ele ontem não podia estar a mentir! Mas gostaria mesmo de mim, ontem, quando me declarava o seu amor e dizia: "ajustemos contas"? Sim, amava-me com raiva, que é o amor mais forte..."

"Foi muito possível, ou mesmo certo, que lhe produzi uma impressão enorme em T..., é isso, enorme e "agradável", e foi precisamente com Schiller, na encarnação de Quasímodo, que pôde acontecer tal coisa! Ele exagerou as minhas qualidades cem vezes, porque o impressionei de mais no seu retiro filosófico..."

Seria curioso saber: com que o terei impressionado, concretamente? Às tantas, sei lá, com luvas novas e porque sabia pô-las. Os Quasímodos gostam de estética, e de que modo! Para certas almas nobilíssimas, ainda por cima da categoria dos "eternos maridos", bastam as luvas. O resto acrescentá-lo-ão eles próprios, mil vezes multiplicado, e até brigarão por nossa causa, se quisermos. Vejam só que alto apreço ele dá aos meus meios de sedução! Se calhar, os meios de sedução, precisamente, espantaram-no mais do que tudo o resto. E o seu grito, daquela vez: "Se este também foi, se foi também ele, em quem posso então confiar?"

Depois de um grito destes, a pessoa pode transformar-se numa besta!...

"Humm! Veio cá para "abraçar-se a mim e chorar"—como ele próprio se exprimiu de maneira tão vil—,ou seja, veio cá para me degolar, mas pensava que "ia abraçar-se a mim e chorar"... Também trouxe a Lisa. Uma ideia: se eu tivesse chorado com ele, teria sido capaz de realmente me perdoar, porque ele desejava muito perdoar!... Tudo isso, no primeiro encontro, tomou a forma de uma palhaçada de bêbedo, de uma caricatura e de um uivo nojento e efeminado sobre a ofensa. (Aqueles cornos, aqueles cornos que ele fez na testa com os dedos!) Para isso chegava embriagado: para poder dizer o que queria, quanto mais não fosse com palhaçadas, pois de outra maneira, que não bêbedo, não seria capaz...

Mas gostava de fazer palhaçadas, sim senhor, gostava mesmo! Que contente ficou quando me obrigou a dar-lhe um beijo! Só que não sabia, então, como iria acabar a coisa: abraçar-me ou degolar-me? O resultado, claro, foi que seria melhor ambas as coisas juntas. A solução mais natural! Pois é, a natureza não gosta de monstros e dá cabo deles com "soluções naturais". O monstro mais monstruoso é o que tem sentimentos nobres: conheço-o, Pável Pávlovitch, por experiência própria! A natureza, para o monstro, não é uma mãe carinhosa, mas madrasta. A natureza dá à luz um monstro, mas em vez de ter pena dele, castiga-o... e é bem feito! Os abraços e as lágrimas de perdão cristão, no nosso século, custam caro até às pessoas decentes, já para não falar daquelas como eu e o senhor, Pável Pávlovitch!

"Sim, foi suficientemente parvo para levar-me à sua noiva—meu Deus, noiva! Só um Quasímodo como ele poderia conceber semelhante ideia de "ressurreição para uma vida nova" através da inocência de Mademoiselle Zakhlebínina! Mas o senhor não tem culpa, Pável Pávlovitch: se o senhor é monstro, tudo em si deve ser monstruoso—os seus sonhos, as suas esperanças. Contudo, embora monstro, duvidou do seu sonho, por isso precisou da alta sanção de Veltchanínov, estimado e venerado. Tinha necessidade da aprovação de Veltchanínov, uma confirmação da sua parte de que o seu sonho não era sonho, mas uma autêntica vida. Levou-me lá porque me respeitava e venerava e tinha fé na nobreza dos meus sentimentos — tendo também a fé, provavelmente, de que lá, debaixo de um arbusto, ao lado da inocência, nos abraçaríamos e choraríamos. Sim! Este "eterno marido" devia, tinha mesmo a obrigação de, pelo menos uma vez na vida, castigar-se a si próprio por tudo, e radicalmente, e para se impor o castigo agarrou-se à navalha—sem querer, é verdade, mas agarrou-

se! "Porque, afinal de contas, ele sempre lhe espetou a faca, e na presença do governador!" A propósito, tinha ou não alguma ideia neste sentido quando me contou a sua anedota sobre o Schaffer? Havia alguma coisa neste sentido quando, naquela outra noite, se levantou da cama e parou no meio da sala? Humm. Não, o senhor deixou-se ficar ali especado por brincadeira. Levantou-se para fazer as necessidades, mas, quando me viu assustado, não quis responder-me durante dez minutos porque lhe dava um grande prazer ver-me com medo de si... Nessa ocasião talvez lhe tivesse passado realmente pela cabeça, pela primeira vez e ainda vagamente, qualquer coisa do género... quando estava ali especado, na escuridão...

"Mesmo assim, se eu ontem não me tivesse esquecido das navalhas em cima da mesa, talvez não tivesse acontecido nada. De certeza? De certeza? Porque o certo é que me evitava antes, durante duas semanas não apareceu: escondia-se de mim, tendo pena de mim! Por que escolheu, no início, o Bagaútov e não a mim? E levantou-se de noite, andou numa azáfama a aquecer pratos para mim, pensando que era possível uma viragem: da navalha para o enternecimento!... Queria salvar-se a si mesmo e a mim... com pratos quentes!..."

E, durante muito tempo ainda, a cabeça do ex-"homem de alta sociedade" trabalhou assim, como quem tira água do poço com uma peneira, até que se acalmou. Acordou no dia seguinte, com a cabeça na mesma doente, mas com um novo e completamente inesperado terror.

Este novo terror provinha da sua convicção absoluta, subitamente consolidada no seu íntimo, de que ele, Veltchanínov (homem de alta sociedade), hoje mesmo, por sua própria vontade, acabaria por ir ver Pável Pávlovitch—porquê e para quê?

Não sabia e tinha repugnância em saber; apenas tinha a certeza de que se arrastaria para lá, inevitavelmente.

Esta loucura—não tinha outro nome para isso—desenvolveu-se, no entanto, até um ponto tal que assumiu, na medida do possível, uma forma racional e arranjou um pretexto bastante legítimo: tinha como que o pressentimento de que Pável Pávlovitch voltava aos seus quartos mobilados, fechava a porta à chave e... se enforcava como aquele contabilista de que falara Maria Sissóevna. Este devaneio do dia anterior transformara-se a pouco e pouco, na sua cabeça, numa convicção absurda mas irrefutável. "Por que quereria esse parvo enforcar-se?"—tentava Veltchanínov, a cada instante, refutar as suas próprias ideias. Lembrou-se

das palavras que Lisa outrora dissera... "Aliás, eu, no lugar dele, talvez me enforcasse..."—chegou a pensar.

Por fim, em vez de ir almoçar, dirigiu-se a casa de Pável Pávlovitch. "Pergunto só a Maria Sissóevna"—decidiu. Porém, nem tivera ainda tempo de sair para a rua e já parava de repente, debaixo do portão.

— Será que, será que—exclamou, enrubescendo de vergonha—,será que me arrasto para lá para "nos abraçarmos e chorarmos"? A toda esta vergonha faltará ainda acrescentar este nojo absurdo?

No entanto, por providência de todas as pessoas decentes e educadas, foi salvo do tal "nojo absurdo". Mal saiu para a rua, esbarrou com Aleksandr Lóbov. O jovem estava ofegante e emocionadíssimo.

— Ia agora a sua casa! O seu companheiro, Pável Pávlovitch, veja lá!

— Enforcou-se?—murmurou como um louco Veltchanínov.

— Quem se enforcou? Porquê?—esbugalhou os olhos Lóbov.

— Nada... não ligue. Continue!

— Fu, c'os diabos, que modo engraçado de pensar tem o senhor, francamente! Não se enforcou (ia enforçar-se porquê?). Pelo contrário: foi-se embora. Acabei de metê-lo no comboio, partiu. F-fu, como ele bebe, francamente! Bebemos três garrafas, também com o Predpossílov. Mas... como esse senhor bebe, irra! Cantava na carruagem, acenava com a mão, mandava cumprimentos para o senhor. É um canalha, não acha?

O jovem, de facto, estava com os copos: a cara avermelhada, os olhos brilhantes e a língua desobediente eram disso testemunhos claros. Veltchanínov riu-se à gargalhada:—Então, sempre chegaram a beber em Brüderschaft (14)! Ah-ah! Abraçaram-se e choraram juntos! Ah, seus Schiller-poetas!

*(14) Do alemão "fraternidade"—uma forma de consolidar a amizade, quando duas pessoas bebem simultaneamente os seus copos, trocam beijos e, a partir desse momento, passam a tratar-se por "tu". (NT)*

— Não censure, por favor. Sabe uma coisa? Ele desistiu de lá, definitivamente.

Foi lá ontem e hoje. "Bufou" horivelmente. Fecharam a Nádia, está nas águas-furtadas. Gritos, lágrimas... mas não vamos recuar! Mas como ele bebe, francamente, como ele bebe! E sabe o mauvais ton que ele é, quer dizer, não é bem mauvais ton, mas... como hei-de dizer?... E sempre a

lembrar-se do senhor... Mas não há comparação possível! De qualquer modo, o senhor é um homem decente e, outrora, pertenceu realmente à alta sociedade, mas está a afastar-se dela, por pobreza, ou não sei quê... Cos diabos, não percebia bem o que ele dizia.

— Ah-ah, então falou-lhe de mim nesses termos?

— Foi o que ele disse, mas não se zangue. Ser cidadão é melhor do que pertencer à alta sociedade. Digo isto porque na Rússia, no século que corre, já não sabemos por quem ter respeito. Tem de concordar que é uma doença grave do século: não se saber por quem se há-de ter respeito, não é verdade?

— É verdade, é... mas então, ele...?

— Ele? Quem? Ah, sim! Por que estaria ele sempre a bater no mesmo: o Veltchanínov cinquentão, mas perdulário? Porquê: mas perdulário, e não e perdulário? Ria-se muito, repetia isso vezes sem conta. Entrou no comboio, sentou-se, desatou a cantar e a chorar: qualquer coisa de verdadeiramente abominável, um bêbedo de meter dó. Ah, não gosto de gente parva! Desatou a atirar dinheiro aos pedintes, por alma de uma tal falecida Lisaveta... Era a mulher dele?

— Filha.

— O que tem na mão?

— Cortei-me.

— Não tem importância, isso passa. Sabe uma coisa? Ainda bem que ele se foi embora, mas posso apostar que lá, no lugar para onde foi, vai casar-se de imediato, não acha?

— Mas o senhor também quer casar-se, não?

— Eu? Comigo é diferente, não nos compare! Se o senhor é cinquentão, então ele é "sessentão", e aqui, paizinho, é preciso lógica! Sabe uma coisa? Dantes, as minhas convicções eram de eslavófilo puro, mas agora estamos à espera de um alvorecer do Ocidente... Pronto, até logo, ainda bem que o encontrei sem ser preciso subir; é que, já agora, não entro, desculpe, não tenho tempo!...

E deitou a correr.

— Ah, esquecime completamente!—Voltou atrás de repente.—Ele deu-me uma carta para lhe entregar! Aqui está ela. Por que não foi despedir-se dele à estação?

Veltchanínov voltou para casa e abriu o sobrescrito a ele endereçado.

Não havia uma única linha de Pável Pávlovitch, o sobrescrito continha uma outra carta, já antiga, com o papel amarelecido e a tinta desbotada. Era

datada de dez anos atrás, dois meses depois da sua partida de T..., e com o seu endereço de Petersburgo. A carta acabara por não ser enviada e, em vez dela, Veltchanínov recebera outra. Natália Vassílievna despedia-se dele para sempre—do mesmo modo que na outra carta—,mas confessava-lhe que amava outro homem e não escondia a sua gravidez. Para consolá-lo, prometia-lhe arranjar maneira de lhe entregar o futuro filho; afirmava também que, a partir desse momento, tinham ambos outras obrigações e que a amizade entre eles ficava consolidada para sempre—numa palavra, havia pouca lógica naquilo tudo, mas o objectivo era o mesmo: que ele a libertasse do seu amor. Até o autorizava a passar por T... dentro de um ano, para ver a criança. Só Deus sabia por que mudara ela de ideias e mandara a outra carta em vez desta.

Veltchanínov, enquanto lia, estava pálido, mas imaginava também Pável Pávlovitch a encontrar a carta no cofrezinho de família em ébano com incrustações de madrepérola e a lê-la pela primeira vez.

"Talvez também tenha empalidecido como um morto—pensou, ao olhar por acaso para o espelho e ao ver a sua cara—,talvez a estivesse a ler, fechasse os olhos na esperança de, ao abri-los, a carta se transformasse num simples papel branco... Talvez tenha repetido a experiência três vezes!..."

## 17 - O eterno marido

Quase dois anos se passaram sobre a aventura que acabámos de descrever. Num belo dia de Verão, vamos encontrar o senhor Veltchanínov numa carruagem de um dos nossos recém-inaugurados caminhos-de-ferro. Ia a Odessa visitar um amigo e, ao mesmo tempo, por causa de outro assunto, também bastante agradável: por intermédio do tal amigo, tinha a esperança de arranjar um encontro com uma senhora extremamente interessante, a quem havia muito desejava ser apresentado.

Sem entrarmos em pormenores, limitamo-nos a dizer que, nos dois últimos anos, Veltchanínov se regenerara muito, ou melhor, se reeducara. Quase não havia sinais da sua antiga hipocondria. Das várias "recordações" e preocupações — consequências da doença—que o assediavam dois anos atrás em Petersburgo, durante o processo judicial que nunca mais chegava a bom termo, apenas persistia nele a vergonha oculta de ter sido tão pusilânime. Consolava-o, em parte, a certeza de que tal situação nunca mais se repetiria e de que nunca ninguém saberia disso. É verdade que, na altura, abandonara a sociedade, se vestia mal, se escondia de toda a gente—coisa em que toda a gente reparava. Porém, reapareceu tão depressa, arrependido e, ao mesmo tempo, ressuscitado e seguro de si, que "toda a gente" lhe perdoou de imediato o curto afastamento; mesmo aqueles a quem, dois anos antes, deixara de cumprimentar o reconheceram e lhe estenderam a mão, ainda por cima sem quaisquer aborrecidas indagações — como se ele, durante aquele tempo todo de ausência, tivesse estado muito longe, por causa de problemas familiares que nada tivessem a ver com a sociedade, e só agora voltava. A causa de tais mudanças, para melhor, sensatas e vantajosas, residia sem dúvida no litígio que ganhou. Veltchanínov recebeu, no total, sessenta mil rublos—nada de especial, claro, mas para ele era muito importante: em primeiro lugar, começou logo a sentir terra firme debaixo dos pés e, por isso, a sentir-se também moralmente satisfeito; tinha agora a certeza de que não desbarataria "como um parvo" este seu último dinheiro, como fizera antes com duas outras fortunas, e que este dinheiro lhe chegaria para toda a vida.

"Por mais que o edifício social deles abrisse fendas e o que quer que fosse que eles proclamassem—pensava às vezes, auscultando e espreitando todas as coisas espantosas e incríveis que aconteciam à sua volta e por toda

a Rússia—,fosse o que fosse em que se transformassem as pessoas e as ideias, terei sempre, pelo menos, este almoço fino e saboroso que vou agora comer; portanto, estou preparado para tudo." Esta ideia carinhosa até à volúpia foi a pouco e pouco apoderando-se dele por completo, a ponto de lhe provocar uma viragem na vida, mesmo física, já sem falar na moral: tinha agora uma aparência bem diferente em comparação com aquele "hámster" que fora dois anos atrás, que descrevemos acima e a quem já começavam a suceder histórias tão indecorosas. Tinha um ar alegre, desanuviado, imponente. Até as rugas malignas que se lhe tinham acumulado aos lados dos olhos e na testa quase se tinham alisado. Até as cores das suas faces mudaram—ficaram mais brancas, mais rosadas. Neste momento estava sentado num lugar confortável de uma carruagem de primeira classe, e na sua mente desabrochava uma ideia engraçada: é que a estação seguinte era um cruzamento, havendo um ramal novo para a direita. "Se eu abandonar provisoriamente a linha directa e seguir pelo ramal, haverá apenas mais duas paragens até que possa visitar uma senhora conhecida que acaba de voltar do estrangeiro e se encontra agora na solidão da província, agradável para mim, mas talvez muito enfadonha para ela; portanto, há a possibilidade de um passatempo não menos interessante do que em Odessa, de mais a mais aquilo lá em Odessa também não foge..." Vacilava ainda, sem tomar a decisão definitiva, "à espera de um estímulo". Entretanto, a estação aproximava-se; o estímulo também não se fez esperar.

O comboio parava quarenta minutos nesta estação e era oferecido um almoço aos passageiros. Como de costume, à entrada da sala para os passageiros das primeira e segunda classes acumulava-se um público impaciente e apressado, e—talvez também como de costume—aconteceu um escândalo. Uma senhora, que saíra da carruagem de segunda classe, muitíssimo bonita mas demasiado ataviada para viajante, quase arrastava consigo um ulano, oficial muito jovem e bem apessoado que tentava escapar-lhe das mãos. O jovem oficial estava bastante embriagado, e a senhora, pelos vistos uma sua parente mais velha, não o largava, com receio de que o jovem se precipitasse directamente para o bufete das bebidas. Entretanto, no meio do aperto, um comerciante, monstruosamente bêbedo e em plena pândega, esbarrou com o jovem ulano. Este comerciante ficara atascado na estação ia já no segundo dia, bebia e esbanjava dinheiro, rodeado de amigalhões, e não havia meio de apanhar um comboio a tempo para seguir viagem. Travou-se uma discussão, o oficialzeco berrava para

um lado, o comerciante praguejava para outro, a senhora estava desesperada e tentava tirar o ulano do meio da confusão, exclamando em voz suplicante: "Mítenka! Mítenka!" Ao comerciante, tal pareceu demasiado escandaloso; toda a gente se ria, também, mas o comerciante ficou ressentido, agora mais pela moral que, a seu ver, fora ofendida.

— Vejam só: "Mítenka!..."—disse com censura, imitando a vozinha fina da senhora.—Nem diante das pessoas têm respeito!

E, aproximando-se, gingão, da senhora que se sentara apressadamente na primeira cadeira que lhe calhou, conseguindo sentar o ulano a seu lado, passou um olhar de desprezo por ambos e pronunciou, esticando as palavras:—Sua galdéria de saia emporcalhada!

A senhora guinchou e pôs-se a olhar à volta à espera de socorro. Tinha vergonha, tinha medo e, ainda por cima, o jovem oficial saltou do lugar e, aos berros, atirou-se contra o comerciante, mas escorregou e caiu de novo em cima da cadeira. As gargalhadas em volta aumentavam, e ninguém pensava em meter-se para ajudar. Foi Veltchanínov quem valeu à senhora: agarrou bruscamente no comerciante pelos colarinhos, virou-o e empurrou-o cinco passos para longe da mulher assustada. E com isso terminou o escândalo: o comerciante quedara-se pasmado, tanto com o empurrão como com a figura imponente de Veltchanínov; os amigalhaços levaram-no imediatamente dali. A figura respeitável do senhor elegantemente vestido provocou um efeito forte também nos zombadores: a risota parou. A senhora, muito corada e quase em lágrimas, desfazia-se em agradecimentos. O ulano murmurava: "Obrigao, obrigao!", quis apertar a mão a Veltchanínov mas, em vez disso, lembrou-se de repente de se estender em cima das cadeiras.

— Mítenka!—gemeu a senhora com censura, levantando os braços.

Veltchanínov estava contente com a aventura e com as circunstâncias que a rodeavam. A senhora interessava-lhe: por todos os indícios, tratava-se de uma provinciana rica, vestida luxuosamente mas com mau gosto, com modos um pouco ridículos—ou seja, reunia em si todas as características que garantiam o êxito de um janota da capital com determinadas intenções em relação a uma mulher.

Travou-se conversa. A senhora contava as coisas com ardor e queixava-se do seu marido que "de repente, desapareceu da carruagem e foi por causa disso que tudo aconteceu, porque ele é sempre assim, quando se precisa dele é que desaparece..."

— Para fazer as necessidades...—murmurou o ulano.

— Ah, Míténka!—voltou a levantar os braços a senhora. "O marido vai levar!" — pensou Veltchanínov.

— Como se chama ele? Vou buscá-lo—propôs à senhora.

— Pai Pálitch—respondeu o ulano.

— O seu marido chama-se Pável Pávlovitch?—perguntou Veltchanínov com curiosidade, e de repente uma cabeça careca familiar interpôs-se entre ele e a senhora. Num instante ressurgiu na sua imaginação o jardim dos Zakhlebínin, as brincadeiras inocentes e a enfadonha cabeça careca a meter-se constantemente entre ele e Nadejda Fedosséevna.

— Até que enfim, meu senhor!—gritou histericamente a esposa.

Era Pável Pávlovitch em pessoa: olhava para Veltchanínov com espanto e medo, petrificado diante dele como diante de um fantasma. O seu pasmo era tanto que, durante algum tempo, não percebia com que o metralhava a esposa irritada e ofendida. Por fim percebeu de uma vez todo o horror da sua situação: a sua culpa, aquilo do Míténka e também o facto de que este "mossiú"—a senhora, por qualquer razão, chamava assim a Veltchanínov—"foi um autêntico anjo-da-guarda para nós, um salvador, e o senhor... o senhor desaparece sempre que devia estar aqui..."

Veltchanínov desatou de repente às gargalhadas.

— Mas eu e ele somos amigos, amigos de infância!—exclamava diante da senhora surpreendida e abraçava com o braço direito, familiar e protectoramente, os ombros de Pável Pávlovitch que esboçava um sorriso amarelo.—Ele não lhe falou no Veltchanínov?

— Não, nunca falou—disse a senhora um tanto confusa.

— Então apresente-me, amigo pérfido, apresente-me à sua esposa!

— Lípotchka (15), ele é realmente o senhor Veltchanínov, pois...—começou e logo se interrompeu vergonhosamente Pável Pávlovitch. A esposa corou e chispou raivosamente dos olhos, talvez por causa daquele "Lípotchka".

### *(15) Diminutivo de Olimpíada. (NT)*

— Imagine, nem sequer me comunicou o casamento, quanto mais convidar-me... contudo, Olimpíada...

— Semiónovna—ajudou Pável Pávlovitch.

— Semiónovna!—emitiu o ulano, de repente acordado.

— Contudo... perdoe-lhe por mim, Olimpiáda Semiónovna, em honra deste encontro de velhos amigos... Ele é um bom marido!

Veltchanínov deu uma palmada amigável no ombro de Pável Pávlovitch.

— Pois eu, minha alminha, saí daqui só por um minutinho... e atrasei-me... — começou a justificar-se Pável Pávlovitch.

— E deixou a sua mulher sujeita ao opróbrio!—aproveitou imediatamente Lípotchka.—Quando é preciso nunca está, mas, onde não faz falta nenhuma, lá está caído...

— Onde não faz falta nenhuma, lá está... onde não é preciso... Lípochka quase resfolegava de emoção; ela própria sabia que era indecoroso proceder assim na presença de Veltchanínov, mas não conseguia conter-se.

— Onde não é preciso, o senhor é demasiado cauteloso, demasiado cauteloso! — escapou-lhe.

— Procura os amantes... debaixo da cama... debaixo da cama—secundou o Mítenka, de repente muito animado.

Com o Mítenka já não havia nada a fazer. De resto, tudo acabou às mil maravilhas: travara-se conhecimento. Mandaram Pável Pávlovitch buscar café e canja. Olimpiada Semiónovna explicou a Veltchanínov que eles iam agora da cidade de O..., onde o marido prestava serviço, passar dois meses na aldeia deles, que era perto, apenas a quarenta verstás, que tinham lá uma bela casa com jardim, que recebiam a visita de alguns convidados, que tinham bons vizinhos, e que, se Aleksei Ivánovitch lhes desse a honra de os visitar no seu retiro, recebê-lo-ia como seu anjo-da-guarda que era, porque não podia lembrar-se sem terror do que poderia ter acontecido se não... E assim por diante... numa palavra, "como seu anjo-da-guarda..."

— E salvador, e salvador—insistia com ardor o ulano. Veltchanínov agradeceu educadamente e respondeu que estava sempre pronto, que era um homem completamente ocioso e sem obrigações, e que o convite de Olimpiada Semiónovna era muito lisonjeiro para ele. Depois entabulou-se uma conversa em tom divertido em que Veltchanínov, de modo feliz, introduziu dois ou três cumprimentos.

Lípotchka corou de prazer e, mal voltou Pável Pávlovitch voltou, declarou-lhe com entusiasmo que Aleksei Ivánovitch era tão bom que aceitara o seu convite de ser hóspede deles durante um mês e que prometera aparecer dentro de uma semana.

Pável Pávlovitch, perdido, sorriu e não disse nada. Olimpíada Semiónovna fez um gesto de ombros e ergueu os olhos para o céu. Por fim, despediram-se: mais agradecimentos, mais "anjos-da-guarda", mais "Mítenka"... Pável Pávlovitch levou finalmente a esposa e o ulano e instalou-os na carruagem. Veltchanínov acendeu um charuto e pôs-se a passear pela galeria em frente da estação: sabia que Pável Pávlovitch viria de novo falar com ele antes do sinal de partida. E veio. Apareceu diante dele com uma interrogação alarmada nos olhos e em toda a fisionomia. Veltchanínov riu-se, pegou o outro pelo cotovelo, "amigavelmente", e, puxando-o para o banco mais próximo, sentou-se e sentou-o a seu lado. Calava-se, queria que Pável Pávlovitch fosse o primeiro a falar.

— Então, vai visitar-nos?—balbuciou este, abordando directamente o assunto.

— Já sabia! Não mudou nadinha!—riu Veltchanínov.—Será possível que o senhor—deu-lhe outra vez uma palmada no ombro—alguma vez tenha pensado, por um instante que fosse, que eu ia realmente visitá-lo e, ainda por cima, ficar um mês em sua casa? Ah-ah!

Pável Pávlovitch todo se agitou.

— Então... não vai?—gritou sem esconder a sua alegria.

— Não, não irei!—ria Veltchanínov, contente de si. De resto, ele próprio não sabia por que achava tanta piada a isso, mas o certo é que a situação lhe parecia cada vez mais cómica.

— Está... está a falar verdade?—Dizendo isto, Pável Pávlovitch até deu um pulinho, numa expectativa emocionada.

— Já lhe disse que não vou... mas que esquisito o senhor é!

— Mas... sendo assim, o que vou dizer a Olimpíada Semiónovna quando o senhor, daqui a uma semana, não aparecer? Ela está à espera...

— Grande problema! Diga-lhe que parti uma perna, ou algo do género.

— Ela não vai acreditar—gemeu Pável Pávlovitch.

— E haverá sarilhos, é?—continuava a rir Veltchanínov.—Estou a ver que o meu pobre amigo tem muito medo da sua bela esposa, não tem?

Pável Pávlovitch tentou sorrir, mas não resultou. Por um lado, era bom que Veltchanínov não quisesse visitá-los, por outro, era bastante feio que se permitisse tais familiaridades em relação à sua esposa. Pável Pávlovitch ficou ressentido, e Veltchanínov reparou nisso. Entretanto, já tinha soado o segundo sinal. Vinda da carruagem, ouvia-se uma vozinha longínqua a chamar, preocupada, Pável Pávlovitch. Este agitou-se, mas não acorreu logo

ao chamamento, esperando pelos vistos mais alguma coisa da parte de Veltchanínov, talvez a renovação da promessa de que não os visitaria.

— Como é o nome de solteira da sua mulher?—interessou-se Veltchanínov, fingindo não notar a preocupação de Pável Pávlovitch.

— É filha do nosso inspector eclesiástico—respondeu Pável Pávlovitch, à escuta e lançando olhares de pânico para as carruagens.

— Ah-ah, percebo... É bonita.

Pável Pávlovitch ficou de novo ressentido.

— E quem é esse vosso Míténka?

— Não é ninguém, apenas um parente afastado nosso, ou seja, meu, filho de uma prima minha, já falecida. O apelido dele é Golúbtchikov e foi posto na reserva compulsiva, como desordeiro, mas foi perdoado... arranámos-lhe o fardamento todo... É um jovem desgraçado...

"Pois, pois, tudo em ordem, o casal completo!"—pensou Veltchanínov.

— Pável Pávlovitch!—ouviu-se de novo o clamor longínquo da carruagem, já com uma nota de bastante irritação.

— Pai Pálitch!—ouviu-se outra voz, rouca.

Pável Pávlovitch voltou a agitar-se, mas Veltchanínov agarrou-o com força pelo braço e fê-lo parar.

— E se eu fosse lá agora e contasse à sua mulher como o senhor me quis degolar?

Quer?

— Não, por amor de Deus!—assustou-se terrivelmente Pável Pávlovitch.—Deus nos livre!

— Pável Pávlovitch! Pável Pávlovitch! Pável Pávlovitch! -voltaram a ouvir-se as vozes.

— Está bem, vá lá!—largou-o finalmente Veltchanínov, continuando a rir com benevolência.

— Então, não irá?—sussurrava quase desesperado Pável Pávlovitch, e até ergueu as mãos juntas diante dele, à maneira antiga.

— Juro, juro que não vou! Corra, senão ainda arranja sarilhos! E estendeu-lhe, francamente, a mão. Estendeu-lha e estremeceu: Pável Pávlovitch não lhe aceitou a mão, até retirou a sua.

Soou o terceiro sinal.

De súbito, algo se passou com os dois homens, como que se transfiguraram, ambos.

Dentro de Veltchanínov foi como se alguma coisa tremesse e se rompesse, ele que ainda um momento antes se ria tanto. Agarrou com força e fúria no ombro de Pável Pávlovitch.

— Se eu, eu, lhe estendo a mão—mostrou-lhe a palma da mão esquerda, com uma grande cicatriz do corte—,o senhor bem podia aceitá-la!— sussurrou com os lábios exangues e trementes.

Pável Pávlovitch também empalideceu, os seus lábios também tremeram. Umas convulsões começaram, subitamente, a percorrer-lhe a cara.

— E Lisa?—balbuciou num sussurro rápido e, de repente, tremeram-lhe os lábios, as bochechas, o queixo, jorraram-lhe as lágrimas dos olhos. Veltchanínov estava diante dele, petrificado.

— Pável Pávlovitch! Pável Pávlovitch!—vociferavam da carruagem, como se estivessem ali a esfaquear alguém, e... de repente soou um apito.

Pável Pávlovitch voltou a si, esbracejou e começou a correr desenfreado. O comboio já arrancava, mas ele conseguiu agarrar-se e saltar para a sua carruagem. Veltchanínov ficou na estação e só ao fim da tarde partiu, no próximo comboio e pela linha directa. Não tomou o ramal da direita, rumo à casa da sua amiga provinciana: estava de demasiado mau humor. Mas como o viria a lamentar, mais tarde!

FIM